



UNIVERSIDADE ABERTA

**EMPODER'ARTE COM IGUALDADE: UM PROJETO DE
INTERVENÇÃO ATRAVÉS DA ARTE, JUNTO DE HOMENS VÍTIMAS
DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Marina Jesus Silva

Relatório de estágio

**Mestrado em Estudos sobre as
Mulheres - Género, Cidadania e
Desenvolvimento**

**Orientadora: Prof.^a Doutora
Maria do Rosário Tomás Rosa**

Janeiro 2024

Agradecimentos

Obrigada à Cáritas Diocesana de Aveiro, especialmente à Dr.^a Dora Graça por ter sempre acreditado em mim e por me ter oferecido a oportunidade de realizar o estágio na Casa de Abrigo para homens vítimas de violência doméstica. Obrigada pela sua generosidade.

Obrigada à Dr.^a Catarina Neves pela presença e colaboração constante, pelos conselhos, pela partilha de conhecimentos, pelo encorajamento, por ter sido sempre uma aliada fundamental ao longo do tempo de vigência do estágio e na implementação do projeto. Sem a tua ajuda, teria sido bem mais desafiante. Foi (e é) um privilégio aprender contigo. És uma profissional de “mão cheia” e das pessoas mais bondosas que já conheci.

Obrigada à orientadora Professora Doutora Maria do Rosário Tomás Rosa que embora longe, esteve sempre tão perto, à distância de um pequeno clique. Obrigada pelas propostas de leitura, pelas recomendações e sugestões, por me incitar a dar o meu melhor. Foi um gosto conhecê-la e poder contar consigo durante este ano que foi tão intenso e gratificante.

Obrigada aos meus pais, Vítor e Rosinda, ao meu irmão João, e ao Tiago, o meu companheiro de aventuras, pelo vosso carinho e amor incondicional. Sem o vosso apoio e incentivo constantes, não sei se teria sido capaz de ir até ao fim deste percurso.

Obrigada à minha prima Vanessa e ao meu primo Frederico (não desfazendo as outras primas e primos que também adoro) pela partilha de perspetivas sobre as desigualdades de género e outros tantos assuntos que nos dizem respeito enquanto cidadãos e cidadãs. Obrigada por me ajudarem a pensar, por me incitarem a questionar as minhas “verdades”.

Obrigada aos utentes da casa de abrigo por terem aceitado partilhar comigo as suas histórias e vivências e por terem ultrapassado o medo do desconhecido, participando nas diversas atividades que propus no âmbito do projeto “Empoder’Arte Com Igualdade”. Guardo os

momentos que vivemos juntos com grande estima. Espero ter espalhado entre vós as sementes da igualdade de género. Que a vida vos sorria sempre.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

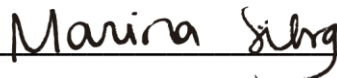
I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.ª série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 5 de Janeiro de 2024

Nome completo/Full name: Marina Jesus Silva

Assinatura/Signature:

A handwritten signature in black ink that reads "Marina Jesus Silva". The signature is written in a cursive style and is positioned above a horizontal line.

manuscrita ou digital / handwritten or digital

Resumo

Neste relatório apresento o trabalho que foi realizado, em contexto de estágio, na casa de abrigo para homens vítimas de violência doméstica da Cáritas Diocesana de Aveiro, para obtenção do grau de mestre em “Estudos sobre as mulheres: género, cidadania e desenvolvimento”.

Sustentado por metodologias qualitativas e feministas, foi implementado, durante o estágio, o projeto “Empoder’Arte Com Igualdade” que teve como objetivo contribuir para o empoderamento dos homens acolhidos naquela resposta social, através da utilização de ferramentas artísticas. A abordagem de diversas questões relacionadas com a (des)igualdade de género, com recurso às tais ferramentas artísticas já mencionadas, constituiu uma estratégia central para empoderar. Neste sentido, os participantes do projeto tiveram a oportunidade não só de (re)descobrir as artes e de experimentar diferentes materiais, mas também de refletir e de dialogar sobre masculinidades, feminilidades, estereótipos, emoções, relações interpessoais saudáveis, entre outros assuntos essenciais para as questões relativas à igualdade para todos e todas. Deste modo, tendo como base o estudos feministas e de género, procurou-se criar espaços onde os participantes, que no passado viveram situações traumáticas e que no presente se veem obrigados a residir numa instituição de acolhimento para sua segurança, se sentissem valorizados, escutados, empoderados e se pudessem focar no momento presente e nos sonhos e desejos para o futuro. O projeto foi, assim, ao encontro da reflexão de bell hooks (2003) que considera a arte como um meio fundamental para pensar que é possível desafiar e alterar positivamente práticas opressivas.

Conceitos – chave: Violência doméstica e de género, homens vítimas de violência doméstica, empoderamento, ferramentas artísticas, estereótipos de género, masculinidades, feminilidades, igualdade de género.

Abstract

In this report I present the work that was carried out, in the context of an internship, at the shelter for men victims of domestic violence of *Cáritas Diocesana* from Aveiro, to obtain a master's degree in “Women's Studies: gender, citizenship and development”.

Supported by qualitative and feminist methodologies, was implemented, during the internship, the project “Empoder' Arte Com Igualdade” that aimed to contribute to the empowerment of men living in that social response, through the use of artistic tools. Using those tools we talked about several issues related to gender (in)equality, which was a central strategy to empower.

In this sense, project participants had the opportunity not only to (re)discover the arts and experiment different materials, but also to think and dialogue about masculinities, femininities, stereotypes, emotions, healthy interpersonal relationships, among other subjects essential to issues relating to equality for all. In this way, based on feminist and gender studies, we sought to create spaces where participants, who in the past experienced traumatic situations and who in the present are forced to reside in a shelter institution for their safety, feel valued, listened to, empowered and focus on the present moment and on their dreams and desires for the future. The project was, therefore, in line with the reflection of bell hooks (2003) who considers art as a fundamental way to think that it is possible to challenge and to change, in a positively way, oppressive practices.

Key-words: Domestic and gender-based violence, men victims of domestic violence, empowerment, artistic tools, gender stereotypes, masculinities, femininities, gender equality.

Résumé

Dans ce rapport je présente le travail qui a été réalisé, en contexte de stage, à la maison-abri pour hommes victimes de violence domestique de Cáritas Diocesana d'Aveiro, pour obtenir le grade de maître en «Études sur les femmes : genre, citoyenneté et développement ».

Basé sur des méthodologies qualitatives et féministes, il a été réalisé, durant le stage, le projet "Empoder'Arte Com Igualdade" avec l'objectif de contribuer à l'empowerment des hommes accueillis dans cette structure social, à travers l'utilisation des outils artistiques.

L'approche de diverses questions en lien avec les inégalités de genre, avec recours à des outils artistiques déjà cités, a fonctionné comme stratégie central à l'empowerment des individus.

Les participants du projet ont eu l'opportunité pas seulement de (re)découvrir les arts et d'expérimenter différents matériaux, mais aussi de réfléchir et de dialoguer sur les masculinités, féminités, stéréotypes, émotions, relations interpersonnelles saines, entre autres sujets essentiels aux questions relatives à l'égalité pour tous et toutes. Ayant comme base les études féministes et de genre, on a cherché à créer des espaces où les participants, que dans le passé ont vécu des situations traumatiques et que dans le présent se voient obligés à vivre dans une institution d'accueil pour leur sécurité, puissent se sentir valorisés, écoutés, regagnent du pouvoir, et puissent se focaliser sur le moment présent et dans les rêves et désirs pour le futur. Le projet est, donc, en accord avec la réflexion de bell hooks (2003) qui considère l'art comme un moyen fondamental pour penser qu'il est possible de défier et changer, de manière positive, des pratiques oppressives.

Mots-clés: Violence domestique et de genre, hommes victimes de violence domestique, empowerment, outils artistiques, stéréotypes de genre, masculinités, féminités, égalité de genre.

Índice

Introdução.....	8
Capítulo 1: Apresentação do estágio.....	11
1.1. Motivações pessoais para a realização do estágio na Casa de Abrigo para homens vítimas de violência doméstica (CAHVVD).....	11
1.2. Caracterização da CAHVVD.....	13
1.3. Caracterização dos utentes da CAHVVD.....	15
1.4. Integração pessoal na instituição e atividades desenvolvidas no âmbito do estágio .	17
Capítulo 2: Enquadramento teórico.....	21
2.1. Violência doméstica sobre os homens.....	21
2.1.1. Violência doméstica: definição.....	21
2.1.2. Violência doméstica sobre os homens: Prevalência em Portugal, formas de violência mais comuns e impacto nas vítimas.....	23
2.1.3. Dificuldades na procura de ajuda pelos homens vítimas de violência doméstica.....	25
2.1.4. Respostas sociais de apoio a homens vítimas de violência doméstica em Portugal	29
2.2. Empoderamento e arte na intervenção com vítimas de violência doméstica.....	31
2.2.1. Empoderamento: definição, pertinência junto de públicos vulneráveis e sua relação com as artes	31
2.2.2. Ferramentas artísticas: contributos para o empoderamento de vítimas de violência doméstica.....	34
2.2.3. Pertinência de um projeto de índole artística para os estudos feministas e de género e para a CAHVVD: Enquadramento do projeto Empoder' Arte Com Igualdade na resposta e nesta área de saber	35
Capítulo 3: O projeto Empoder' Arte Com Igualdade	39

3.1. Descrição do projeto e objetivos	39
3.2. Fundamentação metodológica do projeto.....	40
3.2.1. Metodologias qualitativas e feministas na investigação-ação.....	40
3.2.2. Métodos de recolha de dados	42
3.3. Plano de ação do Projeto Empoder'Arte com Igualdade.....	46
3.4. Apresentação e análise de resultados	50
3.4.1. Autorretrato	50
3.4.2. Colagens sobre o tema “Ser homem” e “Ser mulher”	52
3.4.3. Partilha de músicas e de canções.....	54
3.4.4. Carta a si mesmo: escrita criativa.....	55
3.4.5. Mosaico de azulejo com mensagem de empoderamento	57
3.4.6. O meu lugar seguro – escrita criativa, desenho e colagem.....	59
3.4.7. Oficina de olaria	61
3.4.8. A caixa da masculinidade: análise de fotografias e visionamento da curta-metragem (Des)guia para um macho real.....	63
3.4.9. Análise de casos e visionamento da curta-metragem <i>Tea consent</i>	68
3.4.10. Caminhada e reflexão sobre o futuro	76
3.5. Discussão de resultados.....	90
4. Notas conclusivas e recomendações para o futuro	95
Referências bibliográficas	99
Anexos	114

Índice de Anexos

Anexo I – Informações relevantes para a participação no projeto de estágio “Empoder’Arte Com Igualdade”	114
Anexo II – Grelha de notas e observações das atividades do Projeto Empoder’Arte Com Igualdade	116
Anexo III – Questionário de avaliações das atividades do projeto Empoder’Arte Com Igualdade.....	117
Anexo IV – Guião de entrevista destinada aos utentes da casa de abrigo para homens vítimas de violência doméstica que participaram no projeto Empoder’Arte Com Igualdade (PEACI).....	120
Anexo V – Guião de entrevista destinada à diretora técnica da casa de abrigo para homens vítimas de violência doméstica.....	122

Índice de Tabelas

Tabela 1: Caracterização dos Homens acolhidos na Casa de Abrigo que participaram no Projeto Empoder'Arte Com Igualdade	17
Tabela 2: Resumo das atividades do PEACI.....	50
Tabela 3: Resultados dos questionários – “Durante a atividade senti-me...”	50
Tabela 4 – Resultados dos questionários (continuação).....	54

Índice de Figuras

Fig. 1: Autorretrato P. B.....	51
Fig. 2: Autorretrato P. I.....	51
Fig. 3: Autorretrato P. D.....	51
Fig. 4: Autorretrato P. J.....	51
Fig. 5: Colagem P. B.....	53
Fig. 6: Colagem P. D.....	53
Fig. 7: Colagem P. J.....	53
Fig. 8: Carta P. C.....	57
Fig. 9: Carta P. E.....	57
Fig.10: Carta P. J.....	57
Fig.11: Carta P. I.....	57
Fig. 12: Mosaicos – <i>Work in progress</i>	58
Fig.13: Mosaicos P. F, P. E, P. D, P. J. (da esquerda para a direita).....	59
Fig. 14: Lugar seguro P. E.....	61
Fig. 15: Lugar seguro P. D.....	61
Fig. 16: Lugar seguro P. A.....	61
Fig. 17: Lugar seguro P. K.....	61
Fig.18/19/20: Experiências com barro em estado líquido. Da esquerda para a direita: Preparação do barro em estado líquido; transferência do barro para um molde de gesso; Remoção do excesso de barro líquido dos moldes de gesso.	63
Fig. 21/22/23: Moldagem com barro. Da esquerda para a direita: P.C, P. A., P.K., P.D.....	63
Fig. 24/25/26: Pintura dos trabalhos em barro. Da esquerda para a direita: P. C, P.C., P. K...	63
Fig. 27/28: Da esquerda para a direita - Dinâmica de grupo Mulher /Homem; Caixa mistério e imagens.....	67
Fig. 29/30: Exercício “Caixa da Masculinidade”	68

Lista de Abreviaturas e Siglas

PEACI: Projeto Empoder' Arte Com Igualdade

CA: Casa Abrigo

VD: Violência Doméstica

VVD: Vítimas de Violência Doméstica

CIG: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

APAV: Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

RNAVVD: Rede Nacional de Apoio a Vítimas de Violência Doméstica

SIVVD: Serviços de Informação a Vítimas de Violência Doméstica

POISE: Programa Operacional para a Inclusão Social e Emprego

FSE: Fundo Social Europeu

DGPJ: Direção-Geral da Política de Justiça

LGBTI: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgénero e Intersexo

“Homens que são como lugares mal situados
Homens que são como casas saqueadas
Que são como sítios fora dos mapas
Como pedras fora do chão
Como crianças órfãs
Homens sem fuso horário
Homens agitados sem bússola onde repousem
Homens que são como fronteiras invadidas
Que são como caminhos barricados
Homens que querem passar atalhos sufocados
Homens sulfatados por todos os destinos
Desempregados das suas vidas
Homens que são como a negação das estratégias
Que são como os esconderijos dos contrabandistas
Homens encarcerados brindo-se com facas
Homens que são como danos irreparáveis
Homens que são sobreviventes vivos
Homens que são como sítios desviados
Do lugar”

Daniel Faria, 1998

In Homens que são como lugares mal situados

Introdução

A violência doméstica sobre os homens é considerada um tabu na sociedade em que vivemos.

Nos últimos anos temos assistido a um aumento dos casos de violência sobre os homens, embora as mulheres continuem a ser, de acordo com os dados estatísticos, as maiores e principais vítimas deste fenómeno complexo. Em 2019, em cada quatro vítimas de violência doméstica, três eram mulheres e uma era homem (Relatório Anual de Segurança Interna, 2019). Em 2020, dos mais de 80 mil pedidos de ajuda efetuados à RNAVVD, cerca de 9% tinham sido feitos por homens (CIG, 2020) e em 2021, a APAV registou, a nível nacional, um total de 724 homens adultos vítimas de violência doméstica (APAV, 2021).

Os homens vítimas deste flagelo enfrentam dificuldades específicas relativamente a outras vítimas por questões relacionadas com as masculinidades e estereótipos de género. Na cultura ocidental, é expetável que um homem seja capaz de se defender em caso de agressão, o que desafia a perceção do homem enquanto vítima vulnerável e frágil e que precisa de ser protegida. Ora a vulnerabilidade, a fragilidade e a necessidade de proteção são características tipicamente associadas às mulheres, em oposição à força e ao dever de proteger, características amplamente associadas ao sexo masculino. Os papéis de género, ideias estereotipadas do que um homem e uma mulher devem ser ou fazer, são diversos e diferenciados e encontram-se muito enraizados no imaginário coletivo, o que cria desafios acrescidos quando a vítima de VD é homem e procura ajuda. Estudos demonstram que os homens vítimas têm, comparativamente às mulheres vítimas, direito a um tratamento diferente pelas equipas de apoio formal, sendo muitas vezes recebidos com desconfiança pelas mesmas e percecionados como os autores do crime. Em conjunto com as expectativas sociais, também existem outras razões que impedem ou dificultam o pedido de ajuda da parte dos homens vítimas como o medo de perder os filhos ou a falta de recursos financeiros. Por todos estes motivos, os homens tendem a pedir ajuda quando a violência já se encontra num nível muito grave. Na necessidade de serem acolhidos numa estrutura residencial para sua segurança, os homens vítimas de VD, em Portugal continuam a enfrentar obstáculos consideráveis. Atualmente, a nível nacional existe apenas uma casa de abrigo para homens vítimas de VD que os acolhe, acompanhados ou não dos seus filhos/as menores e/ou dependentes. Esta estrutura encontra-se a cargo da Cáritas Diocesana de Aveiro desde 2020.

Por tudo o que aqui foi dito é, pois, importante unirmos esforços e desconstruir as tais ideias estereotipadas que, ao longo da nossa vida, fomos interiorizando, e trabalhar no sentido de uma sociedade mais igualitária onde todos e todas tenham, efetivamente, os mesmos direitos e as mesmas oportunidades. A arte surge como um meio privilegiado e alternativo para empoderar, capacitar e questionar as práticas correntes, oferecendo-nos a oportunidade de imaginarmos, com criatividade, outras formas de nos relacionarmos uns/umas com os/as outros/as e de criarmos modelos onde todos/as se possam desenvolver plenamente.

Foi com esta vontade de contribuir para a igualdade de género que realizei o meu estágio na Casa de Abrigo para homens vítimas de violência doméstica, para obtenção do grau de mestre em “Estudos sobre as mulheres: género, cidadania e desenvolvimento”, pela Universidade Aberta de Lisboa. Durante o estágio, foi implementado o projeto “Empoder’Arte Com Igualdade”, que teve como objetivo contribuir para o empoderamento dos homens acolhidos naquela resposta social através de ferramentas artísticas, tendo como pano de fundo os estudos de género e feministas. Neste sentido, o presente relatório reflete o trabalho realizado, em contexto de estágio, na CA para homens vítimas de VD junto dos quais, entre outras atividades, foram implementadas dez oficinas artísticas.

Em termos de estrutura, este documento é composto por três capítulos. No primeiro capítulo é feita a apresentação do estágio, onde explico as minhas motivações para a realização do mesmo nesta estrutura social, onde incluo a caracterização da instituição de acolhimento e dos utentes da CA e, finalmente, onde descrevo as tarefas que realizei ao longo do estágio. O segundo capítulo corresponde ao enquadramento teórico, onde começo por definir o fenómeno da Violência Doméstica, avançando depois para as especificidades inerentes aos homens vítimas de violência doméstica, não deixando de referir as respostas sociais existentes a nível nacional para o seu atendimento e acolhimento. Ainda no segundo capítulo, exploro o tema do empoderamento e da arte, explicitando a importância das ferramentas artísticas para as vítimas de violência doméstica. Antes de avançar para o terceiro capítulo, debruço-me sobre a importância da minha intervenção para os estudos feministas e de género e para a estrutura de acolhimento onde decorreu o estágio.

O terceiro capítulo é dedicado ao projeto “Empoder’Arte Com igualdade”. Aqui, é apresentada a pergunta de partida, definidos os objetivos, realizada a sua descrição. Para além disso, também é feita a sua fundamentação metodológica, onde exploro as metodologias de investigação qualitativas e feministas bem como as características essenciais num projeto de tipo investigação-ação. Uma abordagem teórica dos métodos de recolha de dados que utilizei

na obtenção de informação também é realizada. Após estas informações, apresento o plano de ação do projeto, os resultados, e respetiva análise e discussão.

Finalmente, são apresentadas as notas conclusivas e as recomendações para futuros projetos junto deste público.

Capítulo 1: Apresentação do estágio

1.1. Motivações pessoais para a realização do estágio na Casa de Abrigo para homens vítimas de violência doméstica (CAHVVD)

A violência doméstica é um assunto sobre o qual tenho procurado saber mais nos últimos anos, através de formações e ações de voluntariado. No estrangeiro, fui voluntária numa casa de abrigo para mulheres e tal despertou a minha vontade de ir mais além no conhecimento desta área. Em 2021, voltei para Portugal e procurei oportunidades de voluntariado semelhantes. Neste sentido, entrei em contacto com a Cáritas Diocesana de Aveiro que me ofereceu a possibilidade de ser voluntária na Casa de Abrigo para homens, desafio que aceitei com gosto, apesar dos muitos questionamentos e alguns preconceitos que tinha relativamente à violência doméstica sobre homens.

Do voluntariado ao estágio, foi um “salto”, pois enquanto voluntária pude observar as dinâmicas da casa, ouvir as dificuldades dos homens acolhidos, as suas angústias, preocupações, sofrimentos e perceber as suas necessidades, o que me levou a refletir no que poderia ser feito para os ajudar a readquirir a autonomia e o controlo das suas vidas. Para além disso, como poderia eu contribuir para oferecer alguma leveza ao ambiente “pesado” daquele espaço? Como poderia eu criar um espaço onde os utentes se sentissem valorizados e em segurança? De que forma poderia eu contribuir para que estes homens se abstraíssem dos seus problemas e pensassem nos projetos e desejos de futuro? Seria possível ir mais além e oferecer a estas vítimas uma oportunidade de experimentar algo novo sem as questionar sobre as suas experiências de vitimação, evitando assim que as “revivessem” mentalmente? De que forma estas intenções se relacionavam e articulavam com os estudos de género e feministas?

E assim surgiu a ideia de, no âmbito de um estágio, implementar um projeto que intitulei “Empoder’Arte Com Igualdade” (PEACI), que contribuísse para o empoderamento dos homens acolhidos através de atividades de carácter artístico, como a olaria, a colagem ou o mosaico, só para dar alguns exemplos. Um ponto essencial deste projeto seria o de sensibilizar para a igualdade de género, enquanto elemento central para empoderar os participantes, por isso era necessário imaginar um conjunto de atividades que permitisse abordar as masculinidades e feminilidades de forma atrativa e interessante, sempre recorrendo a atividades de carácter artístico.

A arte surgia então como um meio privilegiado e inovador para empoderar os utentes da CA. A literatura acabou por confirmar aquilo que eu já imaginava sobre as potencialidades das artes, como a diminuição do stress, maior valorização pessoal, aumento da confiança... Eu própria sentia todos esses benefícios quando, nos meus tempos livres, trabalhava o barro, que sempre se transformava nalguma coisa perfeitamente imperfeita, o que me deixava sempre muito feliz e satisfeita comigo mesma.

A paleta de ferramentas e mediadores artísticos que poderia utilizar no projeto era grande e tão diversa que poderia “chegar” a várias pessoas, o que aumentava a hipótese de adesão e participação ao projeto, sem, no entanto, a garantir. O projeto acarretava, pois, riscos neste ponto. Ao nível internacional e nacional, projetos desta índole já tinham sido implementados junto de crianças, jovens e mulheres vítimas de violência doméstica e outros públicos em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Porém, especificamente junto de homens vítimas de violência doméstica não encontrei nenhuma intervenção deste tipo. Apesar de tudo, decidi avançar e acreditar que tudo ia dar certo. Foi assim, com grande entusiasmo, que comecei a desenhar o projeto, auxiliando-me em investigações sobre a matéria, realizando formações *online* sobre intervenção social através da arte, falando com pessoas à minha volta, interessadas por estas temáticas, etc. A pouco e pouco, o projeto foi ganhando forma. Quando terminei a planificação das atividades, senti que estas poderiam de facto contribuir para empoderar os participantes, abstraí-los dos seus problemas, oferecer-lhes a possibilidade de experimentar coisas novas. Estas atividades acabariam por ocupar o tempo dos homens acolhidos na casa, tempo que muitos percecionavam (ou percecionam) como “difícil de passar”. Se alguns dos homens acolhidos tinham (têm) atividades formativas ou profissionais que ocupavam (ocupam) o seu tempo, outros, por uma questão de idade avançada ou de incapacidade ou dificuldades em termos de mobilidade por exemplo, não se encontravam a frequentar qualquer formação ou se encontravam integrados no mercado de trabalho, passando algum tempo no interior da resposta sem ocupação.

O estágio ofereceu-me, pois, a oportunidade de implementar um projeto alinhado com os meus princípios, valores, paixões, espelhando a pessoa e profissional que sou.

Outra das minhas motivações iniciais para realizar o estágio numa casa abrigo era aprofundar os meus conhecimentos sobre este problema tão complexo e multifacetado que é a violência doméstica, conhecer melhor o funcionamento de uma resposta deste tipo e o trabalho que aqui é realizado e desenvolvido, as responsabilidades dos técnicos que aqui trabalham, conhecer melhor o público que aqui é acolhido e perceber qual poderia ser o meu contributo para a instituição enquanto educadora social e, futuramente, mestre em estudos sobre as

mulheres. Na generalidade, as minhas motivações acabaram por ser satisfeitas, com a ressalva de que ainda muito fica por descobrir, aprender, apreender, experimentar.

Avancemos agora para a caracterização da resposta social de CAHVVD onde se desenrolou o estágio e o projeto.

1.2.Caracterização da CAHVVD

A casa de Abrigo para homens VVD é uma resposta social promovida pela Cáritas Diocesana de Aveiro (CDA) Instituição Particular de Solidariedade Social que tem como missão contribuir para o desenvolvimento humano integral e defender o bem-comum com vista à transformação da sociedade (Cáritas Portuguesa, 2022).

A estrutura encontra-se inserida no âmbito do Projeto ICARUS, financiado pela CIG, POISE, Centro 2020 – Portugal 2020 e pelo FSE (CDA, 2023) e abriu portas em abril de 2020, tendo a capacidade para acolher dez pessoas do sexo masculino adultas vítimas de violência doméstica que residam no território nacional, acompanhadas ou não, dos/as seus/as filhos/as menores e/ou maiores com deficiência na sua dependência.

A Casa de abrigo para homens é, atualmente, a única no nosso país que acolhe indivíduos do sexo masculino (CIG, 2019), mas não foi a primeira destinada a este público. A primeira casa de abrigo para homens vítimas de violência doméstica abriu em 2016, no Algarve numa parceria entre a CIG e a Fundação António Silva Leal (Ramalho, 2017 apud Matos, 2021). Neste momento, a Casa de Abrigo da Cáritas de Aveiro é a única que acolhe estas vítimas, o que contrasta com o número de casas de abrigo existentes para mulheres vítimas deste flagelo, que são 39 (CIG, 2019).

Até meados de dezembro de 2022, os utentes da CA residiam num apartamento, mas a partir desta data, passaram a residir numa moradia com divisões interiores mais amplas e com um espaço exterior com quintal.

Tal como outros espaços residenciais de acolhimento temporário destinados a vítimas de violência doméstica que se encontrem numa situação de risco grave/perigo de vida (CIG, 2009), a CA constitui um espaço seguro e sigiloso e tem como objetivos principais proteger os homens VVD que estão numa situação de perigo e/ou sem abrigo em consequência da situação da vitimação, assegurar o acompanhamento técnico destas, proporcionar às vítimas e filhos/as se for o caso, as condições necessárias ao seu bem-estar integral num ambiente sereno e seguro,

desenvolver competências pessoais, sociais, profissionais com vista à autonomia das vítimas e promover o restabelecimento do seu equilíbrio emocional e psicológico.

A admissão dos homens na casa é realizada com base no pedido de acolhimento pela equipa técnica da entidade que encaminha, e faz-se após uma avaliação rigorosa da situação. Se desta resultar sem equívoco, que a resposta de acolhimento na casa de abrigo é a que mais se adequa e melhor garante a integridade física e psicológica da vítima, permitindo orientá-la para um projeto de reinserção social ajustada às suas necessidades, então a vítima é aqui admitida. Importa ainda acrescentar que a aceitação do regulamento da resposta constitui uma condição essencial para a admissão na mesma.

Na CA, os senhores acolhidos têm, direito à prestação dos seguintes serviços: alojamento e higiene, alimentação, proteção e segurança, apoio psicológico, social e jurídico, articulação com outras entidades ou serviços da comunidade que prestam apoio às necessidades dos utentes em diversas áreas: justiça, saúde, educação, administração interna, segurança social, emprego e formação profissional, sistema de promoção dos direitos e proteção de crianças e jovens, definição de um projeto de vida visando a sua reinserção social. A CA desenvolve ainda atividades lúdicas e ocupacionais e dinamiza sessões de grupo adaptadas às características dos utentes.

Com o intuito de promover a autonomização dos utentes e a aquisição de competências pessoais e sociais, os utentes participam na organização, limpeza e arrumação dos espaços individuais e comuns. Uma vez por semana, tarefas como mudar a roupa da cama, limpar o pó, levar o lixo, limpar as WC ou aspirar o quarto, são repartidas e partilhadas; todos os dias os utentes são ainda convidados a ajudar a colocar a louça do pequeno-almoço, almoço e jantar na máquina, a colocar a mesa, a limpar a banca, etc., bem como na distribuição e realização das refeições. Aos domingos, os utentes preparam o almoço e realizam uma sobremesa e, durante a semana ajudam os funcionários na distribuição das refeições. Uma vez por semana, em princípio às sextas-feiras, os utentes (cada um na sua vez) auxiliam o/a funcionário/a na realização das compras no supermercado.

Às quartas-feiras, tem lugar a reunião semanal entre os utentes e a responsável da casa de abrigo, a Dr.^a Catarina Neves, para abordar questões relativas ao funcionamento da casa, relembrar o regulamento, transmitir informações do interesse de todos, entre outros.

No recinto da casa de abrigo, não é permitido maltratar ou desrespeitar colegas e funcionários/as nem consumir álcool ou substâncias psicoativas, o que pode corresponder à cessação do apoio na mesma.

Importa ainda acrescentar que são os/as funcionários/as e não os utentes que deverão abrir a porta da casa, atender o telefone fixo e distribuir as refeições. Recomenda-se ainda que os utentes respeitem os horários de entrada e de saída da casa estipulados previamente, e que os mesmos sigam as regras e indicações que se encontram devidamente afixadas nos diversos espaços desta. O respeito pelo regulamento da casa é, naturalmente, fundamental para garantir o bem-estar e a segurança de todos/as os/as que aqui residem e trabalham.

A Dr.^a Catarina N. assegura o acompanhamento técnico dos utentes a nível psicológico, social, jurídico, médico, e no desenho de um projeto de vida que possibilite a sua autonomização e reinserção social, entre tantas outras tarefas em termos de acompanhamento técnico e de gestão da casa e respetivos/as colaboradores/as; os/as funcionários/as apoiam os utentes nas tarefas de vida diária como a arrumação e as limpezas, as refeições, o cuidado do quintal, pequenas reparações, preparação e administração da medicação, entre outras tarefas essenciais para o bom funcionamento de uma resposta de acolhimento deste tipo.

1.3.Caracterização dos utentes da CAHVVD e dos participantes do PEACI

As características dos utentes acolhidos na Casa de abrigo são muito diversas. Como nos explicou a responsável da resposta, de um modo geral, os homens aqui acolhidos apresentam alguma dependência, quer por situações de doença ou deficiência, bem como por alguma imaturidade. Referimo-nos, neste ponto, particularmente aos utentes mais jovens, que ainda não adquiriram competências pessoais e sociais que lhes permitam viver de forma autónoma e que, por esse motivo, ainda necessitam de algum suporte.

Desde a sua abertura em 2020 até à atualidade, já foram acolhidos, na estrutura, homens adultos de várias idades. No entanto, importa referir que, durante o ano de 2023 se verificou um aumento do número de acolhimentos referentes a indivíduos com 60 ou mais anos, tendência que coincidiu com o início do estágio. Deste modo, o grupo de homens que acompanhei era muito heterogéneo, uma vez que era constituído por sujeitos de diferentes gerações com diversas experiências, vivências, dificuldades, competências e histórias de vitimação. Os utentes da CA sofreram diferentes formas de violência - física, psicológica, sexual, social e financeira, de forma continuada ou não, e de uma ou mais formas de violência em simultâneo, perpetrada por cônjuges, companheiros/as, pais e mães biológicos e adotivos/as, irmãos/irmãs. Os utentes com 60 anos ou mais, sofreram, essencialmente, violência perpetrada por filhos/as e/ou netos/as (violência filioparental).

Os utentes acolhidos eram, na sua maioria, de nacionalidade portuguesa salvo algumas exceções: um homem era natural da Rússia, outro do Brasil e outro de Angola. De uma forma geral podemos dizer que os homens vítimas eram provenientes de várias regiões do país, de norte, passando pelo centro até ao sul.

Uma questão com grande relevo a apontar no contexto de Casa de abrigo é a da rotatividade. Por lei, o acolhimento nestas estruturas é temporário, não devendo ultrapassar os 6 meses (Decreto Regulamentar nº 2/2018 de 24 de Janeiro, 2018). No entanto, este acolhimento é, por vezes, prolongado devido a vários motivos e fatores conjugados: dificuldades/necessidades individuais, dificuldade ou incapacidade dos utentes em iniciar uma atividade profissional, inexistência de habitações no mercado compatíveis com os seus rendimentos, entre outros. Esta situação verifica-se de modo ainda mais evidente com os utentes com 60 ou mais anos e com aqueles que apresentam algum tipo de dificuldade ao nível cognitivo ou mental, uma vez que são escassas as respostas ajustadas às suas características e problemáticas. Por outro lado, o acolhimento pode também ser de curta duração, tudo dependerá das características dos utentes em questão. A incerteza e a imprevisibilidade do tempo de permanência dos utentes na resposta foram dois aspetos importantes a ter em conta ao longo de todo o estágio, pois tal implicou, por diversas vezes, mudanças na constituição dos grupos que participavam nas atividades do mesmo, e conseqüentemente, uma constante adaptação.

Na tabela que se segue, consta informação mais específica sobre os participantes do PEACI, em termos de naturalidade, nacionalidade, habilitações literárias, profissão e tempo de permanência na resposta. Concretamente, os participantes do projeto apresentavam idades entre os 19 anos e os 74 anos de idade.

Como poderemos ver, em termos de nacionalidade, a esmagadora maioria dos participantes era portuguesa, exceto um deles, que era de nacionalidade russa. Relativamente à naturalidade, apenas um participante era natural da Rússia, um de Angola e os restantes naturais de diferentes regiões do norte, centro e sul de Portugal. Quanto às habilitações literárias, apenas dois utentes tinham uma licenciatura e um deles tinha mestrado. Os restantes tinham apenas o ensino básico (seis utentes) ou o ensino secundário (três). Cinco utentes eram reformados, três encontravam-se a realizar uma formação, dois encontravam-se desempregados e apenas um se encontrava inserido no mercado de trabalho. Cinco utentes integraram a resposta em 2023, enquanto que outros a integraram nos anos anteriores, encontrando-se aqui a residir desde a sua abertura.

Para finalizar, convém ainda dizer que grande parte dos utentes descobriram as ferramentas artísticas durante o projeto, encontrando-se também pouco familiarizados com as questões sobre a igualdade de género.

Tabela 1: Caracterização dos Homens acolhidos na Casa de Abrigo que participaram no Projeto Empoder'Arte Com Igualdade					
Utente	Nacionalidade	Naturalidade	Habilitações literárias	Profissão	Data de entrada na CA
A	Portuguesa	Porto	Ensino básico	Reformado	2023
B	Portuguesa	Aveiro	Ensino Secundário	Empregado	2023
C	Portuguesa	Castelo Branco	Ensino Secundário	Desempregado	2020
D	Russa	Rússia	Ensino Básico	Em formação	2022
E	Portuguesa	Porto	Ensino Básico	Em formação	2021
F	Portuguesa	Angola	Licenciatura Mestre em Sociologia	Reformado	2023
G	Portuguesa	Lisboa	Ensino básico	Reformado	2022
H	Portuguesa	Aveiro	Ensino básico	Reformado	2023
I	Portuguesa	Santarém	Ensino Secundário	Desempregado	2021
J	Portuguesa	Évora	Ensino Básico	Em formação	2021
K	Portuguesa	Porto	Licenciatura	Reformado	2023

1.4.Integração pessoal na instituição e atividades desenvolvidas no âmbito do estágio

Antes de avançar é importante dizer que o estágio na casa de abrigo decorreu entre o mês de fevereiro e junho após a aprovação do mesmo pelo Conselho Científico da Universidade Aberta de Lisboa, maioritariamente durante os fins de semana (sábados ou domingos, com turnos de 8, 11 ou 12 horas) e feriados, uma vez que devido a compromissos profissionais não

me foi possível estar presente diariamente na resposta. No total, foram 113 horas de contacto direto com os utentes da casa de abrigo, 50 horas de trabalho individual de investigação, organização e preparação das atividades a implementar, mais 71 horas de formação online sobre o tema.

A minha presença na casa de abrigo na qualidade de estagiária foi bem aceite pela direção técnica desta, pelos utentes e funcionários/as, já que aqui sou voluntária desde 2021 e que com todos/as mantenho uma relação cordial.

A Dr.^a Catarina Neves, diretora técnica e psicóloga clínica na CA, foi incansável ao longo do tempo de duração do estágio e vigência do projeto. A Dr.^a foi uma aliada fundamental em todo o processo, uma vez que foi ela que acabou por assumir o papel nos “bastidores”, que passou por exemplo, por relembrar os utentes dos horários e datas das atividades previstas ou por conversar com eles sobre o projeto em causa, de forma a que entendessem os benefícios da sua participação nas oficinas. Quando foi necessário, de modo a possibilitar o bom desenrolar de determinadas atividades, a Dr.^a também não hesitou em autorizar mudanças nos horários de entrada ou saída da resposta.

Apesar das inúmeras responsabilidades que assume na casa de abrigo e de uma agenda “cheia”, a Dr.^a Catarina Neves encontrou sempre tempo para esclarecer as minhas dúvidas, para me encorajar e felicitar pelo trabalho desenvolvido, fazer sugestões e recomendações, para transmitir o seu saber e conhecimento sobre a problemática da violência doméstica, procurando sempre, por exemplo, explicar a razão de certos comportamentos dos utentes resultantes das suas experiências de vitimação. Criou-se, pois, uma relação assente no respeito, confiança e solidariedade. Foi de facto um gosto poder colaborar e aprender com a Dr.^a Catarina N. por quem nutro uma imensa gratidão.

Com os funcionários/as da casa de abrigo também foi possível estabelecer uma relação de grande camaradagem e companheirismo. Todos/as se mostraram muito disponíveis para me auxiliar nas questões mais práticas relacionadas com o funcionamento da resposta como as tarefas da vida quotidiana, os horários de entrada e saída da mesma, medicação dos utentes, documentação a preencher pelos funcionários/as e utentes, entre outras. A equipa de funcionários/as executa um trabalho essencial na resposta garantindo o respeito pelas regras em termos de horários, de arrumação, limpeza, etc., mediando conflitos, mantendo um ambiente o mais sereno possível e assegurando a segurança das pessoas que lá são acolhidas.

A relação criada com os utentes da casa de abrigo foi sempre baseada no respeito mútuo, igualdade e cordialidade. Não houve, em nenhum momento, uma palavra ou um gesto inadequado, sexista ou homofóbico dirigido a mim nem a outro, e as discórdias que

eventualmente poderão ter surgido durante as atividades do projeto ou noutros momentos do estágio, foram sempre resolvidas através do diálogo, com tranquilidade e diplomacia.

A relação de cordialidade, de confiança e de proximidade que estabeleci com os utentes, foi sendo construída, naturalmente, ao longo do tempo. Alguns utentes já me conheciam como voluntária, mas com outros, foi necessário “começar do zero”. Os momentos de informalidade foram essenciais neste sentido. Através de um jogo, da partilha de um lanche, da realização de um bolo em conjunto ou de uma refeição, das saídas externas e visitas a lugares desconhecidos e ainda de “conversas de sofá” foi possível conhecer melhor estes homens, bem como os respetivos percursos. De forma espontânea na maioria das vezes, estes homens, de diferentes gerações, partilharam comigo as suas vivências, percursos, alegrias e vitórias, mas também as suas histórias de vitimação por violência doméstica. A participação mais ou menos satisfatória nas oficinas de arte promovidas no âmbito do PEACI sobre o qual me irei debruçar mais adiante, deve-se em grande parte a estes momentos mais informais que possibilitaram a criação de laços e de relações de confiança.

Quanto às atividades e tarefas que realizei no âmbito do estágio, estas foram diversas e muito importantes para “mergulhar” plenamente na dinâmica da casa de abrigo. Neste sentido, para além do planeamento e implementação das oficinas/atividades do projeto “Empoder’ Arte Com igualdade”, também acompanhei os utentes na realização de diversas tarefas da vida quotidiana (limpezas, arrumações, tratamento da roupa, realização de refeições), em momentos lúdicos e de ocupação de tempos livres (jogos de sociedade, de estratégia e de gestão financeira, estimulação cognitiva, visionamento de filmes) e em visitas externas e passeios.

Entre muitas outras atividades, ter tido a possibilidade de acompanhar os utentes nas tarefas de vida quotidiana, como por exemplo na realização de refeições ou na organização do seu espaço, foi particularmente significativo pra mim, pois, sendo eu educadora social de profissão, pude concretamente exercer a minha função enquanto agente de proximidade humana (Carvalho & Baptista, 2004) ao trabalhar com os utentes numa lógica de coresponsabilização e coautoria, contribuindo assim para a sua progressiva autonomia (idem). No meu ponto de vista, é fundamental consciencializar os utentes da importância da realização deste tipo de tarefas, responsabilizando-os pela execução das mesmas. Sabendo que a casa de abrigo é uma resposta de acolhimento temporário, é importante trabalhar estas competências com os indivíduos para que estes sejam capazes de se “desenvencilhar” sozinhos quando o momento de sair da resposta chegar. Deste modo estaremos não só a contribuir para a sua autonomia, mas também para construir uma sociedade mais igualitária.

O meu envolvimento nas tarefas e atividades da casa tornou a experiência ainda mais interessante e gratificante. Em paralelo, fui planeando e implementando as atividades integradas no âmbito do PEACI, que ao todo foram dez e cuja descrição detalhada se encontra no Capítulo 3.

Capítulo 2: Enquadramento teórico

2.1. Violência doméstica contra os homens

2.1.1. Violência doméstica: definição

A violência doméstica, legitimada tanto por dogmas religiosos e políticos, como por ideologias patriarcais, constitui um fenómeno de longa data que faz parte da história da família das sociedades ocidentais e de muitas outras no mundo (Gelles, 1993 apud Dias, 2010).

A consciencialização da sociedade civil para o fenómeno da violência doméstica enquanto problema social generalizado, deu-se através do ativismo feminista (Tavares, 2008). No final dos anos 1960 e início dos anos 70, o feminismo radical começou não só a questionar os papéis sociais tradicionalmente atribuídos às mulheres, apontando o carácter não natural da divisão de papéis sexuais, mas também a denunciar a opressão, exploração e as discriminações de que sofriam (Dias, 2008). Em Portugal, é na década de 80 que o fenómeno começa a ser identificado como um problema social, especialmente por ONG como a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) (Tavares, 2008) ou a Associação de Mulheres Contra a Violência (AMCV) (Dias, 2000).

No nosso país, a violência que ocorre em seio familiar é crime desde 1982 (Duarte, 2012). Atualmente, o Código Penal Português prevê e pune os crimes de violência doméstica através do Artigo 152.º, Lei n.º 59/2007, bastando uma denúncia ou o conhecimento do crime para que o Ministério Público acione o processo, não estando o procedimento criminal dependente de queixa por parte da vítima (Dias, 2008).

A violência doméstica implica a prática de um ou mais crimes no contexto de uma relação de parentesco, afinidade ou intimidade (APAV, 2020) e assume a forma de um comportamento intencional, em que o indivíduo agressor tem como finalidade controlar e exercer poder e autoridade sobre a vítima (CIG, 2009). De acordo com o Artigo 152.º do Código Penal Português, “violência doméstica” designa todos os atos de violência física, sexual, psicológica ou económica que ocorrem no seio da família ou do lar ou entre os atuais ou ex-cônjuges ou parceiros, quer o infrator partilhe ou tenha partilhado, ou não, o mesmo domicílio que a vítima” (Artigo 3.º, alínea b. Convenção de Istambul, 2011 apud Magalhães et al., 2017).

Para alguns autores, como bell hooks (2000), um termo mais correto que o de violência doméstica é o de violência patriarcal que assenta na crença de que é aceitável que um indivíduo

com mais poder tenha o direito de controlar outros através da força. Este termo, segundo a mesma autora, lembra que a violência em contexto doméstico está intimamente ligada ao sexismo e ao pensamento sexista. Por patriarcado, entende-se o conjunto de estruturas de poder que limitam as vidas das mulheres e dos homens e que estão enraizadas nas hierarquias de poder no que respeita ao género (Barker, 2016). O patriarcado refere-se, deste modo, ao poder que os homens exercem sobre as mulheres ao nível social, político e económico, mas também às hierarquias de poder que existem entre homens e grupos de homens (idem). Com as lentes do patriarcado, podemos ver que a violência se baseia em relações de poder complexas e que os homens com menos poder na hierarquia estão mais vulneráveis a essa mesma violência (ibidem). O termo de violência patriarcal é interessante para perceber melhor as dinâmicas da violência e também para explicar, em parte, a violência em contexto familiar entre homens e mulheres ou entre homens, sejam eles companheiros ou familiares. Percebemos deste modo que a violência ocorre e se “justifica” quando se considera que o outro tem menos poder ou se encontra numa posição hierárquica inferior.

Na casa abrigo, os homens acolhidos que tive a oportunidade de acompanhar durante o estágio, sofreram violência da parte de companheiras/os, pais e mães, pais e mães adotivos, irmãos e irmãs, de filhos/as. Como testemunhou a responsável pela casa, durante o ano de 2023 verificou-se, na CA, um aumento do número de vítimas de violência filio-parental, isto é violência perpetrada por filhos/as contra pais ou a pessoas que ocupam o seu lugar (Pereira et al., 2017).

Deste modo, podemos então afirmar que “a violência na família constitui um fenómeno complexo, multifacetado e transversal. Ela não afeta um único tipo de família, um único grupo de pessoas, um único sexo, uma única faixa etária ou classe social” (Dias, 1998, p. 30-31). Com efeito, a violência doméstica pode afetar todos e todas, com a ressalva de que este flagelo, de acordo com a informação disponibilizada, afeta as mulheres de forma desproporcional relativamente aos homens. Mesmo que a minha intervenção se tenha dirigido a homens vítimas de violência doméstica, é essencial que tenhamos em conta alguns dados estatísticos que evidenciem esta realidade. Neste sentido, no próximo ponto, após a apresentação dos dados disponíveis sobre a violência doméstica sofrida pelas mulheres (no mundo, em geral e em Portugal, em particular), debruçar-me-ei sobre a prevalência da violência doméstica contra os homens no nosso país, tipologias de violência mais comuns e impacto para estas vítimas.

2.1.2. Violência doméstica sobre os homens: Prevalência em Portugal, formas de violência mais comuns e impacto nas vítimas

Um estudo efetuado pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2019 apud Rechena & Furtado, 2019) revelou que só em 2017 foram assassinadas, no mundo, 87.000 mulheres, sendo que 50.000 (58%) foram mortas por parceiros íntimos ou outros membros da família (UN Women, 2019 apud Rechena & Furtado, 2019). Na sua vida, uma em cada quatro mulheres e um em cada seis/sete homens são vítimas de violência doméstica (Matczak et al., 2011 apud Enakele, 2019).

Em Portugal, a violência doméstica teve mais de 32 mil ocorrências, com uma incidência de 78,4% nas vítimas do sexo feminino, atos estes perpetrados maioritariamente no seio de relações de intimidade e familiares, por parceiros e ex-parceiros (Relatório Anual de Segurança Interna de 2018 apud Rechena & Furtado, 2019).

Contudo, nos últimos anos tem-se verificado, no nosso país, um aumento crescente dos casos de violência doméstica sobre os homens: entre 2013 e 2018, a APAV (2019) registou um aumento percentual de 33% de casos de homens adultos vítimas de violência doméstica. Em 2019, quase 24 % das vítimas de violência doméstica eram homens, o que significa que por cada quatro vítimas de violência doméstica, três eram mulheres e uma era homem (Relatório anual de segurança interna, 2019). Em 2020, cerca de 9% dos mais de 80 mil pedidos de ajuda efetuados à Rede Nacional de Apoio a Vítimas de Violência Doméstica tinham sido feitos por homens (CIG, 2020).

Entre 2016 e 2021, a percentagem de homens vítimas registadas pelas forças de segurança, aumentou de 20,1 % para 25,1 % (RASI, 2021). Durante o ano de 2021, a APAV registou um total de 724 homens adultos vítimas de violência doméstica, na esmagadora maioria de nacionalidade portuguesa (90,2%), sendo que 29% se encontravam na faixa etária dos 65 ou mais anos de idade (APAV, 2021). Quanto aos autores/as do crime de VD, a APAV registou 727, cuja faixa etária mais representativa se encontrava entre os 36 e os 55 anos de idade (idem).

No que diz respeito à relação existente entre vítimas e autores/as do crime de VD, registou-se uma prevalência da violência de 20,4% entre cônjuges, da violência perpetrada por filhos contra pais de 14% e da violência perpetrada por pais contra filhos de 9,2 %.

Os distritos, em Portugal, onde se verifica uma maior prevalência de vítimas do sexo masculino por violência doméstica são o distrito de Lisboa (21,3%), Faro (17,7%) e Porto (16,6%) (ibidem). Os números reais da violência contra homens nem sempre são fáceis de obter

uma vez que, por questões relacionadas com a masculinidade, por vergonha e medo, muitos homens não apresentam queixa nas instâncias formais (Enakele, 2019), como veremos mais adiante.

Relativamente às tipologias e formas de violência, os homens podem, tal como as mulheres, sofrer violência física, psicológica/emocional, sexual, social, económica, estando estes sujeitos à intimidação, isolamento social, ameaças (Ludovino et al., 2019), ao uso ilegal ou inadequado dos seus bens ou propriedades (Gil, 2012) e a gestos violentos como pontapear, esmurrar, agarrar, arranhar e cuspir, ou ser atacado na zona genital (Matos & Machado, 2012). De acordo com algumas investigações, parece que a violência psicológica é a mais prevalente (Dim, 2020) seguida da física (Lagdon et al., 2014 apud Matos, 2021).

Os homens estão também muito vulneráveis ao abuso administrativo e legal, geralmente utilizado pelas parceiras com o intuito de os prejudicar (APAV, 2020). Com efeito, esta tipologia de violência é comum quando as crianças ou familiares são utilizados como meio para manipular o homem a não abandonar a relação (Machado et al., 2020) e também quando o sistema de justiça é utilizado de forma a lesar o outro, através de alegações falsas sobre a violência perpetrada (Dim, 2020). Na generalidade dos casos, a pessoa agressora aproveita a vulnerabilidade da vítima para agredir (Bates & Weare, 2020 apud Matos, 2021) difamar, humilhar (Bates, 2020 apud Matos, 2021) e para a intimidar na presença de amigos (Joseph-Edwards & Wallace, 2020 apud Matos, 2021).

A violência sofrida pode resultar em danos psicológicos graves como a depressão, ideação suicida, stress, sintomas psicossomáticos ou perturbação de stress pós-traumático (Matos & Machado, 2012). Diversos estudos indicam que os homens vítimas de VD têm tendência a sentir-se zangados, confusos, frustrados, com dor e desapontamento após a experiência de vitimação (Ludovino et al., 2019). De destacar ainda os sentimentos de culpa, a raiva, a ansiedade, irritabilidade, o isolamento social (Barnett, 2001 apud Enakele, 2019), a perda de autoestima, o medo, a vergonha (Reis & Malveiro, 2020) sendo que as vítimas mais vulneráveis podem mesmo encontrar-se em situações graves de pobreza ou de sem-abrigo (idem). Ao mesmo tempo, também se verifica um impacto ao nível económico e profissional, com uma diminuição da produtividade e faltas no trabalho (Ludovino et al. 2019).

A violência doméstica é, pois, uma grave violação dos direitos humanos e uma forma de discriminação com impacto não só nas vítimas, mas também na sociedade em geral (CIG, 2021). A este propósito, importa referir que em agosto de 2014 entrou em vigor a Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica, Convenção, mais habitualmente designada de Convenção de Istambul,

que reconhece a existência da categoria de género socialmente construída que impele as mulheres e os homens a adotar determinados papéis e comportamentos, sendo que alguns destes estereótipos e preconceitos contribuem para legitimar socialmente, a violência (idem).

No próximo ponto, abordo as dificuldades na procura de ajuda pelos homens vítimas de violência doméstica, que se prendem, como veremos, com questões intimamente ligadas às expectativas sociais, estereótipos de género e masculinidades.

2.1.3. Dificuldades na procura de ajuda pelos homens vítimas de violência doméstica

Os homens enfrentam muitos obstáculos de ordem interna e externa quando se trata de denunciar a situação de violência sofrida e de procurar ajuda. As barreiras à procura de ajuda são complexas e diversas, mas podemos destacar algumas de ordem mais prática, como não ter para onde ir, não ter recursos financeiros suficientes, ou ter receio do impacto que tal situação poderá ter ao nível profissional (Huntley et al., 2019). O medo de perder a guarda dos/as filhos/as, a preocupação com a pessoa agressora, o desejo de permanecer na relação na qual se encontram emocionalmente investidos (idem) e a esperança na mudança do comportamento violento da/a agressor/a (Machado et al., 2018) constituem outros fatores que pesam no momento de revelar a situação de vitimação.

Os homens também parecem hesitar em pedir ajuda por medo de serem ridicularizados e humilhados pelos serviços de polícia e sociais (Enakele, 2019). De acordo com alguns estudos, homens vítimas de VD reportaram uma falta de sensibilidade e compaixão da parte de alguns profissionais e ainda uma falta de compreensão relativamente aos homens vítimas de VD homossexuais, bissexuais e transgénero, denunciando uma intervenção dos serviços “heterossexualmente orientada” e estereotipada no que ao género diz respeito (Huntley et al., 2019, p.10). Uma parte destas vítimas consideram, pois, os serviços de prestação de apoio inadequados para responder às suas necessidades e dificuldades, sendo que algumas das vítimas não têm sequer conhecimento da existência destes mesmos serviços (idem).

Em casos de vitimação por mulheres, alguns estudos demonstram que as entidades formais desvalorizam as queixas dos homens, considerando-os os reais agressores (Enakele, 2019). Os homens vítimas têm, pois, medo que as pessoas próximas e os profissionais não acreditem nas suas experiências de vitimação e que os percecionem como os autores dos atos violentos (Huntley et al., 2019). O facto da vítima por vezes, ser fisicamente maior ou ser percecionada como fisicamente mais forte que o/a autor/a da violência leva-a a que recue na

denúncia, por achar que ninguém irá acreditar na sua história (idem). Sabemos hoje, que a “superioridade física” do homem não o impede de ser vítima, já que diante da violência, muitos homens podem permanecer passivos por dificuldade e vergonha de se verem nessa situação (Machado & Matos, 2012). Eu acrescentaria ainda a dificuldade em se defender devido à dependência emocional que mantém com a pessoa agressora, como afirmou uma vez a Dr.^a Catarina Neves numa conversa sobre o tema. Numa sociedade patriarcal como a nossa, é expectável que um homem seja capaz de se defender (Enakele, 2019) o que cria nestas vítimas o sentimento de serem “menos homens” se assumirem e denunciarem a experiência de vitimação (Huntley et al., 2019).

Assim, facilmente se entende que um dos obstáculos mais significativos à revelação da situação violenta e procura de ajuda prende-se com questões relacionadas com as expectativas sociais.

Com efeito, a identificação e o reconhecimento dos homens como vítimas desafia amplamente uma sociedade na qual o sexo masculino domina e o feminino é dominado (Machado & Matos, 2012). O estatuto de vítima coloca os homens em conflito com um ideal masculino no qual se espera que eles sejam autoconfiantes, independentes e mais resistentes e fortes que as mulheres (idem). Esta narrativa convencional impõe aos homens uma conduta distanciada de toda e qualquer feminilidade (com a homossexualidade a ser com frequência associada à feminilidade (Santos & Rolino, 2019) integrando o modelo de referência de masculinidade a seguir (Connel, 1995). A feminilidade é construída por oposição à masculinidade, encontrando-se vinculada à ideia de passividade, cuidado, dependência fragilidade, o que leva perceber as mulheres como vulneráveis e os homens como potencialmente perigosos (Hollander, 2001 apud Santos & Rolino, 2019).

Desde a infância, são várias as práticas e os discursos existentes para expressar o que é expectável para meninos e meninas numa determinada cultura, nomeadamente através de comentários como “um homem não chora” ou através do afastamento deliberado dos meninos de brincadeiras tipicamente associadas às meninas, como brincar com bonecas, e do encorajamento de atividades consideradas mais “masculinas”, como as brincadeiras de armas e lutas que contribuem para uma determinada performance (Butler, 1988). Entre muitas outras coisas, estas narrativas provocam, nos homens, uma distância das noções de cuidado de si e dos outros (Sorensen et al., 2021), violentando-os, assim, ao exigir que ajam de forma a corresponder a esse tal ideal através da força e agressividade, longe da vulnerabilidade e do cuidado (Nascimento et al., 2011).

A masculinidade hegemónica incorpora, assim, a forma mais honrada de ser um homem, impondo a todos os homens que se posicionem em relação a ela, legitimando, num plano ideológico, a subordinação das mulheres a eles (Connel & Messerschmidt, 2013).

Em contraponto à masculinidade hegemónica temos as masculinidades subordinadas que incluem os homens homossexuais, ou com expressões não-normativas de masculinidade e os homens de determinadas classes sociais ou raças/etnias (Connel, 1995). Assim, entre diferentes grupos de homens temos relações de subordinação e de marginalização (idem).

A masculinidade hegemónica é, portanto, um modelo cultural ideal que, mesmo sendo difícil ou praticamente impossível de atingir, exerce controlo sobre os homens através de rituais sociais e de práticas discursivas que excluem tudo o que é feminino e emotivo (Vale de Almeida, 1995). Ser “um homem” engloba, deste modo, um conjunto de características morais e de comportamento, constantemente lembradas, avaliadas, sancionadas, confirmadas e em permanente construção (idem). Por isso, a masculinidade é um processo frágil, competitivo e que estabelece hierarquias (ibidem). O objetivo deste discurso (hegemónico) não é mais que o controlo social sobre os homens, particularmente sobre aqueles que se afastam do paradigma hegemónico, o que requer um elevado nível de autocontrolo e vigilância seja no modo de falar, de se movimentar, no que se diz, a roupa que se usa, as atitudes face a uma situação de conflito, tensão, entre outros (ibidem). Por vezes, o recurso à violência tem a função de afirmação e reivindicação da masculinidade tanto para as masculinidades consideradas dominantes como para as marginalizadas (Connel, 2005).

O ideal hegemónico de masculinidade resulta pois, de uma socialização assente em estereótipos de género, diferente para homens e mulheres (Tatiana Moura, s.d. apud Marques, 2021), que não são mais que “representações generalizadas e socialmente valorizadas acerca do que os homens e mulheres devem «ser» (traços de género) e «fazer» (papéis de género)” (Neto et al., 2000, p. 11).

Estas conceções estereotipadas sobre os homens e os rapazes acarretam muitos riscos para a sua saúde, e bem-estar físico e mental. Muitas vezes, para corresponder a estes ideais e afirmar a sua masculinidade, estes colocam a sua vida em perigo de várias formas: consumir álcool e outras substâncias aditivas em excesso, conduzir sem cinto de segurança, não procurar ajuda médica e psicológica ou envolver-se em atos violentos constituem apenas alguns exemplos disso mesmo (Santos & Rolino, 2019).

Efetivamente, em Portugal, os homens, em comparação com as mulheres, consomem mais tabaco, álcool e substâncias ilícitas e têm hábitos alimentares menos saudáveis (Wall et al., 2016). No nosso país, os homens morrem mais e mais cedo que as mulheres, embora sofram

menos com problemas de saúde ao longo da vida: entre os 15 e os 64 anos, os óbitos entre os sujeitos do sexo masculino correspondem a duas vezes os óbitos nas mulheres que se encontram na mesma faixa etária, sendo a esperança média de vida dos homens inferior à das mulheres (OMS, 2014 apud Santos & Rolino, 2019). No nosso país, à semelhança do que se acontece no mundo, a probabilidade de suicídio entre os homens é três vezes superior à de uma mulher, o que significa que pelo menos uma em cada dez mortes de indivíduos do sexo masculino com idade entre os 15 e os 39 anos, resulta de suicídio (idem).

Como podemos ver, os modelos normativos de género marcados por conceções binárias, heteronormativas e misóginas, e sustentadas pelo patriarcado, balizam os limites, as possibilidades e o comportamento social feminino e masculino (Louro, 2001 apud Sorensen et al., 2021) provocando sofrimento tanto aos homens como às mulheres (Sorensen et al., 2021), sendo que os estereótipos responsáveis pela subordinação das mulheres são os mesmos que levam os homens a reprimirem as suas identidades para não contrariarem a norma social que lhes é imposta. O modelo de masculinidade dominante prejudica as mulheres eternizando as desigualdades de género, e limita o pleno desenvolvimento dos homens a partir do momento em que nascem e são embrulhados num cobertor azul, o que os impede de expressar as suas emoções livremente e afeta o seu bem-estar físico e emocional (Marques, 2021, p. 19). Consequentemente, estas estruturas de poder e de dominação, provocadas pelas normas de género, tem, ao longo do tempo, legitimado e naturalizado a cultura de violência contra as mulheres e invisibilizado a violência perpetrada contra os homens (Sorensen et al., 2021). Assim, as expectativas sociais impedem os homens de se reconhecerem como vítimas e criam barreiras à denúncia e procura de apoio formal (APAV, 2020). Desta forma, quando estas vítimas procuram ajuda formal, a violência já se encontra num nível muito grave. Em geral, é após uma crise que o homem vítima procura ajuda (Huntley et al., 2019) sendo também a severidade da violência exercida por parte do/a agressor/a que o leva a tomar esta decisão (Lysova & Dim, 2020 apud Machado et al., 2018).

Assim sendo, avancemos para o próximo ponto, onde consta informação sobre as estruturas de apoio formal disponíveis, em Portugal, para responder às necessidades dos homens vítimas de VD. Uma verdadeira igualdade passa, pois, por oferecer a estas vítimas um atendimento adequado às suas necessidades e dificuldades, com equipas mais compreensivas e tolerantes, devidamente sensibilizadas e formadas para as questões dos estereótipos de género e masculinidades, sem esquecer que a promoção da igualdade de género deve começar logo na infância para que os meninos e meninas se sintam livres para serem eles mesmos, e assim

crecerem homens e mulheres plenos e completos. Conscientes destes desafios, avancemos então para o ponto seguinte.

2.1.4. Respostas sociais de apoio a homens vítimas de violência doméstica em Portugal

Em Portugal, a RNAVVD – Rede Nacional de Apoio a Vítimas de Violência Doméstica é constituída por um conjunto de serviços e de respostas vocacionados para o apoio às vítimas como a CIG, o Instituto da Segurança Social, I. P. (ISS, I. P.), as casas de abrigo, as estruturas de atendimento, as respostas de acolhimento de emergência, as respostas específicas de organismos da Administração Pública e os Serviços de Informação a Vítimas de Violência Doméstica (SIVVD) (CIG, 2021).

As respostas de acolhimento de emergência, estruturas de atendimento e casas de abrigo encontram-se sob a supervisão técnica da CIG, em articulação com a Segurança Social, o que significa que a CIG garante a verificação da conformidade dos procedimentos sobre a prevenção da violência doméstica, proteção e assistência das suas vítimas e a respetiva articulação com as políticas públicas; a verificação da conformidade em termos de requisitos mínimos de intervenção no que diz respeito à violência doméstica e de género, promovidos pela CIG, com o objetivo de uniformizar, formalizar e melhorar as práticas e procedimentos a desenvolver neste contexto e ainda a monitorização do trabalho das equipas relativamente à intervenção, formação, informação e atualização das competências das pessoas que aqui se encontram integradas (idem).

A RNAVVD disponibiliza 26 unidades residenciais para acolhimento urgente de vítimas, acompanhadas ou não de filhos/as menores ou maiores dependentes portadores de deficiência (CIG, 2020). Relativamente às casas de abrigo para vítimas de VD, como já mencionei antes, existem, no nosso país, 39 casas de abrigo distribuídas pelo país incluindo o arquipélago dos Açores e a ilha da Madeira, sendo que apenas uma acolhe homens vítimas de VD (idem). Como já vimos antes, em 2016 abriu a primeira casa de abrigo para homens em Portugal, no Algarve, distrito de Faro que se intitulava “Proteção para todos”, tendo este surgido na sequência do aumento dos casos de VD sobre os homens no nosso país (Matos, 2021). O projeto de casa de abrigo ficou depois a cargo da Cáritas Diocesana de Aveiro e até ao momento, esta é a única estrutura de acolhimento de homens vítimas de VD e respetivos filhos/as menores.

Relativamente às respostas disponíveis especificamente dirigidas aos homens vítimas a nível nacional, destaca-se, pois, a CIG, mas também a Associação de Apoio à Vítima (APAV) com serviços gerais de apoio a todas as vítimas de violência (CIG, 2020).

Importa também fazer alusão a algumas associações que prestam apoio psicológico, emocional, jurídico ou social a vítimas de VD LGBTI, homens e mulheres. Neste sentido, destacamos a Associação Plano I, com o seu Centro de Respostas às Populações LGBTI (Centro Gis), que oferece atendimento a vítimas de VD LGBTI; com a sua Casa Arco-Íris, estrutura de Acolhimento de Emergência para pessoas LGBTI Vítimas de VD e ainda a sua “Casa Com Cor” (Plano 3 C), Apartamento de Autonomização para Pessoas LGBTI Vítimas de VD (Associação Plano I, 2023). Existe ainda a CASA QUI, Associação de Solidariedade Social com um gabinete de apoio à juventude vítima LGBTI e com uma resposta de autonomização para jovens LGBTI (ReAJO) (CASA QUI, 2023). Estas estruturas residenciais acolhem indiferencialmente, mulheres e homens LGBTI.

Finalmente, importa também referir a Associação Quebrar o Silêncio, que oferece apoio psicológico e momentos de grupo de ajuda mútua para homens e rapazes vítimas de violência sexual (Quebrar o Silêncio, 2023).

Estas são, neste momento, as respostas existentes para apoiar os homens vítimas de VD, sejam eles LGBTI ou não. Face ao aumento dos números de violência doméstica perpetrada contra homens, estas respostas não parecem suficientes, bem pelo contrário. Devemos por isso continuar a nossa luta pela igualdade, para que todos e todas tenham acesso a apoio formal igual e ajustado às circunstâncias e à proporção do fenómeno.

Temos ainda um caminho importante a fazer no que diz respeito à consciencialização para esta problemática o que passa, por exemplo, por desconstruir, tanto ao nível da sociedade civil como das pessoas que integram as equipas de intervenção, mitos e estereótipos que impedem os homens e as mulheres de obter uma efetiva igualdade de oportunidades e direitos. É por esse motivo, essencial imaginar formas inovadoras, atrativas e criativas de capacitar homens e mulheres para a vida em sociedade, onde todos e todas possam ter as mesmas oportunidades para se desenvolverem plenamente. É neste sentido que, no âmbito do meu estágio, sugeri implementar um projeto no qual a arte fosse utilizada enquanto meio para empoderar, tendo sempre os estudos feministas e de género bem presentes na minha intervenção. Deste modo, no próximo ponto, vamos explorar o tema do empoderamento e perceber de que forma as ferramentas artísticas poderão contribuir para empoderar vítimas de violência doméstica.

2.2. Empoderamento e arte na intervenção com vítimas de violência doméstica

2.2.1. Empoderamento: definição, pertinência junto de públicos vulneráveis e sua relação com as artes

Desenvolvido nos anos 1970 e utilizado, maioritariamente, pelos movimentos feministas, antirracistas e LGBT, o conceito de *empowerment*, em português “empoderamento”, tem vindo a ser, ao longo dos tempos, empregue por diferentes atores (Goffinet, 2018) e aplicado em diversos contextos, junto de variados grupos sociais, tais como as minorias étnicas e migrantes, as mulheres, as pessoas em situação de sem-abrigo, as pessoas com doença mental, as vítimas de violência ou abuso sexual, entre outros (Fazenda, 2003). Perkins & Zimmerman (1995) definem empoderamento como sendo um processo através do qual as pessoas ganham controlo sobre as suas vidas, ao mesmo tempo que vão adquirindo uma compreensão crítica do seu ambiente e a participação democrática na comunidade em que se encontram inseridas. No decorrer deste processo, o conceito de “poder” corresponde à capacidade e autoridade dos sujeitos para “terem acesso a recursos e bens” (poder para); “tomarem decisões e fazer escolhas” (poder para), “resistirem ao poder dos outros se necessário” (poder de) e “influenciarem o pensamento dos outros” (poder sobre) (Pinto, 2001, p. 251).

No contexto de intervenção junto de vítimas de violência doméstica, o empoderamento consiste em ajudá-las a descobrirem as suas capacidades e recursos para a tomada de decisões, fomentando a confiança em si e nos outros, levando-os a entender que podem ter controlo sobre a sua própria vida (Walker, 1994 apud Matos & Machado, 1999).

Neste sentido, a finalidade do empoderamento consiste em promover e consolidar os direitos e a efetiva participação de indivíduos ou grupos em risco ou em situação de discriminação e exclusão, na vida social, económica, política e cultural, lutando contra a opressão e fomentando uma distribuição mais equitativa dos recursos (Fazenda, 2003).

Para Catalá (2009), a falta de poder é uma aprendizagem cultural e política, por isso o *empowerment* também pode e deve sê-lo. Segundo a mesma autora, o processo de empoderamento passa pelo alcance, acesso e apropriação de um conjunto de recursos – materiais, como a alimentação ou a habitação; intelectuais, que dizem respeito ao acesso à informação, à aquisição de conhecimentos; ideológicos, que correspondem à facilidade em criar e defender valores, atitudes e comportamentos e, finalmente, psicológicos, que pressupõem compreender as problemáticas que envolvem as relações de género e ter a capacidade de

desconstruir os mitos e os estereótipos. Nas suas próprias palavras: “El empoderamiento, en última instância, implica modificar las creencias y normas colectivas que rigen el mundo y, portanto, su construcción, a partir del cambio individual de la subjetividad de mujeres y hombres, creadores de la realidad a partir de sus pensamientos y modos de relación consigo mismas(os) y las(os) demás. El empoderamiento implica desconstruir la identidad basada en los géneros complementários masculino y femenino para apoyar el desarrollo de sujetas y sujetos completos y libres, conscientes de su capacidad creadora y su poderío personal y social” (Catalá, 2009, p.4).

Com base no que diz a autora, o empoderamento passa, pois, por desconstruir ideias estereotipadas relativas a homens e mulheres, devolvendo a todos e todas a sua liberdade e consciencializando-os/as do seu potencial individual e social e da sua capacidade para criar. De acordo com Ostrower (1999), a criatividade é algo inerente ao ser humano, sendo a sua realização efetiva uma das suas necessidades. Em estreita relação com o conceito de ação, a criatividade tem um caráter libertador pelo facto de apelar à imaginação, ultrapassando a racionalidade (idem). Tal como defende Freire (2013, p.359-360), “não há reconstrução sem criatividade; no fundo, a criatividade tem que ver com a remodelação do mundo”. Neste sentido, Freire (1996) entende a experiência criadora como um elemento essencial na vida das pessoas, para que estas possam, entre outras coisas, desenvolver a sua consciência crítica. Com efeito, no ponto de vista do autor, todas as pessoas são capazes de olhar criticamente para o mundo à sua volta; no entanto, para que tal seja possível estas devem ter em sua posse ferramentas que facilitem a sua capacidade para perceber e agir sobre a realidade, pois se as pessoas que vivenciam contextos problemáticos não conhecerem as causas da sua opressão, dificilmente poderão provocar mudanças nas suas vidas (Freire, 1972). A consciencialização é, deste modo, um processo de aprendizagem libertador levando as pessoas para além dos sistemas existentes e encorajando-as a utilizar as suas capacidades para intervir sobre o mundo (idem). Assim, as pessoas desfavorecidas e oprimidas são empoderadas a partir do momento em que tomam consciência das desigualdades sociais e em que motivam outros a lutar pela igualdade social (Freire, 1973).

As ferramentas artísticas assumem um papel muito significativo neste processo de consciencialização, de desenvolvimento de capacidades e possibilidades das pessoas e de combate às desigualdades sociais. Como afirma Leite (2019, p.9), “as artes operam como um canal de exploração da nossa paisagem interior e, em simultâneo, provêm as condições necessárias a um despertar para o mundo à nossa volta”. As artes há muito que são conhecidas por fortalecerem a confiança dos indivíduos em si mesmos, por fomentarem e construírem a

sua autonomia, por permitirem o seu empoderamento (Leite, 2019). Uma das finalidades da educação através das artes é precisamente promover a capacidade das pessoas a desenvolver-se através da experiência criativa (idem). A arte constitui um meio valioso para alargar a nossa consciência, satisfazer a nossa procura por significado, estabelecer contacto com outros e partilhar uma cultura (Eisner, 2002), estimulando movimento e mudança, integração, plenitude, criando laços de solidariedade e espaços para um melhor conhecimento de si mesmo e dos outros (Leite, 2019).

Para além disso, a arte afina os sentidos e a imaginação de forma a que os indivíduos possam idealizar o que não é possível, de facto, ver, provar, tocar, ouvir ou cheirar, possibilitando novas formas de experimentar o mundo e de lidar com problemas (Eisner, 2002). Deste modo, a arte favorece “um olhar mais sensível à realidade quotidiana, pode contribuir à criação de um rico imaginário (...) e resgatar poéticas que dão sentido à vida em comunidade, pela alegria, o lúdico, a imaginação (Leite, 2019, p.13).

De acordo com Paulo Freire, embora o empoderamento não seja suficiente para uma transformação social, ele é, contudo, um passo indispensável nesse processo.

Neste sentido, através do projeto “Empoder’ Arte com igualdade” pretendeu-se contribuir para o empoderamento dos homens acolhidos na casa abrigo para que estes, conscientes da sua capacidade criadora e sensibilizados para a igualdade de género, se possam constituir agentes privilegiados na sua promoção. Homens mais informados e empoderados serão capazes de perceber o mundo através de outras perspetivas e estarão mais vigilantes às pressões sociais invisíveis que os condicionam. Assim, em conjunto com mulheres e com outros homens, poderão construir uma sociedade mais inclusiva e igualitária. O ideal seria poderem contribuir para a “criação de modos alternativos à relação do sujeito com o poder, e à regulação do seu uso na sociedade” (Macedo e Amaral, 2005, p.148), erradicando as discriminações e as desigualdades e redistribuindo as oportunidades ao nível social, político, económico e cultural para assim estabelecer a igualdade entre todos e todas (Ferreira, 2014).

Com estas ideias em mente, exploremos então, seguidamente, as potencialidades artísticas na intervenção junto de vítimas de violência doméstica e como estas poderão contribuir para as empoderar.

2.2.2. Ferramentas artísticas: contributos para o empoderamento de vítimas de violência doméstica

“A educação é uma obra de arte. É nesse sentido que o educador é também artista: ele refaz o mundo, ele redesenha o mundo, repinta o mundo, recanta o mundo, redança o mundo.”
(Freire, 1996)

O uso da arte enquanto meio de consciencialização para as questões de género não é algo novo. Nas décadas de 60 e 70, os movimentos das mulheres e feministas começaram a introduzir a dimensão artística no seu ativismo com diferentes intenções (Magalhães et al., 2017), entre as quais reivindicar os direitos das mulheres e combater as desigualdades de género, sob a premissa de que “o pessoal é político” (Lacy, 1995, p. 27 apud Rechená & Furtado, 2019). A arte é pois, uma poderosa ferramenta para a mudança das consciências e para a criação da mudança social (Haynes, 1997, p.48) que as feministas não deixaram de usar para se fazerem ouvir.

De acordo com Alain de Botton (2014), a arte oferece beleza e esperança, promove o sentimento de pertença, dá outras perspetivas da realidade, possibilita a racionalização dos sentimentos e facilita a comunicação com os/as outros/as. Ela proporciona diferentes modos de ver o mundo que nos rodeia e sugere re-leituras e re-construções da realidade (Magalhães et al., 2017). Enquanto ferramentas pedagógicas e dialógicas, as expressões artísticas têm como finalidade a mudança e transformação social (idem). As práticas artísticas possibilitam novas formas de expressar a identidade, de representar a realidade e de comunicar preocupações e desejos, criando outras formas de experienciar a vida, o que contribui de modo significativo para o empoderamento dos indivíduos (Carrasco et al. 2016).

Nomeadamente para as vítimas de trauma e de violência doméstica, vários estudos demonstram que a arte contribuiu para a diminuição da ansiedade e de stress e o aumento da autoestima e autoconfiança destas (Garner, 2015). Está cientificamente comprovado que a arte pode diminuir, prevenir ou transformar os efeitos da situação traumática (Kazmierczak, 2017) e contribuir para o empoderamento dos sujeitos (Hacking et al., 2008), fomentando o pensamento crítico, a descoberta de talentos e aumentando a autoconfiança (Carrasco et al. 2016). A arte permite também dominar sentimentos, assimilar experiências difíceis, passar da passividade para a atividade ou experienciar a realização de desejos (Waelder, 1933 apud

Monteiro, 2016). O processo de criação e improvisação, para além de favorecer o desenvolvimento, pela vítima, da sua capacidade para identificar sensações corporais e estados emocionais, constitui também uma ferramenta importante para ajudar a vítima a comunicar sem o uso de palavras (idem).

Por todos estes motivos, penso que a implementação do projeto “Empoder’Arte Com Igualdade” em contexto de casa abrigo faz sentido e poderá contribuir significativamente para o empoderamento dos utentes. Desta forma, no próximo ponto, exploramos a pertinência do projeto não só para os estudos feministas e de género, mas também para a instituição onde se realizou o estágio.

2.2.3. Pertinência de um projeto de índole artística para os estudos feministas e de género e para a CAHVVD: Enquadramento do projeto Empoder’Arte Com Igualdade na resposta e nesta área de saber

Antes de avançar, convém lembrar que o feminismo é um “movimento social cuja finalidade é a equiparação dos sexos relativamente ao exercício dos direitos cívicos e políticos” (Oliveira, 1969, p.424). Lisboa (2010) afirma que o movimento feminista é um movimento sociocultural, que luta por justiça e equidade nas relações entre homens e mulheres, mobilizando-se por garantir os direitos humanos, particularmente o das mulheres já que são elas as que mais sofrem com a violência e discriminação.

O feminismo luta pela igualdade de género, que é um direito fundamental consagrado na Constituição da República Portuguesa. De acordo com o Artigo 13.º, que corresponde ao “Princípio da Igualdade”, “todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei, sendo que ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual” (DGPJ, 2023), sendo a CIG o organismo nacional responsável pela promoção deste (CIG, 2021). A igualdade é, pois, um direito essencial para o desenvolvimento da sociedade e para a participação plena de homens e mulheres na mesma (idem), o que implica que eles e elas tenham as mesmas oportunidades, direitos e obrigações nas mais diversas áreas: educação, trabalho e carreira profissional, saúde, etc. (APF, 2023).

Através da implementação do projeto “Empoder’Arte Com Igualdade” pretendeu-se transmitir a ideia empoderadora de que homens e mulheres têm o mesmo valor e que, por isso,

todos e todas merecem os mesmos direitos e oportunidades. Para além disso, realizar um projeto que utiliza a arte para empoderar e para sensibilizar para a igualdade de género vai ao encontro da reflexão de bell hooks (2003) ao afirmar que a arte é fundamental para pensar que é possível esperar que as práticas e atitudes opressivas possam ser positivamente desafiadas e alteradas. O ato criativo é importante não só para desafiar a naturalização da violência e das desigualdades, mas também para questionar a cultura patriarcal e construir novas perspetivas assentes no respeito mútuo, na igualdade e justiça social (Magalhães et al., 2017), o que, naturalmente, beneficia homens e mulheres. Uma intervenção desta índole funciona como um mecanismo de transformação social que contribui para construir uma sociedade sem violência para todos e todas (idem). Com efeito, quando desafiamos e questionamos as normas culturais, os estereótipos de género ou ainda a masculinidade tóxica, (neste caso através de ferramentas artísticas), estamos não só a contribuir para construir uma sociedade menos violenta mas também para ajudar os homens a libertarem-se das expectativas demasiado rígidas sobre como devem ser ou agir, oferecendo-lhes espaço para serem eles próprios e para viverem masculinidades mais saudáveis e positivas, pois embora se verifiquem alguns progressos com a emergência de novas masculinidades, mais cuidadoras e conscientes das responsabilidades domésticas e familiares (Santos & Rolino, 2019), a verdade é que ainda temos um caminho significativo a percorrer. Por isso, é necessário juntarmos os nossos esforços aos dos movimentos feministas que “se centram na contínua luta pela igualdade (...) considerando os estereótipos de género e toda a ideologia de género uma prisão, que encarcera tanto homens como mulheres mesmo de formas diferenciadas e assimétricas” (Nogueira, 2005, p.40-41) e avançar lado a lado rumo à liberdade.

Por esse motivo, este projeto convidou os homens a serem parceiros da causa feminista pois sem eles o movimento não poderá evoluir (hooks, 2000). Ser parceiros passa, por trabalhar em conjunto com as mulheres para mudanças positivas na sociedade onde se encontram inseridos, renunciando a determinados privilégios e tendo um papel mais ativo nos espaços comuns, na vida de todos os dias. Para além disso, passa ainda por transmitir àqueles e àquelas que os rodeiam, sejam eles adultos ou crianças, os conhecimentos relacionados com as questões da igualdade de género, as desigualdades, os estereótipos, as masculinidades, o que envolve a prática de relações saudáveis, etc.

O projeto “Empoder’Arte Com Igualdade” teve como objetivo principal o empoderamento dos sujeitos, uma vez que pessoas mais empoderadas estarão certamente mais aptas a enfrentar a realidade após a estadia no contexto seguro de casa abrigo e a tomar decisões por si, e que contribuem para o seu bem-estar. Como referem Neves & Nogueira (2005, p.411)

o empoderamento das pessoas passa pelo poder destas “terem acesso ao conhecimento, o poder de entenderem o que podem fazer com ele e o poder de partilharem a responsabilidade da mudança social”. Empoderar os homens acolhidos na CA assume especial importância, já que empoderar vítimas de VD contribui para as ajudar a ultrapassar as situações de violência sofridas, ajudando-as a reconstruir as suas vidas e a recuperar a autonomia por vezes perdida. No âmbito do projeto, o empoderamento passou por oferecer às vítimas informações e recursos para as ajudar a retomar o controlo das suas vidas e a tomar melhores decisões para elas mesmas, através de ferramentas artísticas, de debates e reflexões sobre temas relacionados com a igualdade (e desigualdade) de género.

Através deste projeto, procurou-se ainda “criticar totalidades e estereótipos universais”, ultrapassando “definições estáticas” (Cruz, 2014, p. 20), pondo a nu uma realidade – a de que homens, tal como as mulheres, também podem ser vítimas de violência em contexto familiar – realidade tantas vezes ignorada e considerada tabu numa sociedade que espera que os homens sejam mais fortes, mais resistentes, mais independentes que as mulheres (Machado & Matos, 2012). Estas ideias pré-concebidas, estes estereótipos de género alimentam um ideal masculino que, muitas vezes, impedem os homens de se reconhecerem como vítimas e de procurar ajuda formal (APAV, 2020). Com este projeto, procurei dar visibilidade a um fenómeno ainda pouco estudado e explorado no seio da comunidade científica já que ao longo dos últimos 30 anos, a investigação na área da violência doméstica se focou mais nas mulheres e negligenciou os homens (Machado & Matos, 2012). Falar da violência que é perpetrada contra homens através de um olhar feminista é lembrar que a violência doméstica ou patriarcal está intimamente associada ao sexismo e pensamento sexista, já que esta assenta na crença generalizada de que é aceitável utilizar a força para controlar e dominar o outro (hooks, 2000). Ora é contra o sexismo, a exploração sexista, a opressão e contra todas as formas de violência que o movimento feminista se insurge há décadas. Através deste projeto pretendeu-se contribuir, na medida do possível, para o mesmo.

Em relação aos benefícios do estágio e do projeto em causa para a Casa de abrigo para homens especificamente, importa voltar a referir a questão da ocupação do tempo livre dos homens acolhidos na estrutura. Como já expliquei anteriormente, para alguns deles, o tempo “custa a passar” pois não se encontram a frequentar uma formação ou não estão inseridos numa atividade profissional. Deste modo, a participação nas atividades do PEACI teve o benefício de ocupar o seu tempo de forma significativa e construtiva. Assim sendo, enquanto estagiária acabei por complementar o trabalho da equipa da CA.

O meu papel de estagiária permitiu-me também que passasse tempo de qualidade com os utentes a conversar, fosse sobre as suas experiências de vitimação e sobre as suas dores ou sobre outro tema qualquer. O facto de terem alguém para lhes fazer companhia, conversando ou simplesmente estando presente foi muito benéfico para os utentes, especialmente para os que tinham mais idade ou algum tipo de dificuldade de mobilidade.

Entre outras coisas, espero que as atividades desenvolvidas tenham contribuído para, de facto, capacitar os utentes para as questões de género, para uma melhor aceitação de si mesmos e dos outros e consciencialização das desigualdades. Espero, pois, que tenham saído das atividades mais empoderados e convencidos de que têm recursos para enfrentar os desafios.

Por fim espero que o projeto realizado tenha contribuído para ampliar os horizontes em termos de projetos futuros, centrados na promoção da igualdade de género e em meios alternativos, criativos e inovadores para, mais do que ocupar, capacitar os utentes para uma vida em sociedade mais justa para todos/as.

Capítulo 3: O projeto Empoder'Arte Com Igualdade

3.1. Descrição do projeto e objetivos

O projeto “Empoder'Arte com Igualdade” (PEACI) foi implementado em contexto de estágio, na casa abrigo para homens vítimas de violência doméstica, atualmente a única estrutura residencial de acolhimento para homens vítimas deste flagelo a nível nacional, como já tive oportunidade de referir anteriormente.

O projeto decorreu durante o ano letivo de 2023, entre fevereiro e junho e teve como objetivo principal contribuir para o empoderamento dos homens acolhidos na casa abrigo através de ferramentas artísticas, tendo como pano de fundo os estudos de género e feministas.

A intenção do projeto foi sempre oferecer aos utentes da resposta momentos de abstração e de reflexão através do ato criativo, munindo-os de ferramentas com vista ao seu empoderamento e autonomia. Os estudos feministas e de género sustentaram as diversas intervenções, oferecendo uma base sólida de conhecimentos e saberes para pensar sobre os nossos papéis enquanto homens e mulheres, sobre as nossas relações com os/as outros/as, sobre as nossas responsabilidades, direitos e obrigações numa sociedade que se pretende mais justa e solidária para todos/as onde todos/as possamos ter as mesmas oportunidades e liberdades.

Tendo em mente estas ideias, foi-me possível elaborar a seguinte pergunta de partida: “De que forma a utilização de ferramentas artísticas contribui para o empoderamento dos homens acolhidos em casa abrigo?”, que, de acordo com Quivy & Campenhout (1998), procurei que fosse clara, exequível e pertinente para o estudo em causa. Partindo desta questão inicial, delineei um conjunto de objetivos, primeiro gerais e depois específicos, que me ajudaram a clarificar as intenções do PEACI. Como sabemos, os objetivos gerais constituem as orientações principais das ações de uma investigação enquanto que os específicos correspondem aos resultados que queremos alcançar, detalhando os objetivos gerais (Guerra, 2002). Vejamos então os objetivos gerais e específicos relativos ao projeto:

Objetivos gerais:

- Determinar o papel da utilização de ferramentas artísticas para o empoderamento dos homens acolhidos em casa – abrigo;

- Implementar estratégias de intervenção centradas na igualdade de género que promovam o empoderamento dos homens acolhidos em casa-abrigo.

Objetivos específicos:

- Promover ações que contribuam para um sentimento de valorização por parte dos participantes;
- Consciencializar para a igualdade de género;
- Desconstruir estereótipos, mitos e crenças que sustentam as desigualdades de género entre homens e mulheres;
- Dialogar e refletir sobre consentimento, relações saudáveis, estratégias para a resolução de conflitos,
- Encorajar os participantes do projeto a focalizarem-se no presente e no futuro (sonhos, ambições, projetos, etc.)
- Auferir as perceções e as perspetivas dos participantes relativamente aos assuntos abordados e ao impacto das ações implementadas.

O PEACI assente nos estudos feministas e de género, é de natureza qualitativa, uma vez que esta abordagem é coerente com a questão-chave e com os respetivos objetivos. Tendo o projeto uma componente prática, promotora de “ação” e de mudança, podemos afirmar que o mesmo se insere no âmbito da investigação-ação. No próximo ponto encontra-se a fundamentação metodológica do projeto, onde encontramos informação mais detalhada sobre as metodologias qualitativas e feministas na investigação-ação, bem como sobre os métodos de recolha e análise de dados que foram utilizados ao longo do tempo de vigência do projeto.

3.2. Fundamentação metodológica do projeto

3.2.1. Metodologias qualitativas e feministas na investigação-ação

Conforme entende Serrano (2008), no âmbito do desenvolvimento de um projeto, a metodologia desempenha um papel crucial, uma vez que ela oferece as ferramentas, as técnicas, os métodos e os procedimentos necessários a colocar em prática para alcançar as finalidades do

mesmo. A escolha da metodologia de trabalho e da abordagem filosófica que a sustenta, reflete os valores do investigador e a visão que tem do mundo que o rodeia (Saunders et al., 2009).

Neste sentido, orientando-me eu pelos valores feministas na vida, também a investigação e o projeto realizado se basearam nesses mesmos valores que não são mais que a luta pela igualdade, a renúncia do sexismo e heteronormatividade e o respeito pela diversidade e polifonia (Neves, 2012). O projeto “Empoder’Arte com Igualdade”, para além de assentar em ideais feministas, é, também, de natureza qualitativa, uma vez que esta abordagem é coerente com a questão-chave e respetivos objetivos. Com efeito, os métodos qualitativos conferem uma grande importância às experiências reais das pessoas, trazendo para o centro as subjetividades dos/das investigados/das e as interpretações que estes fazem da realidade (Neves, 2012), pontos estes comuns com as práticas de investigação feminista. O reconhecimento pelo “pluralismo, diversidade e historicidade do conhecimento” assim como a conceção da realidade como um processo socialmente construído são outros aspetos que a pesquisa feminista partilha com a qualitativa (Neves, 2012, p. 7).

Neste sentido, a pesquisa qualitativa constitui uma “atividade situada que localiza o observador no mundo” (Denzin, 2006, p.17 apud Silva, 2015, p. 400). Deste modo, os estudos qualitativos implicam uma abordagem naturalista e interpretativa, o que significa que o investigador estuda as coisas nos “cenários naturais” procurando entender ou interpretar os significados que os indivíduos dão aos fenómenos (Denzin, 2006, p.7 apud Silva, 2015, p. 401). Os métodos qualitativos integram, assim, o paradigma interpretativo, que implica a compreensão, pelo investigador das diferenças entre sujeitos relativamente aos papéis que desempenham na sociedade (Saunders et al., 2009). O paradigma interpretativo tem influências não só da fenomenologia, que estuda a forma como os indivíduos dão sentido ao mundo que os rodeia, mas também do interacionismo simbólico segundo o qual nós interpretamos continuamente os comportamentos dos/as outros/as com quem interagimos sendo depois essas mesmas interpretações que nos levam a ajustar os nossos próprios comportamentos (idem). Posto isto, a abordagem qualitativa, assente nos princípios feministas e no paradigma interpretativo é a que mais se adequa aos objetivos do meu estudo e projeto, já que se privilegiou sempre o encontro com homens vítimas de violência doméstica, se encorajou a discussão e reflexão sobre questões relacionadas com o género, sobre as masculinidades e estereótipos, a partilha das suas experiências e se procurou entender e interpretar os significados que estes davam às suas vivências.

Tendo como base a abordagem qualitativa, surge a investigação-ação que pressupõe a recolha de informações sistémicas que, por sua vez, visa promover mudanças sociais (Bogdan

& Biklen, 1994). Os dados recolhidos através desta metodologia são, por esse motivo, ricos em pormenores sobre pessoas, lugares, conversas (idem). A investigação-ação compreende, portanto, o estudo de uma situação social que procura “melhorar a qualidade de ação que nela decorre” (Elliott, s.d, apud Máximo-Esteves, 2008) e que implica “planear com flexibilidade, agir refletir, avaliar, validar e dialogar” (Máximo-Esteves, 2008, p. 42). Esta metodologia exige também uma constante adaptação às necessidades dos participantes e uma postura crítica do investigador face aos resultados obtidos (Rechena & Furtado, 2019). Os projetos deste tipo privilegiam a escuta ativa do Outro, são participativos, colaborativos e inclusivos, construindo-se gradualmente em conjunto com as pessoas que dele fazem parte (idem).

Um projeto de investigação-ação é constituído por várias fases que incluem, num primeiro momento, determinar a problemática/situação que se pretende investigar e melhorar, depois construir um plano de ação com as estratégias/medidas a implementar e coloca-lo em prática (fase da intervenção) e, finalmente, avaliar/ refletir sobre o trabalho realizado (Elliot, 1993).

O PEACI seguiu, pois, uma metodologia de investigação-ação, qualitativa e feminista, tendo este seguido as fases supracitadas. O plano de ação do projeto e respetivas formas de avaliação são apresentadas posteriormente de forma mais pormenorizada. Antes de avançar para o próximo ponto, no qual abordamos de forma breve os métodos de recolha de dados utilizados ao longo da implementação do projeto, importa ainda referir que a amostra/público-alvo desta investigação-ação foi a amostra por conveniência, que consiste em utilizar um grupo de indivíduos que se encontra disponível (Carmo & Ferreira, 2008). Assim, definiu-se, naturalmente, como critério de inclusão, o facto destes indivíduos se encontrarem a residir temporariamente na casa de abrigo durante o período da investigação.

3.2.2. Métodos de recolha de dados

Na sequência do que já foi dito, uma metodologia consistente com os compromissos feministas privilegia a combinação de diversos métodos de recolha de dados possibilitando assim que mais vozes sejam ouvidas e mais questões de utilidade científica sejam exploradas (Fine, 1993 apud Gatenby & Humphries, 2000). A utilização de diversas técnicas de recolha de dados tem a vantagem de permitir comparações entre as diferentes informações, possibilitando, por sua vez, a triangulação da informação recolhida (Aires, 2015). Assim sendo, na investigação qualitativa podemos utilizar diferentes técnicas para este efeito, entre as quais se destacam a observação, a entrevista e análise de documentos (Tuckman, 2002). O inquérito por

questionário constitui também um método interessante para recolha de informação atual e a atualizada, possibilitando o estudo de um fenómeno tal como ele ocorre (Dias, 1994).

Neste sentido, importa referir que a leitura e análise de documentação permite assegurar a qualidade da problematização do fenómeno de estudo (Quivy & Campenhoudt, 1998) e que a observação, particularmente a participante, se realiza em contacto direto, frequente e prolongado do investigador com os indivíduos, sendo este o principal instrumento de pesquisa (Correia, 2009). Esta forma de observação tem como objetivo compreender os atores sociais e as respetivas atividades no contexto de ação para apreender a realidade (Correia, 2009) sendo caracterizada pelas interações sociais intensas entre investigador e sujeito (Bogdan & Taylor, 1975 apud Correia, 2009).

A entrevista constitui uma das técnicas mais comuns e importantes no estudo e compreensão do ser humano (Aires, 2015), permitindo por um lado analisar o sentido que os atores sociais dão às suas práticas e aos acontecimentos e por outro reconstituir um processo de ação, de experiências ou de acontecimentos do passado (Quivy & Campenhoudt, 1998). A entrevista, que implica o contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores (idem), é sempre um processo de comunicação em que entrevistador e entrevistado se influenciam mutuamente, sendo que no decurso da mesma se desenvolve uma interação criadora e captadora de significados (Aires, 2015). De um ponto de vista feminista, a entrevista requer abertura e confiança entre os entrevistadores/as e entrevistados/das (Monroe-Baillargeon, 2004 apud Neves, 2012), dando-se grande relevância às trocas, à colaboração e interação entre sujeitos (Oakley, 1981 apud Neves, 2012).

Finalmente, o questionário constitui uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que tem como objetivo recolher discursos individuais, que, posteriormente são interpretados e generalizados a conjuntos mais amplos (Dias, 1994). O facto de podermos, através do questionário, colocar um número significativo de perguntas permite-nos recolher informação valiosa sobre os sujeitos e estabelecer relações com eles (Dias, 1994). Tanto o questionário como a entrevista, entre outros métodos de recolha de dados, permitem-nos verificar, ou não, as questões teóricas que orientam a investigação (idem).

Seja qual for a técnica ou método de recolha de dados utilizada, é essencial ter sempre presente a questão ética. É fundamental que o/a investigador/a respeite com seriedade, o compromisso ético que estabeleceu com os participantes e todas as outras pessoas e entidades envolvidas no processo ao nível do levantamento da informação. A sua responsabilidade de ordem ética passa não só pela consciencialização do poder que tem no contexto da investigação, pois é ele/ela que escolhe o que fazer com os dados recolhidos, a forma de o tornar público e o

que fazer disso (Letherby and Zdrodowski, 1995 apud Gatenby & Humphries, 2000), mas também por negociar com os participantes sobre os limites da observação, divulgando a informação recolhida apenas se permitido (Carmo & Ferreira, 2008).

No âmbito do PEACI recorri em simultâneo à análise documental, à observação, à entrevista semiestruturada e ainda ao questionário, aplicado após a realização de cada atividade/oficina artística. A diversidade de meios para recolher informação foi essencial devido às especificidades do grupo de participantes, das suas características individuais, mas também devido à dinâmica de acolhimento em casa abrigo, marcada por uma grande rotatividade e imprevisibilidade quanto ao tempo de permanência dos homens na estrutura.

Deste modo, comecei por proceder à leitura e análise de documentação sobre a violência, estereótipos, masculinidades, empoderamento, ferramentas artísticas, enfim, de informação útil e pertinente para o tema. Procurei ainda aprofundar os meus conhecimentos sobre as artes na intervenção social junto de públicos vulneráveis, realizando diversas formações *on-line*.

Antes de iniciar o estágio e o projeto propriamente dito, sugeri marcar um encontro com todos os utentes que se encontravam, nesse momento, presentes e a residir na CA para procedermos às apresentações e para dar a conhecer o projeto e respetivas intenções. Aproveitei este momento para explicar de que forma pretendia recolher a informação – através da observação, entrevistas, breves questionários e discussões/reflexões que, idealmente, seriam gravadas para garantir a veracidade do que tinha sido dito – e para apresentar e explicar com uma linguagem mais acessível, os consentimentos informados, garantindo assim o compromisso ético exigido no contexto de uma investigação. Neste momento distribuí pelos utentes um documento com informações relevantes a ter em conta relativamente ao PEACI e os termos de consentimento informado (Anexo I).

Também lhes foi dito que o respeito pelo outro, pelas seus trabalhos e opiniões era essencial para o bom funcionamento das sessões e que, pelo contrário, as faltas de respeito, ou comportamentos racistas, xenófobos ou homofóbicos não seriam tolerados em momento algum. Após estas recomendações e a assinatura dos consentimentos, foi então possível avançar e iniciar as atividades/oficinas artísticas que constavam no plano de ação.

Enquanto estagiária, assumi, no decorrer das atividades, uma posição privilegiada de observadora, lançando temas para reflexão e discussão e fazendo sugestões, mediando as intervenções de cada elemento do grupo, colocando questões e “provocações”, ou por vezes simplesmente estando presente e observando as relações e interações entre os participantes. As observações que fiz, as perceções, o dito e o não dito (linguagem verbal e não verbal) ou as opiniões dos participantes relativas a determinado assunto foram anotadas numa grelha para o

efeito, cujo “esqueleto” poderá ser consultado em anexo (Anexo II). Os debates e conversas sobre determinados temas foram sendo gravados não só para garantir a veracidade do que que era dito no momento da transcrição, mas também para evidenciar os eventuais progressos realizados, pelos participantes, ao nível do seu empoderamento ao longo do tempo.

No fim de cada atividade foi, sistematicamente, pedido aos participantes que preenchessem um pequeno questionário (Anexo III). A utilização desta técnica foi essencial uma vez que o tempo que os participantes do projeto permaneceriam a residir na CA era muito incerto e imprevisível: em pouco tempo o grupo poderia sofrer várias alterações, pois alguns senhores já poderiam ter abandonado a resposta enquanto outros novos, poderiam tê-la integrado, verificando-se uma rotatividade de participantes significativa. Através do preenchimento deste documento, foi possível ir recolhendo, gradualmente, as perceções dos participantes relativamente a cada atividade, o que se revelou fundamental para a análise e discussão de resultados realizadas posteriormente. Com efeito, a partir da informação existente nos questionários, foi possível discernir a satisfação dos participantes relativamente às atividades e se, através destas, os objetivos do PEACI estavam a ser alcançados. A informação obtida foi sempre bem “atual”, pois os questionários eram aplicados imediatamente após a realização de cada atividade. Desta forma, foi possível perceber também se, em geral, as atividades incrementadas contribuía para o empoderamento dos utentes. Os questionários distribuídos pelos participantes do PEACI eram compostos por 13 perguntas. A primeira parte do questionário (da questão 1 à questão 6) correspondia à caracterização dos participantes (com espaços para preenchimento da idade, naturalidade, nacionalidade, habilitações literárias, profissão e tempo de permanência na resposta) e a segunda parte, (da questão 7 à questão 13), incluía questões intimamente relacionadas com as atividades realizadas, às quais os participantes deveriam responder “concordo”, “discordo” e “não concordo nem discordo” (três opções de resposta disponíveis, sendo que apenas a questão 13 tinha acrescida uma questão de desenvolvimento). Na elaboração dos questionários, houve uma grande preocupação em utilizar uma linguagem simples, clara e direta, no sentido de facilitar a compreensão e evitar equívocos. Importa ainda acrescentar que, no preenchimento dos questionários, se garantiu a confidencialidade da identidade dos participantes.

No fim do projeto, após ter sido implementado o conjunto de atividades previsto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a 5 dos participantes do projeto que, nesse momento, ainda se encontravam a residir na CA e, também, à Dr.^a Catarina Neves, a diretora técnica e psicóloga da estrutura. As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, registadas por escrito e tiveram como objetivo aceder às perceções dos participantes e da diretora técnica

da resposta sobre o projeto “Empoder’Arte Com Igualdade”, respetivas atividades e objetivos, complementando a informação previamente recolhida, constante na grelha de observações e questionários.

Este tipo de entrevista revelou-se ser o mais adequado aos objetivos do meu estudo e projeto de estágio, já que me ofereceu, tal como podemos ler na literatura, uma maior flexibilidade no momento de colocar as questões aos meus interlocutores, evitando o distanciamento dos temas centrais (Braun & Clarke, 2013). Desta forma, foi-me possível, enquanto entrevistadora, fazer alterações e adequar certas questões ao longo da entrevista, permitindo ao mesmo tempo, aos entrevistados, expressar os seus pontos de vista e perceções sobre o objeto de estudo mais livremente, facilitando assim a recolha de informação (idem).

Antes de mais, tal como é recomendado por Carmo & Ferreira (2008), defini o objetivo da entrevista e criei um guião de entrevista para os utentes (Anexo IV), e outro para a responsável da casa (Anexo V). Para além disso, acordei atempadamente, data, hora e local com os entrevistados e entrevistada e, finalmente, registei as respostas e observações que daqui decorreram. As entrevistas aos utentes foram realizadas no período da manhã do dia 30 de junho de 2023 no escritório da CA e tiveram em média, a duração de 15/20 minutos. A entrevista à Dr.^a Catarina Neves foi também realizada no escritório da CA, no dia 5 de julho de 2023 durante o período da tarde e teve uma duração de mais ou menos 40 minutos. Todas as entrevistas decorreram num ambiente sereno e tranquilo, sem distrações e interrupções. Procurou-se ainda evitar grandes formalidades com o intuito de criar um ambiente confortável e agradável para todos/todas. Os envolvidos mostraram-se cordiais e disponíveis para responder às diversas perguntas com sinceridade e diplomacia e as conversas que se geraram foram de grande utilidade para perceber o que funcionou no âmbito do PEACI e o que, no futuro poderá ser melhorado ou criado de forma a contribuir para uma evolução no acompanhamento de homens vítimas de violência doméstica neste contexto.

3.3. Plano de ação do Projeto Empoder’Arte com Igualdade

No âmbito do projeto “Empoder’Arte com igualdade” foram realizadas dez atividades artísticas com o objetivo de contribuir para o empoderamento dos homens acolhidos na casa de abrigo para homens vítimas de violência doméstica, sendo elas:

- O Autorretrato,
- Colagens sobre o tema “Ser homem” e “Ser mulher”
- Partilha de músicas e canções significativas para os participantes
- Carta a si mesmo - escrita criativa
- Mosaico de azulejo com mensagem de empoderamento
- O meu lugar seguro - escrita criativa, desenho e colagem (a ideia de desenhar o lugar seguro foi retirada de um artigo de Rechena & Furtado, 2019)
- Oficina de olaria
- A caixa da masculinidade: análise de fotografias e visionamento da curta-metragem “(Des)guia para um macho real” (A ferramenta da caixa da masculinidade foi retirada do “Manual das Masculinidades”, Equix (Santos & Rolino, 2019))
- Análise de casos e visionamento da curta-metragem *Tea Consent*
- Caminhada e reflexão sobre o futuro

Antes de cada atividade/oficina artística, foi essencial, naturalmente, preparar o espaço onde estas decorreriam e colocar à disposição os diversos materiais (disponibilizados pela CDA e por donativos privados), para que os participantes pudessem “mergulhar”, sem limites, num universo criativo.

As horas de início das atividades foram sempre acordadas previamente com os participantes e a sua realização sempre lembrada pela Dr.^a Catarina N. nos dias de reunião de grupo (às quartas-feiras).

Nas oficinas do PEACI, os participantes puderam descobrir e explorar diversas ferramentas artísticas tais como o desenho, a pintura, a modelagem e a colagem. Tal como noutros projetos de intervenção presentes na literatura com vítimas de violência doméstica, desenhados e implementados por especialistas na área, procurei que as sessões do projeto constituíssem espaços onde os participantes se sentissem seguros e livres para expressar os seus pontos de vista e emoções, sem juízos de valor e sem pressões (Kazmierczak, 2017). Os participantes puderam avançar ao seu ritmo da forma que lhes era mais favorável, num espaço propício à autorreflexão e à interação de grupo, onde se procurou trabalhar competências sociais que, eventualmente, pudessem ser utilizadas mais tarde para reconstruir vidas longe da violência (idem). Naturalmente, em qualquer altura, os participantes tiveram a oportunidade de dar sugestões de atividades/de ferramentas artísticas a utilizar ou de assuntos a abordar. O

diálogo e a partilha de impressões e opiniões em grupo foram sempre encorajados e as decisões de cada um, respeitadas, o que também contribuiu para o empoderamento dos sujeitos vítimas de violência, que viveram situações em que as suas vozes foram, muitas vezes, ignoradas (ibidem). Pretendeu-se assim que o plano de ação do projeto fosse coerente com os objetivos definidos não só nas atividades que propunha, mas também na forma de as colocar em prática, isto é, sempre com respeito pela individualidade do outro e com a consciência de que nos encontrávamos num “chão” de igualdade.

As oficinas de arte/atividades realizadas, tiveram a duração de aproximadamente 1h/1h30 e decorreram, na sua maioria, nos espaços interiores da casa de abrigo, embora duas delas tenham decorrido no exterior. No início de cada uma delas houve sempre o cuidado de explicar e de relembrar os objetivos que se pretendia alcançar com as mesmas. Quando necessário, houve o cuidado de mostrar, com pequenos exemplos concretos da vida quotidiana, os benefícios de trabalhar o empoderamento na nossa vida (por exemplo, para que sejamos capazes de fazer valer os nossos direitos em determinadas situações), de fazer uma atividade artística para o nosso bem-estar e de abordar certas questões sobre a igualdade de género para o nosso bem e o das nossas relações sociais, tanto com outros homens como para com mulheres. Deste modo, procurou-se que os participantes entendessem que as diferentes intervenções encerravam um propósito e um sentido, não se realizando apenas por mera ocupação ou entretenimento.

Após um pequeno momento de conversa informal e de convívio com os homens à volta de uns snacks, dava-se início à sessão. De um modo geral, participaram em média, 4 ou 5 participantes por atividade (apesar da casa de abrigo ter capacidade para acolher 10 utentes, durante alguns meses (de março a maio) a casa acolhia 8 utentes, sendo que um deles nunca participava no projeto por motivos profissionais. Assim, durante o decorrer das atividades, das 7 pessoas que se encontravam na casa nesse momento, 4 ou 5 participavam nas atividades.

De seguida, apresento uma tabela que inclui informações de ordem prática relativamente às diversas atividades/oficinas artísticas implementadas, como a data em que decorreram as atividades, o tempo de duração, os objetivos, os materiais utilizados, o espaço onde tiveram lugar e o número de participantes.

Tabela 2: Resumo das atividades do PEACI

Atividade	Data	Objetivos	Duração aproximada	Materiais utilizados	Espaços onde decorreu	Número de participantes
Autorretrato	11.02.2023	Promover ações que contribuam para um sentimento de valorização por parte dos participantes	1 hora	Folhas de papel brancas de tamanho A3 Tintas de guache Pincéis	Sala no espaço exterior da CA	4 participantes
Colagens sobre o tema “Ser homem” e “Ser mulher”	25.02.2023	Promover ações que contribuam para um sentimento de valorização por parte dos participantes; Consciencializar para a igualdade de género; Desconstruir estereótipos, mitos e crenças que sustentam as desigualdades de género entre homens e mulheres;	1h30	Folhas de papel brancas de tamanho A3 Revistas Imagens, palavras e letras de revistas previamente recortadas Cola batom Tesouras Lápis Marcadores	Sala comum no interior da CA	3 participantes nas colagens, 6 participantes na reflexão e discussão que se seguiu
Partilha de músicas e de canções	11.03.2023	Desconstruir estereótipos, mitos e crenças que sustentam as desigualdades de género entre homens e mulheres.	1 hora	Um computador com internet Uma coluna de som	Sala comum no interior da CA	5 participantes
Carta a si mesmo -escrita criativa	25.03.2023	Promover ações que contribuam para um sentimento de valorização por parte dos participantes Encorajar os participantes do projeto a focalizarem-se no	1 hora	Folhas de papel de tamanho A4 para escrever Papel craft Cartolinas Esferográficas Lápis grafite Marcadores Lápis de cor Carimbos Imagens e letras de revistas	Sala comum no espaço interior da CA	5 participantes

		presente e no futuro (sonhos, ambições, projetos, etc.)		Cola Borracha		
Mosaico de azulejo com mensagem de empoderamento	15.04.2023	Promover ações que contribuam para um sentimento de valorização por parte dos participantes Encorajar os participantes do projeto a focalizarem-se no presente e no futuro (sonhos, ambições, projetos, etc.)	2h	Azulejo de diversas cores, partido Betume Base de madeira Água Esponja	Sala no espaço exterior da CA	4 participantes
O meu lugar seguro – escrita criativa, desenho e colagem	29.04.2023	Promover ações que contribuam para um sentimento de valorização por parte dos participantes Encorajar os participantes do projeto a focalizarem-se no presente e no futuro (sonhos, ambições, projetos, etc.)	1 hora	Folhas de papel brancas de tamanho A4 Marcadores Lápis de cor Lápis de carvão Imagens e letras de revistas Cola Tesouras Borracha	Sala no espaço exterior da CA	4 participantes

Oficina de olaria	13.05.2023	<p>Promover ações que contribuam para um sentimento de valorização por parte dos participantes</p> <p>Encorajar os participantes do projeto a focalizarem-se no presente e no futuro (sonhos, ambições, projetos, etc.)</p>	1h30 (+ 1h30 para a pintura das peças com tinta acrílica)	<p>Viatura para transporte dos participantes</p> <p>Barro em estado líquido e semi-sólido</p> <p>Ferramentas de moldagem diversas</p> <p>Moldes de gesso</p> <p>Moldes de metal</p> <p>Rolo da massa</p> <p>Água</p> <p>Esponja</p>	Espaços do Museu da Vista Alegre, Ílhavo	4 participantes
Caixa da masculinidade, análise de fotografias e visionamento da curta-metragem “(Des)guia para um macho real”	20.05.2023	<p>Conscienciar para a igualdade de género;</p> <p>Desconstruir estereótipos, mitos e crenças que sustentam as desigualdades de género entre homens e mulheres;</p>	1h15	<p>Tabletop Easel</p> <p>Pad</p> <p>Marcadores</p> <p>Computador com internet</p> <p>Coluna de som</p> <p>Guião com pontos a abordar no decorrer da atividade</p>	Sala comum no espaço interior da CA	4 participantes
Análise de casos e visionamento da curta-metragem “Tea consent”	09.06.2023	<p>Conscienciar para a igualdade de género;</p> <p>Desconstruir estereótipos, mitos e crenças que sustentam as desigualdades de género entre homens e mulheres;</p> <p>Dialogar e refletir sobre consentimento, relações saudáveis, estratégias para a resolução de conflitos,</p>	1h15	<p>Guião com pontos a abordar no decorrer da atividade e com os casos a analisar</p> <p>Computador com internet</p> <p>Coluna de som</p>	Sala comum no espaço interior da CA	6 participantes

Caminhada e reflexão sobre o futuro	24.06.2023	<p>Promover ações que contribuam para um sentimento de valorização por parte dos participantes</p> <p>Encorajar os participantes do projeto a focalizarem-se no presente e no futuro (sonhos, ambições, projetos, etc.)</p>	3 horas	<p>Viatura para transporte dos participantes</p> <p>Folhas de papel</p> <p>Esferográficas</p>	Quinta do Ega, Vagos	4 participantes
-------------------------------------	------------	---	---------	---	----------------------	-----------------

3.4. Apresentação e análise de resultados

De seguida, apresento a descrição das atividades implementadas no âmbito do PEACI bem como os resultados das observações/gravações que fiz no decorrer das mesmas. Aqui, está um apanhado das conversas, comentários, perspetivas e visões dos participantes sobre diversos assuntos, e imagens dos trabalhos que realizaram durante as sessões. Para além disso, nesta tabela também constam as minhas perceções sobre o que tive a oportunidade de observar durante as diferentes atividades.

3.4.1. Autorretrato

Nesta atividade, os participantes foram convidados a desenhar e a pintar o seu autorretrato e a refletir nas suas qualidades, habilidades, interesses e paixões. Tal como afirma Ramos (2001), ao criar um autorretrato, o indivíduo constrói uma imagem que é o julgamento de si mesmo, refletindo no seu desenho a perceção que tem de si próprio (idem).

Inicialmente, foram apresentados exemplos de autorretratos de Frida Khalo e de Picasso com o intuito de inspirar os participantes. Após esta apresentação, estes começaram a criar os seus trabalhos que, posteriormente foram pintados, já que a pintura constitui um recurso que permite “mobilizar emoções, facilitando a fluência e a expressão de afetos” (Philippini, 2009, p.44).

Alguns participantes mostraram-se reticentes, afirmando que não tinham jeito para desenhar, enquanto outros pareceram encarar a atividade como um desafio, mostrando-se curiosos e motivados. Apesar da insegurança inicial, todos foram capazes de sair da zona de conforto e de ultrapassar o medo de errar, criando o seu autorretrato com empenho, concentração e serenidade. O mais desafiante foi a partilha de uma qualidade pessoal com o grupo: os participantes demonstraram alguma dificuldade em dizer algo bom sobre si mesmos, afirmando que não tinham o hábito de o fazer, sendo que um deles confidenciou não conseguir ver coisas boas em si pois “*durante toda a vida*” se sentiu humilhado pela sua família que lhe dizia que ele “*não valia nada*”. Estas palavras geraram uma onda de solidariedade que levou os participantes a elogiarem-se entre si, com comentários do tipo “*Eu acho que tu és muito boa pessoa, que está sempre presente para ajudar*”, “*e tu, tu dizes sempre a coisa certa no momento certo*”, “*acho-te corajoso*”, “*tens muitas qualidades*”. No fim da atividade todos aceitaram partilhar os seus desenhos/pinturas com o grupo e dizer algo de positivo sobre si: O P. B afirma

ter-se pintado com “*cores quentes*”, já que é “*uma pessoa com muito amor para dar*”, mas também “*distraída, sonhadora e com a cabeça no ar*”. O P. D afirmou ter procurado representar, no seu desenho, “*a luz de Deus que o ilumina e faz feliz*”, embora também tenha usado “*cores sombrias*” para mostrar o seu “*sofrimento*”. No seu autorretrato, o P. D esboça um sorriso pois tem esperança no futuro e sente-se “*feliz*” por estar a ser “*ajudado pela Cáritas*”. Diz ser um bom amigo e ser uma pessoa de confiança. O P. J diz que no seu desenho (rosto pintado de preto com lágrimas e um sorriso rasgado) está “*a dor que sinto*”, mas que mesmo assim também tem “*esperança no futuro*”. Declara (após um certo momento de reflexão), ser um “*bom amigo*”. O P. I diz ter-se representado com um sorriso num dia de sol, pois é uma pessoa “*bem-disposta*”.

O desenho e pintura do autorretrato proporcionou um momento favorável à autoanálise e autoconhecimento. Assim, permitiu que os elementos do grupo se conhecessem um pouco mais e melhor a si próprios e aos demais.



Fig. 1: Autorretrato P. B Fig. 2: Autorretrato P. I



Fig. 3: Autorretrato P. D Fig. 4: Autorretrato P. J

3.4.2. Colagens sobre o tema “Ser homem” e “Ser mulher”

A partir de revistas e imagens soltas, os participantes foram convidados a realizar um trabalho de colagem sobre o que representava para eles “Ser um homem”. A colagem pode ser um veículo de expressão muito interessante no momento de criar, pois oferece, a partir de figuras concretas, a possibilidade de projeção e identificação, servindo ainda como alternativa ao ato de desenhar (Martins, 2012).

O funcionário da casa de abrigo que, nesse dia, se encontrava presente na casa, assim como eu e outra estagiária (do curso de Apoio Psicossocial), também participámos, o que contribuiu de forma positiva para enriquecer a conversa e aprofundar a reflexão. Durante a atividade de colagem os utentes mostraram-se motivados em encontrar imagens que correspondessem à sua ideia pessoal do que é “Ser homem”. No fim da realização dos trabalhos, deu-se então lugar a uma conversa-debate onde os participantes partilharam as suas perceções sobre o tema “Ser homem” e “Ser mulher”.

O P. B afirmou que ser homem é “*ter amigos*”, “*ter dinheiro*”, “*ter um carro*”, “*ter uma relação amorosa com uma rapariga*” e “*ser independente*”.

Para o P. J ser homem também é “*ter a sua própria liberdade*”, incluindo “*liberdade de expressão*” e “*ter um corpo forte*”. No final do seu discurso, acaba por declarar que ser homem é “*como ser mulher*”, que “*todos são iguais e têm os mesmos direitos*”.

O P. D vem reforçar a ideia de independência como requisito para ser homem, afirmando que ser homem é “*controlar a sua vida*”, mas também “*ter amigos que são como irmãos*”, poder “*viajar*”, “*ter um carro*” (segundo ele, para “*poder viajar*”). De acordo com o P. J ser homem é, tal como pensam os seus colegas em cima referenciados, “*ser livre, poder fazer o que quer, se quiser jogar à bola, joga à bola, se quiser sair, sai*”, é “*saber controlar o dinheiro*”, “*ajudar as pessoas que precisam, ter o quarto limpo*”, “*tomar banho*”. Pergunto-lhe então se acha que ser homem também é cuidar de si, dos outros e participar nas tarefas domésticas e ele responde-me que sim, sem se alongar sobre o assunto. Ele prossegue, dizendo que ser homem é também “*não se armar em superior, achar-se melhor que os outros*” (...) *antigamente era assim, os homens armavam-se em superiores para a mulher e isso é uma estupidez*” (...) “*às vezes, o homem acha-se forte e lixa-se porque às vezes é um fraco*” (gargalhada). Para os P. K e P. G ser homem é, entre outras coisas “*cuidar e ajudarmo-nos uns aos outros, ser amigo do seu semelhante*”. O P. G diz ainda que ser homem é também “*ser uma pessoa honesta e verdadeira, ser fiel, ter amor aos seus filhos, pensar no seu futuro, em ter uma casa*”. Durante as diversas

intervenções, os utentes mostraram-se atentos sem, no entanto, se pronunciarem de forma exaustiva sobre o assunto, talvez por receio de dizer algo de errado. Algumas ideias expostas pelos utentes, correspondem àquilo que, na literatura, consideramos pertencer ao modelo dominante de masculinidade como “ser forte”. A ideia de liberdade é referida diversas vezes, assim como também a ideia de ter amigos o é, demonstrando que a amizade com os seus semelhantes é um valor considerado importante entre os homens, pelo menos entre os homens do grupo.

É interessante verificar que no discurso dos utentes mais jovens, estes ideais de força, de liberdade e de amizade entre homens ocupam um espaço importante, enquanto que no discurso dos utentes que têm 60 ou mais anos, destaca-se mais a ideia de “cuidar e ajudar os outros”. Através desta atividade foi possível abordar, pela primeira vez, questões relacionadas com a (des)igualdade de género (como por exemplo, a questão das convenções sociais que impõem a homens e mulheres determinados comportamentos, posturas e caminhos que nem sempre correspondem às suas aspirações; o trabalho não pago, altamente desvalorizado, embora essencial, é suportado maioritariamente pelas mulheres; a questão da parentalidade, e em como ainda surpreende ver um pai a desempenhar um papel mais ativo no ato de cuidar dos seus filhos/as, a questão da objetificação das mulheres na publicidade, entre outras). A atividade constituiu, assim, um bom pretexto para depreender as ideais, perceções e conhecimentos dos participantes sobre estes assuntos e para os sensibilizar para a igualdade de género.



Fig. 5: Colagem P. B



Fig. 6: Colagem P. D

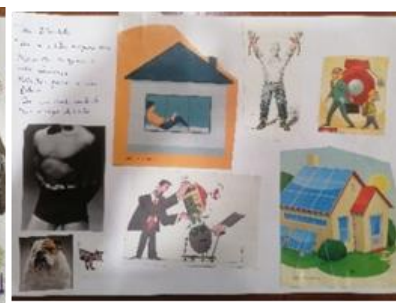


Fig. 7: Colagem P. J

3.4.3. Partilha de músicas e de canções

Nesta atividade, cada utente partilhou com o grupo, uma música que era importante e significativa para si. Esta atividade foi sugerida pelos participantes, não estando prevista no plano de ação do PEACI. No entanto, decidi avançar com ela, não só para lhes mostrar que as suas sugestões eram bem-vindas, mas também por considerar que esta partilha poderia ser útil para os consciencializar da necessidade de, enquanto homens, expressarem as suas emoções, tristezas e medos livremente, sem receio de serem julgados ou ridicularizados. A ideia era que estes entendessem que expressar emoções é um direito de todos/as, independentemente do nosso género. Eu mesma também partilhei uma música, “Gaudí”, de Capicua, aproveitando para dar a conhecer esta artista de excelência que, através do rap, transmite mensagens fundamentais sobre as (des)igualdade de género, e para abordar os problemas e dificuldades que sinto, enquanto mulher, na sociedade patriarcal, já que é uma música que fala do cansaço que, muitas de nós afirmam sentir com todas as pressões e obrigações que temos no dia – a – dia e do quão importante é aceitarmos as nossas imperfeições, defeitos e limites, “juntando todos os caquinhos e fazendo um Gaudí...”, como podemos escutar na música em questão. Mais uma vez, decidi participar na atividade com o intuito de enriquecer a reflexão e de sensibilizar e para as questões da igualdade de género.

O entusiasmo dos utentes durante a atividade foi notório. A partilha de músicas e canções foi, de facto, um meio interessante para abordar a questão das emoções através de uma lente de género. Neste sentido, após ouvirmos as músicas de todos, incluindo a minha, perguntei aos participantes como se sentiam quando ouviam as respetivas músicas, se achavam importante falar, expressar emoções, se sentiam livres para chorar; se alguma vez não se tinham sentido livres para expressar determinadas emoções... Para alguns participantes, foi mais fácil falar sobre o assunto, enquanto outros apenas falaram quando solicitados e de forma muito breve e superficial, mostrando-se um pouco inibidos. O P. D, que partilhou a música “Mocking bird”, do rapper Eminem, afirmou que para ele é “*fácil expressar emoções*”, desde que fosse com “*peessoas/amigos da sua confiança*”, acrescentando que falar de emoções é preciso e importante para “*poder ajudar uma pessoa*”. Diz que a música que escolheu o “*faz sentir-se bem, e que o ensinou a nunca desistir dos seus objetivos e sonhos, que é importante lutar contra os nossos medos*”.

O P. I, que partilhou a música “Thank you”, de Dido disse ser “*reservado*” e que para ele “*não é fácil expressar emoções*”. No entanto acha que “*um homem quando precisa de chorar,*

deve fazê-lo”. Diz que a música o “*ajuda a levantar quando está em baixo*”. Na opinião do P. J, que partilhou a música “I’m good”, de David Guetta e Bebe Rexha, “*devemos poder expressar as nossas emoções, sejamos homens ou mulheres*”, reforçando a ideia de que “*um homem também chora*”. Escolheu esta música que o faz sentir-se bem, e que considera ser “*inspiradora e cheia de adrenalina*”.

O P. E que partilhou a música “Entre eu e eu mesmo”, de Lex Clash, admitiu que para ele é “*complicado expressar emoções*”, não se tendo alongado em explicações e mostrando-se fechado ao diálogo. Diz que a música que escolheu o faz “*sentir-se bem*”, que o faz “*pensar*”. Acrescenta que a ouvia muito quando “*tinha saudades dos irmãos*” (de quem esteve longe quando foi institucionalizado). O P. G que partilhou a música “Nikita”, de Elton John, afirmou que “*sempre se sentiu livre para expressar emoções e chorar*” e considera que “*é importante falar de emoções*”. Tal como o P. E, também não se alongou sobre o assunto. Diz que a música que escolheu o leva a “*recordar-se de momentos felizes da sua vida*”, embora também lhe provoque alguma “*tristeza e nostalgia, porque o faz lembrar-se do seu passado*”.

À medida que os senhores iam dando as suas opiniões, eu ia intervindo, procurando levá-los a entender que todas as emoções são válidas e que todos/as podemos e devemos sentirmo-nos livres para as expressar já que, reprimi-las não é benéfico para nós, impedindo-nos agir sobre o que nos magoa e incomoda. Neste ponto, procurei mostrar, com exemplos simples, que homens e mulheres são socializados de maneira diferente desde a infância, e que existe uma pressão social significativa para os meninos se mostrarem fortes, não chorando nem mostrando as suas emoções, o que os leva a ter dificuldades em fazer diferente na idade adulta.

3.4.4. Carta a si mesmo: escrita criativa

Nesta sessão, foi pedido aos participantes escrevessem uma carta a si próprios, felicitando-se do percurso percorrido. Foi-lhes sugerido que pensassem nas suas qualidades, progressos e naquilo que conseguiram alcançar e realizar até ao momento, apesar das adversidades e dificuldades. Uma vez terminadas, as cartas foram colocadas em pequenos envelopes que cada participante guardou consigo. Através desta atividade procurou-se aproveitar os benefícios da escrita criativa, que oferece ao indivíduo a possibilidade de estabelecer um diálogo consigo mesmo, inclusive com fragmentos que lhe são, muitas vezes desconhecidos e que, com a prática, se vão tornando mais claros, já que os significados são, a pouco e pouco, assimilados pela consciência (Philippini, 2006). Esta ferramenta artística tem

um papel significativo no que diz respeito à ativação do ato e processo de criar bem como uma forma de conceber novas informações na consciência (idem).

Antes de começar, os participantes mostraram-se surpreendidos com o desafio. Alguns mostraram alguma resistência, afirmando que não tinham uma letra bonita, que davam muitos erros ou ainda que tinham dificuldade em escrever o português. Por esse motivo, foi necessário adaptar a atividade às características dos participantes: houve quem escrevesse a sua carta à mão, quem a escrevesse a computador e ainda quem a escrevesse na língua com que se sentia mais confortável (como o P. D, que é de nacionalidade russa). No momento de começar a escrever, alguns participantes verbalizaram não saber o que escrever e sentir-se perdidos. No entanto, as ideias não tardaram a surgir e os senhores começaram a escrever. Ao longo da atividade, os participantes mostraram-se concentrados. Todas as cartas foram escritas em prosa, sem decorações. Apesar das dúvidas e dificuldades iniciais, todos foram capazes de escrever algo bom sobre si mesmos, de destacar as suas vitórias pessoais e os progressos alcançados: o P.J escreveu, por exemplo, *“a minha falha é gastar dinheiro compulsivamente...mas no ano passado consegui abrir uma conta poupança e começar a poupar dinheiro”* *“um dia quando voltar a ler esta carta espero estar na minha casa...”*, o P. C escreveu *“Querido (nome do utente), apesar de tudo (altos e baixos) e algumas dificuldades tens conseguido alcançar os teus objetivos...com esforço conseguiste surpreender quem tinha falado mal de ti...”*. O P. E (para quem a tecnologia ocupa um espaço muito significativo na sua vida e que tem um canal no Youtube) diz, na sua carta que fica sempre *“muito contente”* quando *“tem mais seguidores no Youtube”*, que não desiste dos seus sonhos e que *“sempre soube o que é certo”*: *“mesmo quando estava na casa dos meus pais, sempre me pus de pé, nunca me deixei levar pelos insultos e palavrões”*. Alguns escreveram ainda o que desejam para o futuro como *“ter uma família”* e uma *“vinha”* (P. I), *“ser escritor”* (P. J), *“ser hospedeiro de bordo”* (P.D) ou *“ser o maior youtuber de jogos”* (P. E)). Nenhum participante quis partilhar a sua carta com o grupo, aceitando partilhá-la apenas comigo (apesar de o P. C e o P. D só o terem feito mais tarde e não no próprio dia). O balanço que faço desta atividade é muito positivo. As cartas que os utentes escreveram a si mesmo são comoventes, tendo estas constituído um bom exercício para promover ou ajudar a promover, o seu empoderamento e desenvolvimento pessoal. Também teria sido interessante que algum dos participantes tivesse pensado em realizar um poema, em vez de um texto em prosa por exemplo ou que tivesse tido mais *“brio”* com a estética da sua carta, decorando-a com os materiais que coloquei à sua disposição. No entanto, o resultado final também foi bom. O que importa reter é que se criou uma oportunidade interessante para que os participantes se lembrassem do quão são corajosos e resilientes, dos progressos que

fizeram até aqui, apesar dos obstáculos e circunstâncias da vida, apesar de todo o sofrimento e experiências difíceis que passaram.

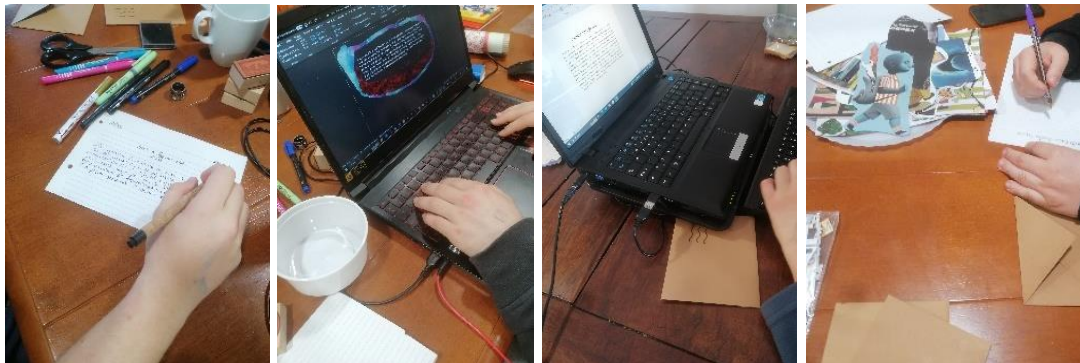


Fig. 8: Carta P. C

Fig. 9: Carta P. E

Fig.10: Carta P. J

Fig.11: Carta P. I

3.4.5. Mosaico de azulejo com mensagem de empoderamento

Nesta sessão, os utentes realizaram um mosaico utilizando pedacinhos de azulejo partido. Foi-lhes pedido que, com esta técnica escrevessem uma mensagem de empoderamento a si mesmos. Tal como refere Philippini (2009, p.82), “reunir cacos permite partir do caos e de uma desconstrução para ressignificar, reconstruir, atribuir um novo sentido e descobrir beleza no material quebrado, descartado, amontoado e confuso”. Ao utilizar cacos para criar algo novo, pretendeu-se então transmitir a mensagem de que é possível nos reerguermos, apesar de por vezes nos sentirmos “quebrados” no interior. Esta atividade não estava prevista no plano de ação, mas já que os materiais se encontravam disponíveis, pareceu-me pertinente utilizá-los neste contexto. Aos utentes foram dadas várias opções de palavras/mensagens de empoderamento que, seguidamente, estes escreveram em forma de mosaico. Cada participante escreveu uma mensagem diferente, sendo que um deles preferiu utilizar os pedacinhos de azulejo para criar uma imagem em vez de escrever. Os participantes não mostraram qualquer resistência ou hesitação em realizar a atividade, bem pelo contrário. Assim que expliquei o desafio, todos pareceram bastante motivados e curiosos com os materiais que coloquei à disposição deles. À medida que iam avançando na construção do seu “painel de empoderamento”, os utentes iam pedindo a minha opinião e a dos colegas sobre o seu trabalho. Questões como “*Está a ficar bem?*”; “*O que achas?*”; “*Que cor ponho aqui?*” demonstraram empenho e vontade de efetuar um trabalho bonito e interessante. Ao longo da atividade, os

participantes mantiveram um ritmo constante e trabalharam com boa disposição, serenidade e foco.

O P. D construiu a mensagem “Confia”, o P. J a mensagem “Ama-te” e o P. E a mensagem “És capaz”. Já o P. F construiu uma imagem com faixas de diversas cores, que intitulou de “Degradação da confiança”. O utente explicou que procurou representar, com um degradé de cores (de cores mais claras para cores mais escuras), o que se sente quando perdemos a confiança em alguém que é, ou que foi, importante para nós. Pegando nas suas palavras: *“quando conhecemos alguém, confiamos cegamente nessa pessoa e, a nossa confiança é branca e azul bebê” (...)* *mas com o tempo (...) tudo se vai escurecendo e deixamos de confiar totalmente nessa pessoa*”. O trabalho do participante F refletiu o seu estado de espírito naquele momento que parecia sentir-se muito desiludido com as pessoas em quem confiava e sentiu a necessidade de expressar esse sentimento através do mosaico. A sua estadia na casa de abrigo era, naquela altura, muito recente por isso as emoções ainda se encontravam muito à “flor da pele”. O seu trabalho também contribuiu, na minha perspetiva, para o seu empoderamento – por um lado porque o P. F foi capaz de criar e, por outro, porque foi capaz de encontrar uma forma de lidar com o seu sofrimento, com a sua emoção, gerindo-a o melhor que podia e na medida do possível, para poder avançar.

No final da atividade, todos os participantes pareciam orgulhosos e satisfeitos com os trabalhos realizados. Nalguns painéis, as mensagens de empoderamento ficaram um pouco camufladas porque as cores das letras e do fundo eram semelhantes, mas este é apenas um pormenor com pouca importância. Como sempre, mais importante que o resultado estético, é o processo, o caminho que se fez para chegar a algum lado. Por esse motivo, concluo que esta atividade foi um sucesso.



Fig. 12: Mosaicos – *Work in progress*



Fig.13: Mosaicos P. F, P. E, P. D, P. J
(da esquerda para a direita)

3.4.6. O meu lugar seguro – escrita criativa, desenho e colagem

Nesta sessão foi sugerido aos participantes que representassem, através do desenho ou da escrita, o seu lugar seguro, isto é, o lugar para onde “viajavam” em situações difíceis e de grande stress, o lugar que normalmente lhes transmite paz, serenidade e segurança. Foi-lhes dito que este “lugar” poderia também ser um objeto ou uma pessoa, e que poderia ser um lugar real, imaginado ou desejado.

Os participantes puderam escolher entre escrever um texto ou um poema à mão, trabalhar com o computador ou desenhar, o que foi importante para cativar o seu interesse. À semelhança da colagem e da escrita criativa, o desenho constitui também uma ferramenta artística com muitos benefícios, particularmente no que diz respeito ao seu carácter regressivo, sendo ele uma das primeiras manifestações artísticas do ser humano (Martins, 2012). Com efeito, para as crianças, o desenho constitui uma elaboração da sua vivência, ou seja, o seu mundo reflete-se no seu desenho, o que lhe dá a possibilidade de melhor o organizar e apreender (idem), o que também se aplica ao adulto que desenha.

Antes de começar, referi que “ter” um lugar seguro mental para onde se possa “viajar” em situações menos boas, pode ser útil para lidar com essas mesmas situações com mais confiança e serenidade, não deixando de acrescentar e de reforçar que o mais importante seria o significado e a intenção desse “lugar seguro” e não o resultado final (em forma de desenho, pintura ou texto). Posteriormente, os participantes colocaram “mãos à obra”. A atividade decorreu com tranquilidade e boa disposição e os participantes mostraram-se concentrados e motivados, tendo demorado pouco tempo na reflexão e na representação dos respetivos “lugares seguros”.

Dois dos participantes optaram pelo desenho, um pela escrita de um texto no computador e outro deixou a folha em branco, tendo apenas feito uma pequena rúbrica no canto inferior direito da folha. Os resultados foram interessantes. O P. A desenhou uma árvore, a relva e o sol

para representar o pátio da casa de abrigo pois diz que aqui se sente seguro. Quando fala da resposta que o acolheu, mostra imensa gratidão. Nas suas palavras, afirma que “*renasceu*” – “*Onde estava antes, estava muito isolado e não podia conversar com ninguém sobre a situação. Aqui posso falar com outras pessoas e isso deixa-me feliz*”. O P. D pintou uma praia, o sol e um bonequinho. Além disso, colou as palavras “descontrair e regresso” no seu desenho. Explicou que na praia, se sente seguro. Para ele, este é “*um sítio de paz e de descontração do mundo de fora*”, onde sempre procura “*regressar*”, embora nem sempre tenha a oportunidade de lá ir quando assim o deseja. Diz ainda relativamente ao “sol” que desenhou, que este “*olha em cima de mim e me protege*”. O P. E preferiu representar o seu lugar seguro utilizando o computador. Num documento *word* colocou 3 imagens de personagens de animes e jogos online. Nas suas palavras, “*os animes e os jogos de computador são o meu lugar seguro porque me fazem distanciar do mundo real*”, onde por vezes ele se sente desconfortável. Noutros momentos de conversa mais informais, tive a oportunidade de ouvir o utente dizer que prefere estar ao computador do que ter de “*encarar as pessoas*” diretamente. Para ele, o mundo virtual parece ser um grande alívio, permitindo-lhe escapar ao mundo real onde por vezes se sente “*diferente*” e julgado. Confesso que, pelo facto de já o conhecer um pouco, não fiquei surpreendida com a sua versão de “lugar seguro”. Os jogos online e os animes são a sua paixão, mas também o seu refúgio de um mundo que tantas vezes lhe foi, e ainda é, hostil. Finalmente, o P. K deixou a folha em branco, deixando apenas uma pequena rúbrica no canto inferior direito da mesma, afirmando “*neste momento, não tenho um lugar seguro*”. Perguntei-lhe se achava que, no futuro poderia encontrar esse lugar e ele respondeu-me “*depende da justiça*”. Disse-lhe que achava as suas palavras interessantes e perturbadoras ao mesmo tempo, pois devia ser difícil para ele não se sentir, no fundo, seguro em lado nenhum. O senhor encolheu os ombros e não disse mais nada. Foi, nesse momento, visível a sua revolta e frustração relativamente à situação em que se encontrava. Em conversas informais, falou-me várias vezes do quão era difícil para ele aceitar estar na casa abrigo a viver, enquanto o seu agressor continuava a viver na casa que era dele (dele, do P. K). A situação provocava-lhe muita tristeza, angústia, revolta e indignação. E falta de esperança. Por todos esses motivos, o P. K afirmou não se sentir seguro em nenhum lugar. Após a partilha dos trabalhos realizados, felicitei os participantes pelo seu empenho, demonstrando ao mesmo tempo que todos temos recursos internos para escapar a situações difíceis e desafiantes, e a capacidade e o poder de criar e de encontrar meios para enfrentar tais situações, de encontrar formas de nos protegermos do que nos faz mal e do que nos provoca medo e insegurança.



Fig. 14: Lugar seguro P. E.



Fig. 15: Lugar seguro P. D

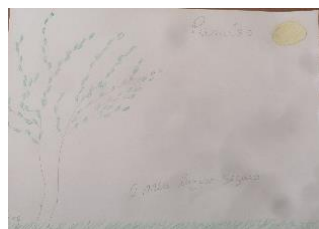


Fig. 16: Lugar seguro P. A

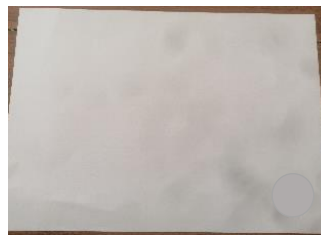


Fig. 17: Lugar seguro P. K

3.4.7. Oficina de olaria

Nesta atividade, os utentes puderam (re)descobrir o barro e criar um objeto para levar consigo quando abandonassem a resposta de casa de abrigo para se autonomizarem. A atividade decorreu num contexto diferente do habitual tendo sido dinamizada por uma monitora do museu que nos acompanhou ao longo de toda a oficina. Num primeiro momento, utilizámos barro líquido que colocámos num molde de gesso. Num segundo momento, utilizámos massa de barro semissólida que trabalhámos manualmente para criar um objeto. Posteriormente, as peças em barro foram pintadas com tintas acrílicas. A realização desta oficina no âmbito do PEACI foi muito significativa, pois, tal como diz Martins (2012, p.99), “o barro e a sua modelagem além de favorecer um processo artístico rico em experiências estéticas e criativas promove amplas formas de diálogo entre quem o manuseia e seus sentimentos, levando a pessoa a deparar-se com suas emoções concretizadas em imagens tridimensionais”. O barro despoleta sensações regressivas como se se estivesse a brincar, pois implica gestos “infantis” de bater, amassar, fazer rolinhos... (idem). Nesta atividade, os utentes da CA foram, precisamente, convidados a brincar com a terra e com os materiais disponíveis para realizar uma peça final que pudessem guardar para o futuro. Durante o processo, houve espaço para a abstração, relaxamento e a

experimentação de sensações e emoções positivas. A oficina de olaria foi um grande sucesso entre os participantes. Enquanto uns descobriram o barro pela primeira vez, outros lembraram o prazer de trabalhar esta arte tão antiga. Todos demonstraram grande motivação, empenho, foco e dinamismo.

A presença, na oficina, de uma pessoa especializada na arte do barro e o facto de nos encontrarmos num contexto diferente foi importante para motivar ainda mais os participantes. Ao longo da atividade, estes foram colocando perguntas sobre o processo de criação com barro (da escultura à cozedura), perguntando de que forma deveriam moldá-lo para obter um determinado objeto, que ferramentas deveriam utilizar, entre outros.

Além do entusiasmo, também senti da parte dos utentes uma grande tranquilidade enquanto trabalhavam e exploravam a “terra”. O ambiente em que trabalhámos foi muito agradável, cheio de boa disposição. Todos os participantes utilizaram o mesmo molde de gesso (um gato) no momento da experimentação com barro líquido. Posteriormente, cada participante moldou, livremente, um objeto com massa de barro semissólida. O P. A moldou um cestinho decorativo; o P. C moldou um cinzeiro; o P. D moldou figurinhas (um coração, um urso e um cão) para representar simbolicamente objetos reais significativos para si e, finalmente, o P. K moldou um “pisa-papéis” com figurinhas por cima. O P. A declarou várias vezes ter adorado a atividade e o P. K disse que gostaria de ter passado a tarde inteira na oficina. O P. C verbalizou ter apreciado a atividade. Este mostrou-se muito empenhado durante a execução da sua peça. Foi com muito cuidado e delicadeza que, posteriormente, a embalou e transportou. Quando chegou a altura de a pintar, o utente demonstrou uma vez mais, um cuidado especial com os detalhes.

O P. D afirmou também ter gostado muito da atividade. Como é habitual, o P. D demonstrou, ao longo de toda a atividade, grande motivação, dinamismo e gratidão.

No final da oficina, reparei no brilho dos olhos dos participantes que, com orgulho, transportaram, com grande cuidado, as peças criadas com as suas próprias mãos para a CA. Naturalmente, felicitei-os pelas suas criações, mas mais ainda pelo seu empenho e dedicação a esses pequenos objetos criados a partir de um bocado de terra disforme. Aconselhei que os guardassem num lugar seguro para que um dia os pudessem levar intactos para um espaço seu. Acrescentei ainda que esses objetos poderiam, no futuro, funcionar como lembrança da sua capacidade de criar algo a partir da “lama”, de um pedaço de massa sem graça. Penso que a realização da oficina de olaria cumpriu a missão de contribuir, através do ato criativo, para o empoderamento dos utentes, ajudando-os, ao mesmo tempo, a projetarem-se num futuro melhor, com mais confiança nas suas capacidades.



Fig.18/19/20: Experiências com barro em estado líquido. Da esquerda para a direita: Preparação do barro em estado líquido; transferência do barro para um molde de gesso; Remoção do excesso de barro líquido dos moldes de gesso.



Fig. 21/22/23: Moldagem com barro.



Fig. 24/25/26: Pintura dos trabalhos em barro. Da esquerda para a direita: P. C, P.C., P. K

3.4.8. A caixa da masculinidade: análise de fotografias e visionamento da curta-metragem (Des)guia para um macho real

Esta atividade decorreu em 7 momentos: 1 – Dinâmica de grupo Mulher/Homem (durante a qual os senhores deveriam dizer em que pensavam quando ouviam a palavra “homem” e “mulher”); 2 – Análise das imagens da caixa mistério; 3 – Caixa da masculinidade (Santos &

Rolino, 2019); 4 – O que podemos fazer para alterar os nossos comportamentos e sermos modelos/referências para outros homens; 5 – Síntese sobre os assuntos abordados ; 6 – Porque é importante falarmos destas questões; 7 – Visionamento da curta-metragem “(Des)guia do real macho (Durães, 2020) para consolidar conhecimentos (que aborda a masculinidade tóxica e os estereótipos de género de forma irónica, cómica e simbólica).

No decorrer da dinâmica de grupo, relativamente ao tópico “Ser mulher”, importa destacar as seguintes ideias: “*forte de cabeça, de pensamentos*”, “*resistente à dor*” (P.D), “*parto*” (P. K), “*beleza*”, “*trabalhadoras*”, “*trata da casa, trata dos filhos*” (P.A), a “*verdadeira chefe de família*” (P.K). Relativamente ao tópico “Ser homem” devemos salientar: “*trabalhar para a casa, governar a casa*” (P.A), “*ajudar a tomar conta dos filhos*”, “*ajudar nas despesas*” (P.K), “*lealdade e honestidade com os amigos*”, “*trabalhar em conjunto com as mulheres*”, “*capaz de fazer tudo*”, “*ser um exemplo para os outros*” (P.D).

Após a dinâmica, que serviu de introdução à atividade, foi apresentada uma “caixa mistério” com quatro imagens da autoria de diferentes artistas no seu interior, representando diferentes conceções de masculinidade: Uma fotografia de forçados feridos, de Rineke Dijkstra (Makin Art Happen, 2012); uma fotografia de homens a chorar da fotógrafa Maud Fernhout (Fernhout, 2018); uma ilustração de Barbara Kruger, onde podemos ver um menino a “fazer músculo” a uma menina que parece interessada nesta manifestação de masculinidade e de força, com a frase “We dont need another hero” (Coovadia, 2017) e, finalmente, uma foto do *graffiti* de Diego Mouro (Mouro, 2020), que mostra um pai a ser carinhoso com o seu filho. Foi pedido a cada participante que retirasse uma imagem da caixa e que descrevesse o que via. Ao longo do exercício da “caixa da masculinidade” fomos fazendo alusão a estas mesmas imagens, refletindo na intenção de cada uma delas, na “lição” que poderíamos delas retirar. As fotografias, ilustrações e *graffitis* apresentados enquadram-se naquilo que chamamos de “ativismo” que consiste no “resultado da combinação de uma ou várias práticas artísticas com uma ação ativista e social, política e economicamente interventiva (Guerra & Campos, 2023, p. 7). Os artistas que também são artistas procuram, através do seu trabalho, promover formas criativas de ação, resistência e luta (idem). Ao dar a conhecer os trabalhos destes criativos, procurei contribuir para isso mesmo: inspirar e incentivar os participantes a agir e a resistir através da reflexão e da sensibilização para questões relacionadas com as masculinidades e feminilidades.

As imagens da “caixa mistério” não deixaram os participantes indiferentes. Por exemplo, na imagem de um homem a chorar, da autoria de Maud Fernhout, um dos participantes apressou-se a dizer que este “*devia ter perdido o namorado*”, o que foi interessante, pois

pareceu associar o choro a uma forma de fragilidade e, conseqüentemente, à homossexualidade. Relativamente à imagem do forçado, os participantes acharam esta imagem “*triste*” pois o homem fotografado encontrava-se em “*mau estado*”, lesionado e ensanguentado. Disse-lhes que tinha escolhido essa imagem de propósito para refletir sobre a masculinidade tóxica, pois o toureiro é culturalmente considerado uma figura/um símbolo de força e de coragem que se coloca numa situação de grande perigo ao enfrentar um animal como o touro. E que apesar das feridas e do sangue e, possivelmente das dores resultantes da luta com o touro, o forçado da fotografia mantinha um leve sorriso e uma postura de orgulho. Acrescentei que, na realidade, também a ideia de que o homem deve ser forte e corajoso comporta muitas vezes um perigo para a sua vida e para os demais, como por exemplo quando conduz a uma grande velocidade para mostrar o seu talento de condutor.

Com base nas imagens e utilizando a ferramenta da “caixa da masculinidade”, refletimos sobre o que se espera dos homens e das mulheres na sociedade em que vivemos, os ganhos e as perdas de seguir ou não o que é expectável, etc. Num quadro desenhámos uma “caixa da masculinidade”, dividida em diversas partes: a parte da caixa propriamente dita, onde incluímos algumas das ideias pré-concebidas mais comuns e “cliché” sobre o que é “ser homem”, a parte das vantagens e das desvantagens de se estar “dentro da caixa e, depois, a parte “fora da caixa”, com os benefícios e custos de se estar “fora da caixa”. Assim, das ideias mais estereotipadas sobre o que é “ser homem dentro da caixa” foram apontadas as seguintes (sendo que aproveitámos algumas da dinâmica de grupo anterior): “*ser trabalhador*” (P.A), “*ser forte*” (P.E), “*não chorar*”, “*não mostrar as emoções*”, “*não mostrar que é sensível*” (P.A), “*ser corajoso*” (eu), “*sustentar a família*” e “*governar a casa*” (P. A), “*ter muito dinheiro, porque faz um jeitão aos homens e às mulheres, sim porque as mulheres é que gostam que os homens tenham muito dinheiro*” (P.K). Em relação aos benefícios de seguir estas normas sociais, podemos destacar o ser “*mais atraente aos olhos dos outros, de mulheres e de homens*” (P.D), ser “*mais reconhecidos*” (P.K), “*mais valorizados*” (P.A). Já em termos de custos/desvantagens de estar “dentro da caixa”, o participante D. lembrou a “*competição com os outros homens*” e o participante K declarou que “*o problema é quando cai a máscara e aí, acabou*”. A partir destas ideias, completei afirmando que o custo é, por exemplo, colocarmos a nossa vida em perigo para mostrar que se é o mais forte e mais corajoso, fingir alguém que não se é, fazer coisas contrariados para dar uma imagem de força, ou como disse o P. A, sermos obrigados a “*esconder as nossas emoções*”. A isso se chama o “*show off*”, brincou o P. K., acrescentando que, antigamente se “*começava a fumar para mostrar às meninas que se era homem*”, ao que o P. J acrescentou “*É fumar, é beber ...*”.

Relativamente aos benefícios de se estar “fora da caixa”, o P. K afirmou poder ser mais “*independente porque se está borrifando para o que pensa a sociedade*” e o P. A, na mesma linha de pensamento afirmou “*estar mais à vontade para ser ele próprio*”. No sentido de completar o que foi dito, acrescentei sentir-se mais livre para expressar emoções, para aceitar as suas fragilidades e limites e sentir-se mais livre para pedir ajuda em caso de necessidade. Além disso, ainda afirmei quando somos mais fiéis a nós mesmos, somos capazes de estabelecer relações mais verdadeiras com os outros. Ao nível dos “Custos de estar fora da caixa”, ou seja, de custos de não seguir a norma dominante, os participantes destacaram ser alvo de “*bullying, de insultos, desprezados*” (P. E) e “*excluídos do grupo*” (P. A), “*mais criticados pelos outros*” (P. D).

Após o exercício da caixa da masculinidade, fiz uma pequena síntese, recorrendo ao manual das masculinidades, da Equi-x (Santos & Rolino, 2019). Posteriormente, questioneei os utentes sobre o que fazer para mudar as normas sociais dominantes e construir um mundo onde nos sentíssemos mais livres para sermos nós próprios, sugerindo alguns exemplos concretos neste sentido. O P. D afirmou que devíamos “*seguir os nossos sonhos, não desistir*” e o P. K afirmou que devíamos aprender a “*defendermo-nos*” quando somos alvo de *bullying*, pagando na mesma moeda, dando um “*chapadão*”, ou seja, com violência. Aproveitei a deixa para dizer que poderíamos pensar noutras formas de resolver o problema e que recorrer à violência era também uma manifestação comum de masculinidade tóxica que acabava por ser inútil, porque dificilmente iria resolver o problema. O utente não pareceu muito convencido nesse momento, mas mais tarde acabaria por dizer que o que era preciso seria apostar na “*educação*”. Constatando que mais ninguém dava ideias, dei então exemplos concretos de alguns comportamentos, atitudes e posturas que poderíamos adotar para dar o nosso contributo para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa, como evitar de alinhar em brincadeiras que deixam os outros desconfortáveis como fazer troça de um colega/amigo mais sensível que nós, ou que aparenta ser mais frágil; como partilhar com as respetivas companheiras ou companheiros, de forma igualitária, a responsabilidade das tarefas domésticas e do cuidado com os/as filhos/filhas e assumi-lo com orgulho perante os outros/as. Ainda acrescentei que, outra forma de contribuir para a mudança passava por mostrar o bom exemplo, por exemplo, tratando as mulheres com respeito, evitando situações de assédio que não são mais que manifestações de poder em geral exercidas de homens sobre mulheres. A este propósito, o P. K declarou que “*no tempo dele*”, tal atitude era muito comum: segundo ele, “*A minha geração fazia muito isso, os piropos eram a torto e a direito... era uma parvoíce, mas era para mostrar que se era homem*”. Finalmente, reforcei que quando nos tornamos mais conscientes daquilo que nos

condiciona, como os estereótipos de género, e de como estes podem ter uma influência negativa nas nossas vidas, mais facilmente podemos encontrar formas de os combater. Disse ainda que achava libertador poder escolher entre fingir algo que não se é, ou assumir quem se é de verdade. O P. A rematou, dizendo que *“falar destas coisas é importante para acordarmos para a realidade”* e o P. K declarou muito sabiamente que *“o homem dever ser aquilo que lhe der na cabeça, que lhe der na gana...é a perna esquerda dentro da caixa e a perna direita fora da caixa”*.

O debate que se criou foi muito rico, muito interessante. Foi um gosto poder abordar estas questões com os utentes, que se mantiveram atentos ao longo de toda a atividade, disponíveis para aprender coisas novas e para dar a sua opinião sobre assuntos que lhes diziam intimamente respeito. O facto de poder contar com a presença de homens de diferentes gerações foi algo que enriqueceu o debate ainda mais, pois foi possível ter perspetivas diferentes sobre os assuntos abordados e perceber que, apesar de tudo, o mundo evolui e as ideias sobre os papéis sociais de género também, embora a evolução seja sempre mais lenta do que gostaríamos. Mesmo os participantes com mais idade, ofereceram, por vezes perspetivas “modernas” do que é expectável para um homem e para uma mulher na nossa sociedade, apesar de também ser verdade que alguns preconceitos (por exemplo relativamente à homossexualidade, a ideia de resolver os problemas com violência, a ideia de que a mulher deve “governar a casa” ou ainda a ideia de que as mulheres procuram homens ricos que lhes possam proporcionar uma boa vida, supondo que sozinha ela não será capaz) permaneçam ainda demasiado enraizados no espírito de alguns.

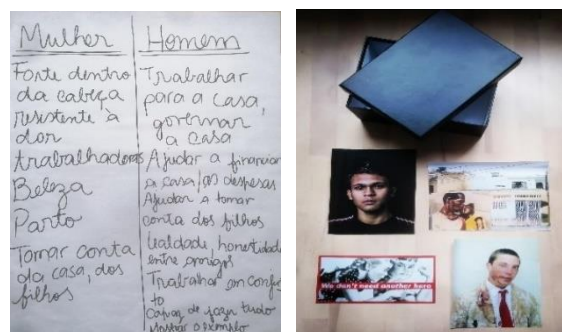


Fig. 27/28: Da esquerda para a direita - Dinâmica de grupo Mulher /Homem; Caixa mistério e imagens

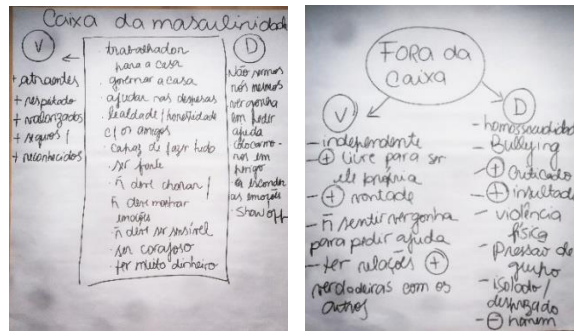


Fig. 29/30: Exercício “Caixa da Masculinidade”

3.4.9. Análise de casos e visionamento da curta-metragem *Tea consent*

Nesta sessão, refletimos e debatemos, a partir de um conjunto de situações, sobre desigualdades de gênero, partilha de tarefas domésticas e de cuidado, opressão, consentimento, violência entre homens e mulheres e violência entre homens e homens, situações de injustiça no trabalho, etc. Após a análise das situações, deu-se o visionamento do vídeo *Tea Consent* (*Tea consent*, 2017), traduzido em português, que aborda, de maneira simples e cômica o tema do consentimento. A ideia inicial era realizar pequenos *role-playings* a partir dos casos apresentados, mas os participantes não se mostraram disponíveis para esse desafio, talvez por timidez ou por receio de se exporem perante os colegas, pelo que foi necessário adaptar a atividade. Desta forma, as mesmas situações ou casos fictícios, foram simplesmente apresentados e os participantes que assim o desejaram expressaram a sua opinião sobre as questões que se colocavam.

Seguem-se então as 6 situações apresentadas e os comentários dos participantes sobre as mesmas:

Situação 1 - O Roberto tem 23 anos, e casou-se recentemente. Ele é pintor e a sua esposa, Vanessa, trabalha num banco. Apesar de o salário de ambos ser bom, Roberto tem uma carga horária mais flexível, enquanto que Vanessa geralmente trabalha longas horas. Desde que começou a passar mais tempo em casa, é o Roberto que geralmente cuida da casa e prepara o jantar. Vanessa sempre apreciou o fato de Roberto tomar conta da casa. No entanto, a mãe de Vanessa e algumas das suas amigas geralmente fazem comentários sobre como os homens devem ganhar mais e não cozinhar, nem limpar a casa. Apesar da Vanessa ser capaz de ignorar

esses comentários, ela começou a imaginar se não seria melhor pensar em outra alternativa. O que pode fazer a Vanessa? (Santos & Rolino, 2019)

Na opinião do P. D a Vanessa deveria ouvir a mãe e procurar agradá-la, enquanto que para o P. E a Vanessa deveria ignorar a mãe, pois *“se ele (o Roberto) gosta de estar a ajudar em casa e tem mais facilidade assim, é assim que deve fazer”*. Pegando nas suas palavras (do P. E), *“não é a mãe que vai mandar numa casa que não é dela, isto não é o século anterior, é o século XXI, toda a gente pode ajudar no que é preciso”*.

O P. K concordou com o P. E, dizendo, *“pois, era o que mais faltava, ainda para mais hoje em dia. Eu até tenho parecido lá em casa. O meu filho mais velho e a mulher fazem assim, como ele passa mais tempo em casa, e ela tem o tempo muito ocupado, é mais ele que faz o jantar, e ele cozinha que se farta, já ela é uma desgraça (risos) (...) entendem-se assim”*. *“Pois, não há maldade nenhuma em o marido ajudar a mulher”*, declarou o P. A *“A igualdade é para os dois, a igualdade é para os dois”*, reforçou o P.A.

“Na minha opinião – declarei eu – a Vanessa poderá ter uma conversa com a mãe para lhe dizer que é justo que duas pessoas que partilhem o mesmo espaço, partilham também a responsabilidade das tarefas domésticas, o que acham?”. *“Claro”* – afirmou o P. K, *“Sim”*, disse o P. A, enquanto que os outros acenaram afirmativamente com a cabeça. *“Se uma das pessoas fica sobrecarregada com tudo, não terá tempo para ela, nem as mesmas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional que a outra e isso não é justo. Se houver partilha destas responsabilidades, estaremos a diminuir as desigualdades entre homens e mulheres”* – acrescentei, procurando salientar a importância da partilha igualitária do trabalho doméstico não pago.

Situação 2: O Tiago trabalha numa empresa há 5 anos, na parte da produção. Há um mês, a direção da empresa mudou e o ambiente também começou a mudar. O novo diretor aumentou a carga de trabalho e os colaboradores, incluindo o Tiago, nunca conseguem sair do trabalho à hora que seria suposto. Para agravar tudo, o novo diretor anunciou, no outro dia, que as horas extra não serão pagas. Os colaboradores estão furos e não sabem o que fazer. O pior, é que o patrão é um homem muito desagradável e fala para as pessoas com arrogância e superioridade. É muito difícil falar com ele. Como é que o Tiago vai reagir? Será ele capaz de se impor e enfrentar o seu patrão para fazer valer os seus direitos?

Na perspectiva do P. D, o Tiago deve “enfrentar o gerente da empresa”. Nas suas próprias palavras: “*Se ele (o patrão) não paga essas horas, se eu fosse o Tiago ia embora; enfrentar a pessoa que é em cima da posição dele, é difícil, ele vai sentir-se intimidado, mas tem de enfrentar, porque é justo que ele receba o dinheiro pelas horas que trabalhou a mais*”.

“*Ah, pois*”, concordou o P. K “*se o patrão não paga de uma maneira, paga de outra. Tive uma situação semelhante e resolvi-a falando com o patrão, procurei um acordo com ele. Acabou por pagar ainda mais do que devia*”. Os restantes utentes acenaram com a cabeça, mostrando o seu acordo com estas posições, mas preferiram não se pronunciar.

Após a intervenção dos utentes, procurei então destacar a importância de se impor e reivindicar os seus direitos de maneira adequada, pedindo ajuda se necessário, em situações de injustiça, seja no trabalho ou noutro contexto qualquer. Afirmei ainda que todos devemos reconhecer o nosso valor e que todos temos poder para criar mudança.

Situação 3: O Simão é pai da Matilde, que tem 1 ano. O Simão trabalha a partir de casa, por isso consegue adaptar melhor os seus horários em função da vida familiar, ao contrário da sua companheira, Maria, que é enfermeira e cujos horários são bastante irregulares. Por essa razão, é o Simão que mais se ocupa de Matilde: dá-lhe as refeições, muda-lhe a fralda, dá-lhe o banho, leva-a a passear no parque... O Simão gosta do seu estilo de vida e de cuidar da sua filha. No entanto, de vez em quando, o seu melhor amigo Manel “goza” com ele dizendo-lhe que ele parece “a mulher da casa”. Como reage o Simão?

Após a leitura da situação em causa, o P.K afirmou sem qualquer hesitação, em tratar o Manel de “burro e de idiota”. “*O amigo do Simão é um idiota. Eu, na minha altura, não tinha nenhuma habilidade, nunca mudei uma fralda a um filho, mas fazia outras coisas*”, declarou o P.K “*O Manel não falou bem quando disse que ele era a mulher da casa*”, disse o P. E Quando lhe perguntei porquê, o P.E teve dificuldade em explicar o seu raciocínio, tendo simplesmente dito que o amigo do Simão ao dizer tal coisa, estava a gozar com ele e que isso era errado. Eu ajudei, dizendo que o Manel talvez tivesse dito aquele comentário porque na nossa sociedade, considera-se que são as mulheres as principais responsáveis por cuidar dos filhos, das crianças, ao que o P.K respondeu rapidamente, “*sim, mas já lá vai*” (...) “*pensar assim já é mais antigo que eu*”. O P. D interveio, afirmando que “*o amigo do Simão está a deixá-lo triste, pois o Simão está a fazer o melhor pela sua filha, está a dar o bom exemplo*”. O P. A concluiu dizendo “*eu tenho 60 anos. Desde cedo que fazia o trabalho de mulher. Não fiquei menos homem por isso.*

As minhas irmãs foram trabalhar cedo e era eu que fazia as camas e a comida, desde cedo fazia trabalho de mulher”.

Situação 4: O Gustavo e a Rita são namorados há 3 meses. No início, tudo parecia correr bem, mas entretanto, com o tempo, tudo começou a mudar. O Gustavo começou a revelar-se muito possessivo. Passava o tempo todo a telefonar à Rita para saber onde ela estava e com quem estava. Depois, começou a controlar a roupa que vestia e a maquilhagem que usava, dizendo-lhe que ficava feia com “batom” e que usava decotes muito provocadores. Uma vez, a Rita apanhou-o em flagrante a mexer no telemóvel dela. O Gustavo disse-lhe que se ele se comportava assim, era porque gostava dela, porque se preocupava com ela. Completamente exausta com esta situação, a Rita conta tudo à sua amiga Mariana. O que pode fazer a Mariana para ajudar a Rita? E o que pode ser feito para ajudar o Gustavo?

Ainda durante a leitura da situação em causa, o P. E apressou-se a comentar “*amor tóxico*”. Quando lhe foi perguntado o que poderia ser feito, o P. E respondeu que a Rita devia “*ficar sozinha ou então encontrar alguém que não fosse tão controlador, alguém que se adaptasse melhor ao seu carácter*”. Segundo o mesmo participante, a amiga Mariana deveria pedir ajuda pela Rita ou aconselhar a Rita a pedir ajuda ela própria, por exemplo a uma psicóloga que a pudesse ajudar a ela e ao namorado Gustavo.

De acordo com o P.D, a Mariana deveria aconselhar a Rita a “*esperar mais um bocado*” para ver como evolui a situação e quando esta “*fosse mais longe, quando chegasse um momento em que a situação se tornasse impossível, então aí a Rita deveria deixar o namorado*”. O P.D acrescentou ainda que “*se calhar o Gustavo é assim, porque os pais eram assim com ele*”, ou seja, o Gustavo estaria a reproduzir com a Rita o modelo de relacionamento que teria aprendido com os pais.

Já para o P.K “*deviam ir cada um para seu lado*” e o “*problema estaria resolvido*”. Para além disso, na opinião do P.K a amiga Mariana não tem nada a ver com a situação, cabendo à Rita “*resolver o problema sozinha*”. “Então o senhor é da opinião de que entre marido e mulher não se mete a colher?”, perguntei eu, num tom provocador. O P.K insistiu dizendo que a Rita é que tinha de resolver o problema e deixar o namorado que “*não é homem para ela*”. Pensa que será fácil para Rita separar-se do Gustavo?” – questionei eu, reformulando a questão logo a seguir – “é fácil sair de uma relação quando gostamos da outra pessoa, mesmo que ela tenha um comportamento inadequado connosco?” ao que o P.K respondeu, “*sim, ainda mais nos dias*

de hoje”. “Não concordo consigo, não sei se a Rita será capaz de deixar esta relação sem a ajuda de ninguém”, comentei. “Não pensa que uma pessoa especializada nestas questões, como, por exemplo um psicólogo, poderia ajudar tanto a Rita como o Gustavo?”, perguntei. “*Não é preciso psicólogo nenhum. As pessoas que são ciumentas são ciumentas até morrer, é muito difícil mudar*”. O P. C concordou, declarando “*ah, (o Gustavo) já não tem cura, não há hipótese, ele não vai mudar. E quando há acompanhamento às vezes ainda é pior, basta ver televisão*”. “Então estão ambos condenados, não há solução para esta situação” – retorqui eu com ironia. “*Não vai mudar sozinho nem com ajuda, é muito raro haver pessoas que mudam. Eu era assim (como o Gustavo), mas arrependi-me*” – afirmou o P.C, contrariando-se. “Ai era, mas já não é? Não me diga que foi capaz de mudar...” - afirmei eu triunfante; “*Oh, mais ou menos, pode acontecer*”, disse, a rir-se, o P.C.

No fim da partilha de opiniões dos participantes, confirmei que estávamos, de facto, perante uma situação de violência no namoro. Em conjunto, identificámos os sinais de um relacionamento tóxico, recordando os diversos tipos de violência existentes. Realcei a importância de agir em casos semelhantes e de pedir ajuda especializada seja para outros ou para nós mesmos.

Situação 5: Um grupo de amigos está a tomar um copo no café. A empregada de mesa que os serve, que se chama Sofia, é abordada por um deles, o Rodrigo, que lhe lança um piropo, dizendo-lhe “És tão linda, e se eu te pagasse um copo?”. A rapariga fica corada, sorri para ser simpática, mas diz que não está interessada. O Rodrigo insiste, dizendo-lhe que se podiam conhecer melhor, que ele é bom rapaz e que se iam dar muito bem. A rapariga, visivelmente incomodada, diz, mais uma vez, que não quer beber nada, que está a trabalhar. O Rodrigo continua a insistir, mas a rapariga continua a dizer que não, desta vez, sem sorrisos, bem pelo contrário. O Rodrigo, mostra-se ofendido e diz-lhe que ela é antipática e desagradável, que vai fazer queixa ao seu chefe por ser mal servido. Sofia afasta-se, humilhada. Rodrigo faz um comentário mesquinho sobre a rapariga. Um dos amigos, o Pedro, ri-se da situação, acenando com a cabeça a Rodrigo para lhe mostrar que concorda com ele. Um outro, o Alfredo, vira a cara e finge que não é nada com ele. Um outro, o Rafael está muito incomodado com a situação que acabou de acontecer. Sente-se mal pela rapariga e acha que o amigo agiu mal. O que pode fazer o Rafael ?

“O Rafael deve fazer ver aos amigos que eles estão errados” declarou o P.A. “O amigo deve fazê-lo ver (ao Rodrigo) que não deve incomodar a rapariga, o amigo deve corrigi-lo”, acrescentou.

“O amigo chama-o (ao Rodrigo) à atenção e morre aí. Isto agora (referindo-se ao assédio) já não acontece” – declarou o P. K. “Ai não, não acontece”, discordou o P.C, “hoje em dia ainda é assim, os amigos riem-se todos, ainda ajudam a fazer pior. Depende da malta, mas em todos os bares acontece isso. Passa uma rapariga e toda a gente comenta e fala”, disse o P. C “O que pretendia o Rodrigo com isto?” questionei eu. “Estava a exhibir-se, era o show off como falámos daquela vez, em que dissemos que antigamente começávamos a fumar para mostrar às raparigas”, afirmou o P. K. “Então o que pode fazer o Rafael perante esta situação?”, perguntei. “Se a rapariga for fazer queixa, o Rafael deve testemunhar em favor dela”, sugeri o P. K. “O Rafael também pode dar-lhe no pêlo (ao Rodrigo)”, declarou o P.C a rir. “Não penso que a violência seja a melhor forma de resolver a situação”, comentei eu. “Se isso acontecesse comigo eu não me importava nada” – declarou, rindo, o P.C. “Mas só se for rapariga, agora se for rapaz já me importo” – acrescentou, o P.C, rindo ainda mais e dando a entender que não era homossexual. “A sério, há tanto tempo que não sou elogiado...”, insistiu o P.C, acabando por banalizar o assédio ao compará-lo a um simples “elogio”.

Para terminar a discussão e avançar para o caso seguinte, realcei o facto de que o assédio não é um “elogio”, nem uma forma de seduzir alguém que, pelo contrário, é uma infração penal. Afirmei ainda que, através desta análise, procurei trabalhar o consentimento e que o mais importante a reter era o entendimento do “não”; perceber que numa interação ou relação, quando alguém diz não, ou se mostra relutante seja verbal ou corporalmente, devemos simplesmente respeitar a recusa do outro/a em avançar assim como também é essencial que o outro/a respeite o nosso “não”, o nosso “stop”, a nossa recusa em avançar. Salientei a importância de, enquanto homens, terem um papel capital na mudança de mentalidades e de comportamentos que alimentam uma cultura sexista e desigual entre homens e mulheres, dando o bom exemplo de respeito pelo outro e conversando com os seus pares sobre estas questões, contribuindo assim para uma sociedade mais igualitária. A questão do consentimento clarificou-se através do visionamento do vídeo *Tea consent*, que explica simbólica e metaforicamente o que é o consentimento, a partir da ideia de “tomar chá”.

Situação 6: O Rui mudou de escola recentemente. Nesta escola nova, o Rui não conhece ninguém. Ele é de raça negra e tem uma maneira de vestir pouco comum relativamente aos outros, com muitas cores. No outro dia, na aula de educação física, um dos colegas fez-lhe uma

rasteira e disse-lhe “é para aprenderes preto”. Também já o chamaram “gay”. Desde que chegou a esta nova escola, o Rui tem passado por situações muito difíceis. E é sempre o mesmo grupinho de rapazes que o trata mal. Como devem agir os colegas que assistem a esta situação? O que se pode fazer para ajudar o Rui?

“*Deve-se denunciar os acontecimentos à direção, devia haver mais patrulhas na escola*” (para controlar estas situações), disse o P.C “*Isto é racismo, deve-se parar com o racismo*”, afirmou o P.D. “*Deviam deixar o rapaz em paz*”, declarou o P.A. “*Uma carga de porrada (aos agressores) resolvía o problema*”, disse rapidamente o P.K “*Mais uma vez, não acredito que a violência resolva o problema*”, disse eu. “*Isto é vulgar, é comum, o bullying*”, disse o P.K. “*Sim, mas o que podemos fazer pelo Rui, porque é que um grupo de rapazes está a incomodar outro rapaz?*”, questionei. “*Porque está sozinho, está fragilizado*”, respondeu o P.C. “*E porque é diferente*”, acrescentou o P.K.

“Pois – declarei – o Rui parece não corresponder à norma dominante de masculinidade, o que por um lado é positivo para ele porque é fiel a ele próprio, à pessoa que ele é, e, por outro, pode trazer-lhe algumas desvantagens e custos. Como vimos na atividade “caixa da masculinidade”, quando os homens não correspondem às expectativas sociais do que é “ser homem”, como ser forte, não mostrar emoções, etc., e têm alguns comportamentos considerados “femininos” podem ser “penalizados”. Voltei a salientar que há tantas masculinidades quanto há de homens e que essas ideias dominantes do que um homem deve ser ou fazer (estereótipos) só prejudicam os homens, impedindo-os de serem fiéis a eles mesmos. Terminei, lembrando que neste tipo de situações nunca devemos ficar indiferentes e que se pudermos ser modelos de tolerância e de respeito pelo outro, melhor.

Pelos comentários dos participantes, apesar de se notar uma certa evolução na forma de pensar relativamente a algumas questões, permanecem ainda algumas perspetivas muito tradicionais quanto à homossexualidade, à questão do consentimento, à partilha das responsabilidades domésticas e parentais, à violência. Domina ainda uma visão estereotipada no que diz respeito a estas dimensões, mesmo entre alguns dos elementos mais jovens. A homossexualidade continua a ser um “assunto”, ou é evitada, alvo de chacota ou negada, sendo notável o esforço que os participantes faziam para convencer quem os ouvia de que não se inseriam nessa “categoria”. Como se a homossexualidade colocasse em dúvida a sua masculinidade, como se ser homossexual significasse ser também “menos homem”, daí a necessidade de deixar claro que essa não era a sua orientação sexual. Mantém-se ainda ideias muito tradicionais relativamente ao reconhecimento de que nos encontramos envolvidos numa

relação violenta e à forma como se lida com a violência, tanto quando esta é infligida a nós como a outros/as. Quanto à partilha das responsabilidades domésticas, os utentes parecem considerar justo que haja uma participação efetiva de todos e todas, sendo que alguns até consideram o comportamento contrário “fora de moda”. Porém, é unânime a ideia de que o companheiro tem a obrigação de “ajudar” a companheira, conferindo a esta o papel principal de “responsável” pelas lides domésticas e ao companheiro o de “auxiliar” nestas questões, desresponsabilizando-o pelas mesmas. Esta posição, partilhada por todos os utentes, demonstra, finalmente, que a evolução nestas questões ainda não é assim tão impressionante, e que o *status quo*, de alguma forma, se mantém.

Já em relação às responsabilidades parentais, os participantes mantêm uma posição “moderna”, contemporânea, declarando que um pai que se ocupa dos/das seus/suas filhos/as está a dar o “bom exemplo” e que as pessoas à volta o devem encorajar. No entanto, podemos ver uma diferença entre o discurso e a ação, quando por exemplo, o P. K dá a entender que é importante que um pai se ocupe dos filhos/as mas que na altura dele, ele não o fazia porque “*não tinha habilidade*” para isso. “*Fazia outras coisas*”, desculpa-se. Relativamente a esta questão, o P.A também diz que “*não há problema nenhum em fazer o trabalho de mulher*”, aproveitando a discussão sobre as responsabilidades parentais para a “estender” à questão das tarefas domésticas. Assume assim, que há trabalhos de homem e de mulher, conferindo à mulher o papel principal de “dona de casa”.

Algumas das questões analisadas poderiam ter sido mais aprofundadas, mas deliberadamente, escolhi não o fazer, pois não queria ser exaustiva e perder a atenção dos participantes. De qualquer forma, o meu objetivo era sensibilizar para algumas questões relacionadas com as desigualdades de género, comuns ao quotidiano de todos/as nós, empoderando através da informação e reflexão. Penso que tomei a decisão certa, pois assim os participantes mantiveram o foco. Ao longo da atividade, alguns utentes manifestaram a sua opinião mais que outros. Alguns preferiram não intervir verbalmente (como o P. H) mas intervieram com gestos de concordância e adesão às ideias apresentadas, ou pelo contrário, com expressões de discórdia. Apesar da ausência de intervenção verbal, penso que não devemos desvalorizar o poder da escuta de perspetivas diversas, o potencial que tem, “observar” e “ouvir” com atenção o que é dito por outros, para assim cruzarmos perceções e criarmos a nossa própria ideia pessoal.

3.4.10. Caminhada e reflexão sobre o futuro

Nesta sessão, foi sugerido aos utentes uma caminhada com o objetivo de os levar a refletir nos planos/sonhos/desejos para o futuro através de um texto ou poema. Simbolicamente, a ideia foi refletir sobre o “caminho”, o sentido que eles pretendem tomar daqui para a frente e que lhes faz bem, que os faz sentirem-se empoderados e motivados, quando abandonarem a resposta de casa abrigo para se autonomizarem. Inicialmente, previa-se que os utentes escrevessem um texto ou um poema com a sua reflexão pessoal sobre o futuro.

Contudo, esta reflexão acabou por ser feita de forma verbal e de modo mais informal, já que os utentes não se sentiam motivados para o desafio da escrita criativa. No plano de atividades inicial, também se previa que a caminhada decorresse na floresta, num meio mais “selvagem” e com um nível de maior dificuldade. No entanto, tal não foi possível já que foi necessário não só atender às idades avançadas de dois dos participantes do grupo e às limitações físicas de um deles (pessoa portadora de deficiência física que se desloca em cadeira de rodas). Deste modo, foi necessário adaptar a atividade às características do grupo, o que implicou alterar o destino da caminhada, que acabou por ocorrer na Quinta do Ega em Vagos, um espaço verde, agradável e acessível a pessoas portadoras de deficiência. Assim sendo, demos a volta à quinta, passando pelo passadiço de madeira construído no meio do rio Boco, perto do centro da vila de Vagos. No decorrer da caminhada, os participantes foram falando dos seus planos, sonhos e ambições.

O P. A partilhou que, no futuro, deseja ter o seu espaço e encontrar uma companheira com quem possa ir passear, dançar...deseja poder construir uma nova vida com alguém ao seu lado, deseja “*ser feliz*”. O P. C declarou que, no futuro, pretende abrir uma pizzaria. O seu sonho é ter o seu “*próprio negócio*”, ser “*patrão de si próprio*”. Tendo realizado uma formação de restauração, o P. C julga ter em sua posse as competências necessárias à realização deste projeto. O sonho do P. D é ser hospedeiro de bordo. Atualmente em formação de turismo, o P. D pretende envergar por esta área assim que terminar o seu curso, já que assim poderá viajar pelo mundo inteiro. O P. H, reformado, pretende abandonar a casa de abrigo assim que possível e encontrar um espaço onde se sinta bem e confortável. Para além disso, deseja também encontrar uma ocupação onde possa ajudar os outros e oferecer o seu tempo “*a quem precise*”.

A caminhada decorreu com boa disposição e serenidade. No final da atividade agradei as partilhas e salientei a importância de não desistir dos nossos objetivos, sonhos e ambições, já que são eles que nos ajudam a avançar apesar das dificuldades e obstáculos que vamos

encontrando no nosso “caminho”. Desejei-lhes também muita sorte, força e persistência para alcançar os seus objetivos e sonhos, lembrando e reforçando que todos temos em nós recursos, capacidades e competências para avançar e ultrapassar os desafios. Como foi a última atividade de estágio, aproveitei também para agradecer a participação nas atividades do PEACI. Antes de voltarmos para a CA, fizemos ainda um desvio até à praia da Vagueira onde demos um passeio e nos sentámos para provar um docinho típico de Aveiro, o que foi muito agradável para “fechar” as atividades do projeto.

Uma vez descritos os resultados das observações das atividades, passemos agora aos resultados dos questionários.

Tal como já foi referido anteriormente, ao longo do preenchimento dos mesmos, foi pedido aos inquiridos que, num primeiro tempo, assinalassem uma opção de resposta que correspondesse à forma como se sentiram no decorrer da atividade e, num segundo tempo, que expressassem o seu nível de concordância face a um conjunto de afirmações apresentadas.

Em primeiro lugar, iremos, pois, observar as respostas dos participantes, relativamente à questão “Durante a atividade senti-me...” para cada uma das atividades implementadas no âmbito do PEACI. Como podemos ver na tabela que se segue, os participantes tinham à sua disposição diversas opções de escolha. A última coluna, corresponde ao total de respostas para cada opção, para todas as atividades realizadas e a última linha contém o total de respostas positivas por atividade.

Tabela 3: Resultados dos questionários – “Durante a atividade senti-me...”

	Atividades do PEACI										Total
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	
Durante a atividade senti-me...											
Valorizado	2	2	1	2	2		3	1	2	2	17
Confiante	1	1	1	4	2		1		1	1	12
Motivado	2	1	2	3	2	2	1	2	1	1	17
Eficaz	1	1		1	2	2	1				8
Inspirado	1		2	4	1	2	1		1	1	13
Empoderado				2			1		2		5

Satisfeito comigo mesmo	1	1	1	2		1	2	1	2	1	12
Seguro de mim mesmo		1		1	1	1	1	1	1		7
Insatisfeito comigo mesmo											0
Inseguro											0
Ineficaz											0
Frustrado											0
Aborrecido											0
Desiludido											0
Incapaz											0
Inibido									1		1

Total respostas positivas por atividade	8	7	7	19	10	8	11	5	10	6	

Legenda: A1 – Autorretrato, A2 – Colagens sobre o tema “Ser homem” e “Ser mulher”, A3 – Partilha de músicas e de canções, A4 – Carta a si mesmo: escrita criativa, A5 – Mosaico de azulejo com mensagem de empoderamento, A6 – O meu lugar seguro: escrita criativa, desenho e colagem, A7 – Oficina de olaria, A8 – A caixa da masculinidade, análise de fotografias e visionamento da curta-metragem “(Des)guia para um macho real”, A9 – Análise de casos e visionamento da curta-metragem *Tea consent*, A10 – Caminhada e reflexão sobre o futuro.

De acordo com as informações obtidas, importa destacar as opções “valorizado” e “motivado” com um total de 17 respostas, a opção “inspirado” com um total de 13 respostas e as opções “satisfeito comigo mesmo” e “confiante” com um total de 12 respostas. Ao longo do tempo de vigência do PEACI, a opção de resposta “inibido” foi assinalada uma vez na atividade “Análise de casos e visionamento da curta-metragem *Tea consent*”. Esta resposta não surpreende, uma vez que esta atividade implicava algum debate sobre assuntos delicados e, também, alguma exposição perante os outros, o que poderia resultar nalgum desconforto e inibição. Importa ainda referir que as atividades onde se obtiveram mais respostas positivas foram as atividades “Carta a si mesmo: escrita criativa, com um total de 19 respostas positivas, “Análise de casos e visionamento da curta metragem *Tea consent*” e “Mosaico com mensagem de empoderamento”, com um total de 10 respostas positivas, e a “Oficina de olaria”, com um total de 11 respostas positivas. Verifica-se uma coerência entre os resultados obtidos nos questionários e as observações feitas por mim e comentários dos participantes durante a realização das atividades e entrevistas (cujos resultados se poderão consultar mais a diante, no ponto referente à “Discussão de resultados” e naquele reservado às “Notas conclusivas”).

Com base nos resultados obtidos relativamente à questão “Durante a atividade senti-me...”, concluo que o balanço dos mesmos é positivo, contribuindo de modo favorável para o processo de empoderamento dos participantes das atividades do PEACI.

Seguimos, desta forma para a análise da tabela 4, na qual se encontram os resultados das restantes questões/afirmações dos questionários.

Tabela 4 – Resultados dos questionários (continuação)

Afirmações	Atividades										
	Número de respostas em que os participantes concordam com a afirmação										
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	Total
A atividade de expressão artística em que participei ajudou-me a tomar consciência de alguns aspetos que por vezes condicionam a vida das mulheres e dos homens.	4	5	5	5	4	2	3	3	6	2	39
A atividade em que participei poderá ser-me útil, tanto no presente como no futuro, para estabelecer relações mais saudáveis com outros homens e com mulheres.	4	5	4	5	3	3	3	2	6	1	36
A atividade em que participei poderá contribuir para que, tanto no presente como no futuro, eu seja capaz de aceitar melhor as minhas emoções.	4	5	5	5	3	3	2	3	5	2	37
A atividade em que participei poderá contribuir para que, tanto no presente como no futuro, eu seja capaz de expressar as minhas emoções mais livremente.	4	3	5	5	4	3	2	3	5	2	36
A atividade em que participei levou-me a refletir sobre os meus desejos, sonhos e projetos para o futuro.	4	4	5	5	3	3	2	3	4	4	37

Os assuntos abordados e as reflexões que foram feitas, tanto por mim como por outros, poderão contribuir para a mudança nalguns aspetos da minha vida, tanto no presente como no futuro.	4	6	4	5	3	3	2	3	5	4	39
Total	24	28	24	30	20	17	14	17	31	15	

Legenda das atividades : A1 – Autorretrato, A2 – Colagens sobre o tema “Ser homem” e “Ser mulher”, A3 – Partilha de músicas e de canções, A4 – Carta a si mesmo: escrita criativa, A5 – Mosaico de azulejo com mensagem de empoderamento, A6 – O meu lugar seguro: escrita criativa, desenho e colagem, A7 – Oficina de olaria, A8 – A caixa da masculinidade, análise de fotografias e visionamento da curta-metragem “(Des)guia para um macho real”, A9 – Análise de casos e visionamento da curta-metragem *Tea consent*, A10 – Caminhada e reflexão sobre o futuro.

Na tabela 4 são apresentadas e analisadas as respostas dos inquiridos às afirmações colocadas no questionário. Como já foi referido anteriormente, cada afirmação incluía três opções de resposta, sendo elas “concordo”, “não concordo” e “não concordo nem discordo”. Optou-se por destacar apenas as respostas que sugeriam concordância uma vez que a quase inexistência de respostas do tipo “não concordo”, bem como a existência de outras do tipo “não concordo nem discordo” (que revelavam, portanto, uma neutralidade), não pareciam significativas para a análise da satisfação dos sujeitos relativamente às atividades realizadas e ao contributo das mesmas para o seu empoderamento.

Neste sentido, de acordo com os resultados obtidos, podemos verificar que, para cada atividade, a maioria dos participantes, afirma concordar que as atividades dos PEACI contribuíram de alguma forma para o seu empoderamento: seja porque a atividade contribuiu para a consciencialização de aspetos que condicionam a vida de todos/as e para estabelecer relações mais saudáveis com os outros/as, para aceitar e expressar as emoções mais livremente, para melhor refletir nos projetos de futuro e, finalmente, para a mudança nas suas vidas. Para além disso, é ainda possível

depreender que as atividades em que se obteve maior concordância com as afirmações apresentadas, foram as seguintes : “Análise de casos e visionamento da curta-metragem *Tea consent*, “Carta a si mesmo : escrita criativa”, “Colagens sobre o tema Ser homem e Ser mulher”, o “Autorretrato” e a “Partilha de músicas significativas”.

3.5. Discussão de resultados

De um modo geral, foi possível implementar as atividades planeadas inicialmente, embora algumas tenham sido substituídas por outras em razão das características individuais dos participantes (idade avançada, limitações físicas e cognitivas), dos recursos materiais disponíveis e da necessidade de ter em consideração as sugestões dos participantes, o que foi essencial para criar/reforçar relações de confiança com os participantes, promovendo também um sentimento de pertença ao grupo e ao projeto propriamente dito.

A implementação das atividades do projeto foi muito desafiante por diversos motivos. Foi exigente para mim conciliar o estágio com um trabalho enquanto educadora social noutra resposta social a tempo inteiro, uma vez que existia, naturalmente, a necessidade de organizar as atividades, de investigar e refletir numa forma de as implementar que fosse apelativa e interessante para os participantes e de preparar os materiais correspondentes. Houve também a necessidade de adaptar, como já referi, as atividades às características individuais dos indivíduos, aos imprevistos e ao movimento próprio de uma resposta social de acolhimento temporário, na qual os utentes ficavam/ficam por tempo incerto. Assim, o grupo inicial foi-se transformando: se alguns dos elementos do grupo se mantiveram ao longo de toda a duração do PEACI outros deixaram de participar (por motivos de autonomização pessoal e abandono da resposta de casa de abrigo), enquanto que outros integraram o projeto.

Foi por vezes difícil levar os utentes a aderir às atividades que exigiam uma certa autoanálise, reflexão e introspeção. Tal como declarou a Dr.^a Catarina Neves durante a entrevista que realizámos, as vítimas de violência doméstica estão mais concentradas na satisfação das necessidades básicas do dia-a-dia, o que as leva a ter menor disponibilidade para atividades mais exigentes em termos cognitivos (como é possível verificar tendo como referência a Pirâmide de Maslow). Para além disso, alguns utentes pareciam por vezes, sentir-se inibidos em realizar os trabalhos manuais pedidos, uma vez que nunca tinham feito algo deste tipo antes ou porque pareciam ter algum receio de “falhar na missão”, de se mostrarem vulneráveis perante os outros, de serem ridicularizados ou julgados. Por ter também implementado atividades desta natureza junto de mulheres vítimas de violência doméstica em contexto de voluntariado e noutros contextos profissionais, posso afirmar que o grupo de homens vítimas junto dos quais apliquei o projeto apresentava, em comparação com as mulheres vítimas, maior dificuldade em expressar as suas opiniões e emoções, a tomar iniciativas e a disponibilizar-se para participar no projeto. As diferentes posturas e

comportamentos entre homens e mulheres face a situações semelhantes reflete claramente a forma diferenciada como, cultural e socialmente, são socializados/as os meninos e as meninas. Como sabemos, desde que nascemos, vamos recebendo mensagens da nossa família, da publicidade e da sociedade em geral sobre o modo como nos devemos comportar consoante o nosso sexo, o que tem um impacto significativo na nossa vida adulta e na forma como nos relacionamos uns/umas com os/as outros/as, como expressamos as nossas emoções, etc. (Santos & Rolino, 2019). Se às meninas é concedido o direito de chorar por exemplo, aos meninos sabemos que esse direito se encontra mais condicionado, pois, socialmente, espera-se de um homem que seja forte (idem). Os estereótipos de género têm, pois um peso relevante na forma como crescemos e nos desenvolvemos enquanto homens e mulheres, o que explica as diferenças entre homens e mulheres no momento de expressarem uma emoção ou uma opinião.

Para além disso, se nos apoiarmos nos estudos das masculinidades, facilmente compreendemos esta inibição em expressar livremente o que se pensa e o que se é, já que na sociedade em que vivemos, os homens encontram-se sob um elevado nível de autocontrolo e vigilância, resultantes de uma narrativa hegemónica cujo objetivo é o controlo social sobre os homens, em particular sobre os que se afastam daquilo que é “esperado” (Vale de Almeida, 1995).

A falta de disponibilidade ou alguma resistência das vítimas para participar nestas atividades também se entende se nos lembrarmos das suas histórias. Estas pessoas viram-se obrigadas a abandonar as suas casas, os seus amigos, os animais de estimação e o seu trabalho para se protegerem de um/a agressor/a que, na maioria das vezes, permanece na residência comum a aguardar que o processo judicial evolua. Para além disso, acrescem as dificuldades inerentes à vivência numa residência institucional onde se partilha o espaço com estranhos e a respeitar um conjunto de regras que nem sempre agradam, entre tantas outras situações sobre as quais se tem pouco controlo.

São, pois, situações difíceis para as vítimas que, sem surpresas, têm em geral pouca disponibilidade para outras ocupações senão a resolução dos seus problemas.

No entanto, apesar de todas estas dificuldades, alguns dos utentes aceitaram o desafio de experimentar algo diferente e o “desconforto” de se dar a conhecer, de se expor aos outros, expressando as suas opiniões e a sua maneira de ver o mundo, mostrando quem são realmente, sem máscaras. Apesar das resistências, como pudemos constatar através dos questionários e das entrevistas, os participantes parecem reconhecer os benefícios e os ganhos de participar num projeto desta natureza para o seu empoderamento, desenvolvimento pessoal e relações com os outros/as. Tal como referiram alguns deles, (as atividades do projeto) “*são úteis porque fazem*

pensar um pouco, ajudam a refletir nas relações com os outros, para não nos subestimarmos a nós próprios. Ajudam-nos a pensar melhor nos nossos problemas e a agir melhor”; (o projeto foi importante) “porque me ajudou a pensar nas minhas competências e capacidades (...) sem dúvida que isso é importante, sem isso nunca vamos poder chegar onde queremos chegar”.

Alguns participantes reconhecem a importância de transmitir o que aprenderam a outros, tal como podemos perceber pelos seguintes comentários : (o projeto foi importante) *“porque desenvolvo o que é correto e transmito o que é correto a outras pessoas”*; (referindo-se à atividade “análise de casos”), *“é sempre importante falar dessas coisas até para dar conselhos, é bom para a vida de todos, é essencial”*; *“as pessoas quando saírem daqui e tiverem a sua situação melhorada, podem ir ajudar outras pessoas e passar isso de geração em geração”*. Um dos participantes com uma idade mais avançada relativamente aos outros, ainda acrescentou que gostou de participar neste projeto uma vez que aprecia muito o contacto com as pessoas, já que se *“aprende sempre alguma coisa”*. Nas suas palavras, afirma: *“gosto de ensinar os mais novos, aprende-se com eles porque têm vivências diferentes das nossas e nós tentamos ensinar-lhes alguma coisa com a nossa experiência de vida”*.

Outros participantes ressaltam também a importância de se estar ocupado numa situação de institucionalização: *“As pessoas que tiveram de ir para um sítio para a sua proteção, não querem ficar paradas num sítio; as pessoas que estão em instituições agradecem que se façam atividades para não estarem num sítio paradas”*; *“eu preciso de estar ocupado, assim não vem tanta coisa à cabeça (...) quando se tem atividades durante o dia, uma pessoa fica mais cansada, mas é um cansaço bom. Uma pessoa fica mais aliviada”*.

A participação nas diversas atividades possibilitou que, durante o tempo de duração das mesmas, os utentes se abstraíssem da realidade e não pensassem nos seus problemas. Tal como disse um dos participantes entrevistados: *“É muito importante as pessoas terem atividades novas (...) distrai, tira os problemas da cabeça, desabafamos mais com o próximo”*.

Para além disso, os utentes declararam, que aprenderam que *“tudo demora o seu tempo e que as coisas na vida não acontecem rápido, que temos de ter paciência para as coisas se desenvolverem”*. Outros afirmaram ter ficado mais *“convictos”* (mais alerta, mais informados) sobre os assuntos abordados, pois *“dantes não ligava”*.

Ao experimentar *“coisas novas”*, os participantes perceberam que também tinham a capacidade de criar e de encontrar soluções alternativas e improvisadas para os pequenos problemas que iam surgindo durante o processo criativo, o que os fez sentir-se valorizados com eles mesmos e mais empoderados. Os participantes entrevistados afirmaram sentir-se *“orgulhosos, felizes e satisfeitos com eles mesmos”*, *“mais leves”* e *“distraídos”*.

De entre as diversas atividades implementadas, os participantes destacaram a oficina de olaria, a escrita da carta a si mesmo, o desenho do lugar seguro e os debates como sendo aquelas que eles mais apreciaram. Relativamente à oficina de olaria, os utentes afirmaram terem gostado porque ajudou a *“esquecer o que se está a passar”* e a descobrir algo novo: tal como disse um deles *“nunca tinha tocado em barro, nem em porcelana, foi a primeira vez, gostei muito (da atividade) porque utilizei as mãos e consegui fazer alguma coisa”*. A escrita da carta criativa pareceu contribuir para oferecer alguma *“esperança”* a um dos utentes. A carta permitiu-lhe refletir no seu percurso até àquele momento e refletir nos seus planos para o futuro. Nas suas palavras, *“Eu acho que daqui para a frente as coisas podem melhorar e quem sabe (se no futuro) estarei numa situação muito melhor do que estou agora”*. Um dos utentes entrevistados declarou ter *“amado”* a oficina de olaria e o desenho do lugar seguro, e gostado dos *“debates e reflexões sobre a igualdade entre homens e mulheres. Antigamente desprezava-se muito uma mulher, mas a igualdade é a melhor opção”*, afirmou.

Daquilo que eu pude observar, ao longo do tempo, os utentes mostraram-se, pois, mais sensibilizados para as questões da igualdade de género, mais disponíveis para participar em pequenas tarefas do dia-a-dia, sendo que os debates e as conversas que fomos tendo ao longo do tempo sobre estas questões tiveram um papel nesta sensibilização e consciencialização.

Os debates constituíram momentos ricos de partilha, mesmo se alguns utentes preferiam ouvir os outros sem dar a sua opinião abertamente, com receio do julgamento dos colegas ou de dizer algo de errado. O facto de, em geral, o grupo de participantes do projeto ser muito heterogéneo em termos de idade foi interessante porque possibilitou que os mais novos e mais velhos falassem sobre as suas vivências e experiências uns com os outros. Esta partilha foi, por um lado, benéfica e significativa porque criou momentos de aprendizagem para ambos. Todavia, por outro lado, também gerou, às vezes, momentos de tensão e de controvérsia, o que inibiu algumas pessoas de partilhar com franqueza as suas opiniões sobre determinados assuntos. Por vezes, alguns dos utentes vieram falar comigo depois da atividade, em privado, para me dar a sua *“verdadeira”* opinião sobre determinados assuntos que tinham sido, anteriormente, abordados em grupo. De qualquer forma, foi um gosto imenso ter tido a possibilidade de abordar estas questões com os utentes, que com o decorrer do tempo e a convivência foram demonstrando uma maior abertura para a reflexão sobre as mesmas.

Através das conversas que fomos tendo, tanto durante as atividades do projeto, como em contextos mais informais, foi possível observar que a evolução relativamente às questões de género está a acontecer, embora ela seja sempre mais lenta do que gostaríamos. Mesmo se, por vezes, até os participantes com mais idade ofereceram perspetivas um pouco mais *“modernas”*

do que é expectável para um homem e para uma mulher na nossa sociedade, também é verdade que alguns preconceitos e estereótipos (por exemplo, relativamente à homossexualidade, à ideia de resolver os problemas com violência, à ideia de que a mulher deve “governar a casa” e que o homem deve apenas “ajudar”, conferindo à mulher o papel de responsável pelas lides domésticas) permanecem ainda muito enraizados no espírito de alguns.

Tendo em conta os resultados das observações, questionários e entrevistas, entendo que os objetivos inicialmente delineados foram atingidos. Através das diversas atividades foi possível determinar o papel da utilização de ferramentas artísticas para o empoderamento dos homens acolhidos em casa – abrigo e implementar estratégias de intervenção centradas na igualdade de género promotoras do empoderamento dos homens vítimas de violência doméstica acolhidos em casa de abrigo.

Nalgumas atividades a sensibilização para a igualdade de género em conjunto com determinados mediadores artísticos, funcionou como meio para empoderar os participantes, na medida em que se abordaram vários assuntos pertinentes relacionados com as desigualdades de género que afetam tanto mulheres como homens na nossa sociedade patriarcal. Noutras atividades, os mediadores artísticos funcionaram como uma ferramenta para empoderar os utentes promovendo ao mesmo tempo a reflexão sobre os sonhos/desejos e planos para o futuro.

O projeto “Empoder’Arte Com igualdade” focou-se, pois, no empoderamento individual dos participantes com ações, através das quais se procurou desenvolver a participação, a consciência crítica, a autoestima e a competência dos sujeitos. O objetivo foi ajudar as vítimas de violência doméstica a descobrirem as suas capacidades e recursos, facilitando assim a tomada de decisões e fomentando a confiança em si e nos outros, levando-as a entender que podiam ter controlo sobre a sua própria vida (Walker, 1994 apud Matos & Machado, 1999). Tal como podemos ler na revisão da literatura e como pude testemunhar na prática, as ferramentas artísticas podem efetivamente contribuir para o empoderamento dos sujeitos (Hacking et al., 2008), já que, entre outras coisas, estas fomentam o pensamento crítico e aumentam a autoconfiança (Carrasco et al. 2016). Parafraseando Deborah Haynes (1997, p.48), a arte é, de facto uma “poderosa ferramenta para a mudança das consciências e para a criação da mudança social”.

4. Notas conclusivas e recomendações para o futuro

A realização deste estágio foi uma excelente oportunidade para aprofundar conhecimentos relativos à problemática da violência doméstica. Ao mesmo tempo, também me permitiu perceber melhor como funciona uma casa abrigo, quais as suas dinâmicas e descobrir um público que me era mais ou menos desconhecido. O contacto direto com homens vítimas de violência doméstica derrabou alguns dos meus preconceitos e veio reforçar a ideia de que o feminismo é mesmo para todos, fazendo minhas as palavras de bell hooks. À medida que ia avançando no estágio e na implementação das atividades do PEACI, as ideias feministas que me acompanham há muito, ganhavam ainda mais força e lucidez no meu espírito. A igualdade de género é de facto o caminho para combater a violência doméstica perpetrada contra homens e mulheres. Como disse a Dr.^a Catarina durante a entrevista, *“saberemos que existe uma verdadeira igualdade de género quando os homens também conseguirem reconhecer-se e assumir-se enquanto vítimas”*. Nas suas palavras, *“os homens são privados dos afetos, da sensibilidade, não lhes é reconhecida a sua dependência emocional e a possibilidade de manifestarem os seus próprios sentimentos; eles tendem a internalizar o sofrimento e quando não cumprem o papel de género que é esperado deles, sentem vergonha. Os homens também sentem que não têm direito aos filhos, pois para eles os filhos são das mães, mesmo quando as mães são agressoras e quando eles reconhecem que eles próprios têm mais envolvimento com os filhos”*.

E a igualdade de género, ao procurar restabelecer o equilíbrio de direitos, deveres e oportunidades entre homens e mulheres, tem um papel fundamental para mudar o *status quo*, contribuindo para uma sociedade mais justa para todos/as. Como sabemos, a forma diferenciada como os meninos e as meninas são educados e socializados tem um grande impacto na vida adulta de todos/as. Na nossa sociedade não encorajamos os meninos a expressar as emoções, a ser afetuosos e a cuidar, não os encorajamos a participar nas tarefas domésticas, desresponsabilizando-os das mesmas. Todos estes fatores conjugados acabam por condicioná-los, impedindo a sua autonomia e, conseqüentemente, reforçando a sua dependência a terceiros. Sensibilizar para a igualdade de género é essencial e libertador, pois assume que todos/as são iguais em termos de direitos e deveres e que, por isso devem ter as mesmas oportunidades e responsabilidades.

Ao implementar o PEACI procurei, à minha medida, contribuir para esta sensibilização. O projeto foi um belo desafio que me coloquei a mim mesma e aos participantes.

Antes de avançar, li muito sobre o tema, levei “emprestadas” algumas ideias de atividades realizadas no âmbito de projetos semelhantes e pensei em muitas formas diferentes de cativar o interesse dos participantes. No fundo, procurei, com a ajuda de muitos autores e especialistas no assunto, construir um projeto que oferecesse alguma leveza, cor e esperança a um lugar muitas vezes “pesado”, onde o sofrimento das pessoas acolhidas é palpável. Um projeto que oferecesse aos homens acolhidos, experiências novas e emoções positivas, e onde também pudesse espalhar algumas sementes sobre a igualdade para todos e todas, procurando assim fomentar uma cultura de paz e de solidariedade em relação ao género (tal como no projeto laboratórios de género de Rechená & Furtado, 2019). Finalmente, um projeto cujo foco não fossem as experiências de violência dos senhores acolhidos na casa, mas sim a sua reconstrução após estas vivências. Interessava que os utentes refletissem nas suas esperanças para o futuro e contribuir para que eles se sentissem mais valorizados, empoderados e motivados a prosseguir, apesar das situações difíceis em que se encontravam. E assim, se avançou com o “Empoder’ Arte com igualdade”. A sua implementação foi muito gratificante, mas também muito exigente.

Uma das dificuldades principais foi levar as vítimas a aderir a atividades que exigiam alguma introspeção, reflexão e autoanálise, por razões que já vimos anteriormente. Como afirmou a Dra. Catarina, “... a dificuldade maior é sempre iniciar a atividade. Depois de começar, os utentes acabavam por apreciar as atividades, envolvendo-se e reconhecendo os benefícios”. Nas palavras da doutora, (os utentes, ao verem expostos os trabalhos que fizeram no âmbito do PEACI) “*ficam todos contentes quando vêm aqui e dizem fui eu que fiz Doutora!*”, “*Eu consegui, nunca pensei que conseguisse fazer uma coisa destas!*” (ao longo do projeto e apesar das dificuldades, os utentes) “*ficavam orgulhosos com o resultado daquilo que conseguiam, o que contribuiu para aumentar a sua autoestima (...) nos dias seguintes, falavam disso (de determinada atividade) com grande entusiasmo e orgulho, e vinham-me mostrar o que realizaram*”.

Outra dificuldade que, numa próxima oportunidade, convém ter em consideração, tem a ver com os horários de saída (previamente definidos) que, por vezes, colidiam com os horários das atividades do projeto: os utentes tinham receio de não conseguir sair e mostravam-se menos disponíveis para participar. No trabalho com este público é, de facto, fundamental, lembrarmos que são pessoas que se encontram muito focalizadas no presente, e na satisfação das suas necessidades imediatas, e procurar encontrar um meio termo favorável para todos os envolvidos.

O projeto também me ofereceu a possibilidade de descobrir vários artistas diferentes que se mobilizam pela igualdade de gênero, e admirar a sua arte seja ela qual for: a fotografia, a pintura, a ilustração, o grafite ou a música. Foi um gosto imenso ter dado a conhecer, aos participantes, os trabalhos destes criativos que lutam por um mundo melhor. Naturalmente, muitos ficam ainda por descobrir e por revelar.

O conjunto de atividades que implementei no âmbito do “Empoder’ Arte com igualdade” foi, na minha perspectiva, adequado ao grupo de pessoas a quem era dirigido, aos recursos humanos, materiais e financeiros disponíveis, ao tempo que eu própria poderia disponibilizar e à disponibilidade dos utentes, enfim, às circunstâncias da vida de cada um. Partilho com a Dr.^a Catarina N. a constatação de que *“as atividades do PEACI foram importantes porque trabalharam e abordaram temas muito diversificados, oferecendo aos utentes, uma oportunidade de experienciarem coisas novas e de refletirem sobre temáticas particularmente relevantes, sendo que muitas delas estão na origem da própria vitimação”*. Nas suas palavras, o PEACI foi um projeto *“interessante mesmo e com muito potencial”*.

Espero que, no futuro, mais projetos desta natureza possam ser desenvolvidos, não só junto de vítimas de violência doméstica, mas também junto de outros grupos, estejam eles numa situação de vulnerabilidade social ou não, como crianças, jovens, adultos, mulheres, comunidade LGBT, pessoas de idade adulta avançada, etc. Para a Dr.^a Catarina N., *“implementar mais projetos desta natureza seria muito importante e benéfico, pelo que até deveriam ser extensíveis a outras respostas e entidades, como por exemplo, a escolas, para trabalhar estas temáticas com os jovens”*.

Na casa de abrigo para homens, parece existir interesse em dar continuidade a mais projetos deste tipo. No entanto, segundo a diretora técnica da estrutura, *“a falta de recursos financeiros para os aplicar acaba por ser uma dificuldade importante para se ir mais longe”*. Mesmo assim, apesar destes obstáculos parece-me importante propor, na medida do possível naturalmente, atividades que vão ao encontro das suas necessidades e interesses. Durante as entrevistas, quase todos os participantes disseram sentir a necessidade de praticar mais atividade física e mais atividades de lazer. Um deles também afirmou que seria importante criar, na resposta, uma biblioteca pois, como diz *“para algumas pessoas faz muita falta ler”*. Ficam estas ideias em aberto para projetos futuros.

Penso que, o que importa em projetos desta índole ou de outra natureza, é não perder o foco, ajustá-lo às características (competências, limitações, interesses, idade...) do público-alvo e aos recursos disponíveis, refletir em formas criativas e cativantes de realizar as atividades, ter em consideração as propostas dos participantes e claro, adotar sempre uma postura conforme

os valores e princípios que defendemos. Penso que são estas as ideias-chave para que um projeto seja bem-sucedido.

Noutras oportunidades e noutros desafios poderia ser interessante desenvolver as seguintes ações:

- Colaborar com artistas locais e realizar uma atividade sob a sua orientação, cujo resultado fosse apresentado à comunidade. Essa atividade conjunta poderia ter como objetivo a sensibilização da comunidade para determinado problema social (como a sensibilização para a violência doméstica, no namoro, etc.);

- Oferecer a oportunidade de experimentar outros mediadores artísticos como a tapeçaria, o tear, o *upcycling*, o *grafitti*; experimentar também a música ou a dança;

- Desenvolver “ateliers da masculinidade” exclusivos a rapazes e a homens onde os indivíduos pudessem falar livremente e sem julgamentos, sobre a masculinidade tóxica, partilhar dificuldades e dúvidas, onde se conversasse sobre as desigualdades de género e da necessidade de mudar de comportamentos e posturas no sentido de contribuir para um mundo mais igualitário e justo (tal como podemos ver no filme-documentário “o silêncio dos homens”).

- Desenvolver grupos de discussão sobre diversos temas relacionados com a desigualdade de género, abertos a homens/rapazes e mulheres/raparigas. Estes são apenas alguns exemplos do que pode ser feito para fomentar o empoderamento dos indivíduos de um modo criativo e sustentado nos valores da igualdade de género.

Numa resposta social do tipo casa abrigo, o empoderamento dos indivíduos pode ser trabalhado através da arte, mas também através da participação numa horta comunitária, numa biblioteca improvisada, na qual se promovam hábitos de leitura ou através de uma atividade desportiva que se faça individualmente ou em grupo, tal como sugeriram os utentes que entrevistei. De qualquer modo e tal como afirmou a Dr.^a Catarina N., *“o futuro passa por implementar ações menos convencionais, inovadoras e mais cativantes para as pessoas que acompanhamos”*. Precisamos de pensar “mais fora da caixa”, de uma forma mais criativa, cativante e lúdica para as pessoas que acompanhamos, com a ressalva de que este tipo de ações, constituem apenas um complemento ao processo de empoderamento, o qual, como vimos engloba muitos outros elementos e questões.

Terminei o estágio com a consciência de que fiz o que me foi possível e aquilo a que me propus. O trabalho que aqui foi iniciado não está, de todo, concluído (ou pelo menos, assim espero). Naturalmente, o empoderamento de pessoas neste tipo de contextos (e noutros) é um processo que se vai desenvolvendo e construindo com o tempo, e que no fundo, nunca se

termina completamente. Resta-me agora esperar que as aprendizagens e partilhas que foram feitas com os utentes da casa sejam transmitidas a outros/as e às gerações vindouras e que o trabalho realizado possa ser enriquecido, melhorado e sublimado por outros/as colegas que, como eu, acreditem que a igualdade de género é o caminho para uma sociedade mais justa para todos e todas os que dela fazem parte.

Referências bibliográficas

Aires, L. (2015). Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. Universidade Aberta.

Associação de Apoio à Vítima (APAV) (2019). Estatísticas APAV - Homens vítimas de violência doméstica 2013-2018.
https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_VD_Homens_2013_2018.pdf

Associação de Apoio à Vítima (APAV) (2020). Folha informativa - Homens vítimas de violência nas relações de intimidade.

https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/FI_HomensVitimas_2020.pdf

Associação de Apoio à Vítima (APAV) (2021). Estatísticas APAV – Homens Vítimas de Violência Doméstica 2021.

chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://apav.pt/apav_v3/images/Homens_Adultos_Vi%CC%81timas_de_Viole%CC%82ncia_Dome%CC%81stica_-_relato%CC%81rio_tema%CC%81tico_-_2021.pdf

Associação para o Planeamento da Família - APF (2023). Igualdade de género, um direito humano.

[https://apf.pt/informacao-tematica/violencia-sexual-e-de-genero/igualdade-de-genero/.](https://apf.pt/informacao-tematica/violencia-sexual-e-de-genero/igualdade-de-genero/)

Associação Plano I – Para a Igualdade e Inclusão (2023). Projetos.
<https://www.associacaoplanoi.org/projetos/>

Barker, G. (2016). Male violence or patriarchal violence? Global Trends in Men and Violence. In *Sexualidad, Salud y Sociedad, Revista Latinoamericana*, n. 22, pp. 316-330. Universidade de Coimbra.

<http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.22.14.a>

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos. In *Colecção Ciências da Educação*. Porto Editora.

Botton, A. (2014, outubro 24). What is art for? Alain de Botton's animated guide. *Art and design* (vídeo). Youtube.

<https://www.youtube.com/watch?v=ZVIQOytFCRI>

Braun, V. & Clarke, V. (2013). Successful qualitative research: A practical guide for beginners. Sage.

Butler, J. (1988). Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory. *Theatre Journal*, 40(4), pp. 519-531.

10.2307/3207893

Cáritas Portuguesa (2022). Missão.

<https://caritas.pt/>

Caritas Diocesana de Aveiro – CDA (2023). Projeto Casa Abrigo para Homens Vítimas de Violência Doméstica.

<https://www.caritasaveiro.pt/project/casa-abrigo-para-homens-vitimasde-violencia-domestica/>

Carmo, H. & Ferreira, M. M. (2008). Metodologia da investigação - *Guia para Autoaprendizagem* (2ª edição). Universidade Aberta.

Carrasco, R., Monferref, M. & Tarditi, A. (2016). Exploring links between empowerment and community- based arts and cultural practices: perspectives from Barcelona practitioners.

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13603116.2015.1047659>

Casa Qui – Associação de Solidariedade Social (2023). Serviços.

<https://www.casa-qui.pt/index.php/servicos>

Catalá, M. S. (2009). Empoderamiento Personal, Transformación Social e Liderazgo, *Sobre violencia: educando desde la perspectiva de género III*. Fundacion Isonomía de la

Universitat Jaume I., pp. 3-29.

<http://isonomia.uji.es/wpcontent/uploads/2014/01/PDF-GTV-2009.pdf>, data de consulta 02.06.2014.

Carvalho, A. D. & Baptista, I. (2004). Educação Social: Fundamentos e estratégias. Porto Editora.

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género – CIG (2009). Violência Doméstica: encaminhamento para casa de abrigo. Coleção Violência de Género. https://www.cig.gov.pt/siic/pdf/2014/siic-VD1_casa_abrigo.pdf

Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género – CIG (2019). Rede Nacional de Apoio às vítimas de Violência doméstica (RNAVVD).

<https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2019/01/Rede-Nacional-de-Apoio-%C3%A0s-Vitimas-de-violencia-dom%C3%A9stica.pdf>

Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género – CIG. (2020). Estruturas de Atendimento para Vítimas de Violência.

<https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/03/TABELA-ESTRUTURAS-ATENDIMENTO-CENTRO-1.pdf>

Comissão para a Igualdade de Género – CIG (2021). Enquadramento.

<https://www.cig.gov.pt/area-a-cig/enquadramento/>

Connell, R. W. (1995). Políticas da masculinidade. Educação e realidade.

Connell, R. W. (2005). Masculinities (2 ed.). Polity.

Connell, R.W. & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemónica: repensando o conceito. In Revista Estudos Feministas.

Coovadia, A. (2017). We don't need another hero, by Barbara Kruger (imagem online). Medium.

<https://medium.com/@aaliacoovadia/postmodern-features-explained-through-we-dont-need-another-hero-by-barbara-kruger-b7a1668fc683>

Correia, M. C. B. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. In Pensar Enfermagem.

<https://docplayer.com.br/26395846-A-observacao-participante-enquantotecnica-deinvestigacao.html>

Cruz, M. (2014). A Crítica Feminista à Ciência e Contribuição à Pesquisa nas Ciências Humanas. In *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 7 (12), pp. 15-28. <https://doi.org/10.20952/revtee.v0i0.2949>

Decreto Regulamentar n.º 2/2018, de 24 de janeiro. In *Diário da República* n.º 17/2018: Série I (2018), pp. 674 – 684.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-regulamentar/2-2018-114561723>

Dias, I. (2000). A violência doméstica em Portugal: Contributos para a sua visibilidade. In *IV Congresso Português de Sociologia*. Associação Portuguesa de Sociologia Publicações. <http://hdl.handle.net/10216/19973>

Dias, I. (2008). Violência e género em Portugal: abordagem e intervenção. In *Cuestiones de Género: de la igualdad y la diferencia*, nº 3, pp. 153-171.

<https://doi.org/10.18002/cg.v0i3.3829>

Dias, I. (2010). Violência doméstica e justiça Sociologia: Respostas e desafios. In *Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, pp. 245-262. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8796.pdf>

Dias, I. (1998). Estratégias de pesquisa qualitativa no estudo da violência na família. Faculdade de Letras do Porto.

<https://hdl.handle.net/10216/8487>

Dias, M. I. C. (1994). O inquérito por questionário: problemas teóricos e metodológicos gerais. Faculdade de Letras do Porto.

<chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/104265/2/193141.pdf>

Dim, E. E. (2020). Experiences of physical and psychological violence against male victims in Canada: A qualitative study. In *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, pp. 1–26.

<https://doi.org/10.1177/0306624X20911898>

Direção-Geral da Política de Justiça (DGPJ) (2023). Artigo 13.º da Constituição da República Portuguesa - Princípio da Igualdade.

<https://dgpj.justica.gov.pt/Documentos/Igualdade-e-nao-discriminacao/Igualdade-entre-mulheres-e-homens>.

Duarte, M. (2012). O lugar do Direito nas políticas contra a violência doméstica. In *Ex aequo*, n.º 25, pp. 59-73.

<http://hdl.handle.net/10316/41938>

Durães, M. (2020, janeiro 31). Um (des)guia para ser um real macho ou para acabar com a masculinidade tóxica (Vídeo Campanha Equi-x). Público.

<https://www.publico.pt/2020/01/31/p3/video/desguia-para-ser-real-macho-acabar-masculinidade-toxica-20200131-160146>

Eisner, E. (2002). Arts and Creation of Mind: Introduction. In *The role of the arts in transforming consciousness*, pp. 1-24. Yale University Press.

Elliott, J. (1993). El cambio educativo desde la investigación-acción. Ediciones Morata.

Enakele, A. S. (2019). Domestic violence against men: prevalence, implications and consequences. In *Socialinis darbas*, 24(2), pp. 29-43. Masaryk University.

<https://doi.org/10.7220/2029-5820.24.2.2>

Faria, D. (1998). Homens que são como lugares mal situados. Fundação Manuel Leão.

<https://livraria.fmleao.pt/produto/homens-que-sao-como-lugares-mal-situados/>

Fazenda, I. (2003). Empowerment e participação, uma estratégia de mudança. Centro Português de Investigação, História e Trabalho Social.

<chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.adeb.pt/files/upload/artigos/empowerment-e-participacao-fazenda.pdf>

Fernhout, M. (2018). What real men cry like (imagem online).

<https://fmpniamhmaiphotography.wordpress.com/2018/06/04/what-real-men-cry-like-maud-fernhout/>

Ferreira, S. P. (2014). Teatro e Igualdade de Género: Uma intervenção social e artística – Relatório de estágio. Instituto Politécnico de Lisboa – Escola Superior de Teatro e Cinema.

<https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/4423>

Freire, P. (1973) Education for Critical Consciousness. Continuum Publishing Company.

Freire, P. (1972). *Pedagogia do Oprimido*, Editora Afrontamento.

Freire, Paulo (2013). *Pedagogia da Tolerância*. Paz e Terra.

Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.

Garner, L. (2015). Creative Expression: Effectiveness of a Weekly Craft Group with Women Who Have Experienced Trauma. *Open Journal of Nursing*, 5(02), pp. 96–103.

<https://doi.org/10.4236/ojn.2015.52011>

Gatenby, B. & Humphries, M. (2000). Feminist participatory action research methodological and ethical issues. In *Women's Studies International Forum*, vol. 23, n°. 1, pp. 89–105.

Gil, A. (2012). (In)visibilidades e paradoxos na violência contra as pessoas idosas. In *VII Congresso Português de Sociologia – Sociedade, Crise e Reconfigurações*, p. 1-10. Associação Portuguesa de Sociologia.

Goffinet, S. A. (2018). L'empowerment, un concept à s'approprier en alpha ?. In *Lire et Écrire Communauté française*.

chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://lire-et-ecrire.be/IMG/pdf/l_empowerment_un_concept_a_s_approprier_en_alpha.pdf

Guerra, I. (2002). *Fundamentos e processos de uma sociologia de ação – O planeamento em ciências sociais*. Príncípia.

Guerra, P. & Campos, R. (2023). *Combart: Arte, ativismo e cidadania. Utopias e futuros imaginados*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<https://10.21747/9789899082540/comb>

Hacking, S., Secker, J., Spandler, H., Kent, L. & Shenton, J. (2008). Evaluating the impact of participatory art projects for people with mental health needs: Evaluating art and mental health. In *Health & Social Care in the Community*, 16(6), pp. 638–648.

<https://doi.org/10.1111/j.1365-2524.2008.00789.x>

Haynes, D. J. (1997). *The Vocation of the Artist*. The University Press.

Huntley A.L., Potter L, Williamson E., Malpass, A., Szilassy, E. & Feder, G. (2019). Helpseeking by male victims of domestic violence and abuse (DVA): a systematic review and qualitative evidence synthesis. *BMJ Open*.

[10.1136/bmjopen-2018-021960](https://doi.org/10.1136/bmjopen-2018-021960)

hooks, b. (2000). *Feminism is for everybody, passionate politics*. South End press.

https://excoradfeminisms.files.wordpress.com/2010/03/bell_hooksfeminism_is_for_everybody.pdf

hooks, b. (2003). *Teaching community: A pedagogy of hope*. Routledge.

<https://www.are.na/block/7529567>

Kazmierczak, E. T. (2017). Engaging communities through an Art Program at a Domestic Violence Shelter. . In *Handbook of Research on the Facilitation of Civic Engagement through Community Art*. University of Illinois at Urbana-Champaign, USA.

Leite, A. P. (2019). Paulo Freire e Arte Educação – Considerações sobre a estética freireana e a arte na educação/formação. In *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, nº 54, p.85-104. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCE-UP).

Lisboa, T. K. (2010). Género, feminismo e Serviço Social - encontros e desencontros ao longo da história da profissão. In *Revista Katálysis*, v. 13, nº 1, p. 66-75, jan./jun.

Ludovino, T. (2019). Manual EMAV: Atendimento e encaminhamento de vítimas de violência doméstica e de género, procedimentos & roteiro de recursos. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Macedo, A. G. & Amaral, A. L. (org.) (2005). Dicionário da Crítica Feminista. Editora Afrontamento.

Machado, A., Hines, D. & Douglas, E. M. (2020). Male victims of female-perpetrated partner violence: A qualitative analysis of men's experiences, the impact of violence, and perceptions of their worth. In *Psychology of Men & Masculinities*, 21(4), pp. 612–621. <https://doi.org/10.1037/men0000285>

Machado, A. & Matos, M. (2012). Homens de quem não se fala: As vítimas esquecidas da violência na intimidade.

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/30893>

Machado, A., Hines, D., & Matos, M. (2018). Characteristics of Intimate Partner Violence Victimization Experienced by a Sample of Portuguese Men. *Violence and Victims*, 33(1), pp. 157-175.

<https://doi.org/10.1891/0886-6708.33.1.157>

Magalhães, M. J.; Teixeira, A. M., Dias, A. T.; Cordeiro, J., Silva, M. & Mendes, T. (2017). *Prevenir a Violência, Construir a Igualdade*. UMAR.

http://artthemis.umarfeminismos.org/wpcontent/uploads/2020/12/2017_MJMetal_LivroArt_Themis.pdf

Making Art Happen (2012). Forcado, de Rineke Dijkstra: A retrospective (imagem online).

<https://makingarthappen.com/2012/07/13/rineke-dijkstra-a-retrospective/>

Marques, N. (2021). *Os homens também choram, histórias da nova masculinidade*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Martins, D.C. S. (2012). *Arte-terapia e as potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos – Mestrado em Educação artística*. Universidade de Lisboa - Faculdade de Belas Artes.

chromeextension://efaidnbmnmnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10008/2/ULFBA_TES665.pdf

Matos, A.F.P. (2021). *Experiências e significados da casa abrigo para homens vítimas de violência na intimidade*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Escola de Psicologia e Ciências da Vida.

Matos, M. & Machado, C. (1999). *Violência conjugal e o modelo de intervenção em crise*. In *Psicologia: teoria, investigação e prática*, pp. 373-388.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto Editora.

Monteiro, I. (2016). Virulência doméstica e a capacidade infecciosa da arte: Arte-Terapia com vítimas de violência doméstica. In *Arte Viva Revista portuguesa de Arte-Terapia*, nº6, out. 2016.

https://arteterapia.com/wpcontent/uploads/2013/09/Arte_Viva_2016_2017_finalRev_logo_ok-1.pdf

Mouro, D. (2020). Expo vozes contra o racismo (imagem online).

<https://diegomouro.com.br/Vozes-Contra-o-Racismo>

Nascimento, A. R. A., Trindade, Z. A., Gianordoli-Nascimento, I. F., Pereira, F. B., Silva, S. A. T. da C., & Cerello, A. C. (2011). Masculinidades e práticas de saúde na região metropolitana de Belo Horizonte - MG. *Saúde e Sociedade*, 20(1), pp. 182-194.

10.1590/s0104-12902011000100020

Neto, A., Cid, M., Peças, A., Chaleta, E. & Floque, A. (2000). Estereótipos de Género. In *Cadernos Coeducação*. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

Neves, S. (2012). Investigação Feminista Qualitativa e histórias de vida: A libertação das vozes pelas narrativas biográficas. In Magalhães, M.J., Lima Cruz, A. & Nunes, R. (ed.) (2012), *Pelo fio se vai à meada: percursos de investigação através de histórias de vida*. Ela por ela.

Neves, S. & Nogueira, C. (2005). Metodologias Feministas. A reflexividade ao serviço das ciências sociais. In *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (3), pp. 408-412.

Nogueira, C. (2005). Discriminação. *Dicionário da Crítica Feminista*, pp. 40-41. Editora Afrontamento.

Oliveira, A. (1969). Feminismo. In *Enciclopédia Luso-Brasileira*. Verbo.

Ostrower, F. (1999). *Criatividade e Processos de Criação*. Vozes.

Pereira, R. Loinaz, I., Hoyo-Bilbao, J. D., Arrospide, J., Bertino, L., Calvo, A., Montes, Y. & Gutiérrez, M. M. (2017). Proposta de definição de violência filio-parental: consenso da Sociedade Espanhola para o Estudo da Violência Filio-parental (SEVIFIP). In *Papeles del Psicólogo*, 38(3), pp. 216-223.

Perkins, D. D. & Zimmerman, M. A. (1995). Empowerment theory, research, and application. *American Journal of Community Psychology*.

Philippini, A. (2006). *Imagens na palavra*.

<https://www.arteterapia.org.br/pdfs/imaginaspal.pdf>

Philippini, A. (2009). *Linguagens e materiais expressivos em arteterapia: Uso, indicação e propriedades*. Editora Wak.

Pinto, C. (2001). Empowerment, uma Prática de Serviço Social. In *Barata*. ISCSP.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). A pergunta de partida. In *Manual de investigação em Ciências Sociais* (2ª edição), pp.1-16. Gradiva.

Quebrar o Silêncio, (2023). *Sobre nós*.

<https://www.quebrarosilencio.pt/sobre-nos/>

Ramos, A. (2001). *O auto-retrato ou a reversibilidade do rosto - Dissertação de Mestrado*.

Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Rechena, A. & Furtado, T. V. (2019). Género na Arte: Laboratórios de Arte comunitária para empoderamento de mulheres em casas de abrigo. In Cruz, C., Cruz, H., Bezelga, I., Falcão, M. & Aguiar, R. (Coord.), A busca do comum, práticas artísticas para outros futuros possíveis. (2019). Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade – i2ADS.

Reis, A., & Malveiro, M. B. (2020). Violência doméstica e a (in)sustentabilidade das IPSS na prestação de apoio aos homens vítimas de violência. Uma abordagem sociológica das tendências dos contextos e das práticas [Doctorate's thesis, Instituto de Investigação e Formação Avançada]. Repositório da Universidade de Évora. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/27929>

Relatório Anual de Segurança Interna (2019). Vítimas de violência doméstica. <https://www.portugal.gov.pt/downloadficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDA0sAAAQJ%2bleAUAAAA%3d>.

Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) (2021). Evolução das vítimas registadas pelas forças de segurança (número de registos e proporção), por sexo, entre 2016 e 2021 (números e percentagens).

[http://www.ansr.pt/InstrumentosDeGestao/Documents/14Relatório%20Anual%20de%20Segurança%20Interna%20\(RASI\)/RASI%202021.pdf](http://www.ansr.pt/InstrumentosDeGestao/Documents/14Relatório%20Anual%20de%20Segurança%20Interna%20(RASI)/RASI%202021.pdf)

Santos, R. & Rolino, T. (2019). Manual de Promoção de Igualdade de Género e de Masculinidades Não Violentas. Centro de Estudos Sociais.

<http://hdl.handle.net/10316/88683>

Saunders, M., Lewis, P. & Thornhill, A. (2009). *Research Methods for Business Students* (fifth edition). Pearson Education Limited.

Serrano, P. G. (2008). *Elaboração de projetos sociais - Casos práticos*. Porto Editora.

Silva, C. (2015). Inquietações feministas: desafios metodológicos e epistemológicos nos processos de pesquisa. In *Estudos de Sociologia*, vol. nº 1.

Sorensen, B., Mocellin, E. M. & Cenci, C. M. B. (2021). A Lei que Não é Minha: percepção de homens violentados sobre relação conjugal violenta. In *Contextos Clínicos*, vol. 14, nº 3, set./dez. Faculdade IMED.

10.4013/ctc.2021.143.06

Tavares, M. M. P. F. (2008). *Feminismos em Portugal (1947–2007)*. Doutoramento em Estudos sobre as mulheres. Especialidade em História das Mulheres e do Gênero. Universidade Aberta. pp. 1-625.

Tea consent (2017, setembro 15). The famous Tea Consent video - now in Portuguese (vídeo). Youtube.

<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=6uDmDMz1UMY>

Tuckman, B. (2002). *Manual de Investigação em Educação - Como Conceber e Realizar o Processo de Investigação em Educação* (2ª edição). Fundação Calouste Gulbenkian.

Vale de Almeida, M. (1995). *Senhores de si: Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Etnográfica Press.

0.4000/books.etnograficapress.459

Anexos

Anexo I – Informações relevantes para a participação no projeto de estágio “Empoder’Arte Com igualdade”

“Empoder’Arte com Igualdade” é o nome do projeto de estágio que tenciono implementar na casa de abrigo para homens vítimas de violência doméstica da Cáritas Diocesana de Aveiro, para obtenção do grau de mestre no âmbito do curso de mestrado de Estudos sobre as mulheres: género, cidadania e desenvolvimento da Universidade Aberta de Lisboa. O projeto visa contribuir para o empoderamento dos senhores acolhidos e sensibilizá-los para a igualdade de oportunidades para todos e todas, através da utilização de ferramentas artísticas. Nas oficinas de arte que proponho, os participantes terão a oportunidade de participar em diferentes atividades onde poderão experimentar a pintura, a colagem, o desenho, o barro, a escrita criativa, o *role-playing*, etc., sendo ao mesmo tempo, convidados a refletir e a dialogar sobre masculinidades, feminilidades, estereótipos, emoções, relações interpessoais saudáveis, entre outros assuntos de interesse para o projeto. Pretende-se que as oficinas constituam acima de tudo, espaços onde todos se sintam seguros, valorizados, empoderados, focados no momento presente e nos sonhos e desejos para o futuro.

No sentido de determinar o papel da utilização de ferramentas artísticas para o empoderamento dos senhores acolhidos em casa de abrigo, existe a necessidade de proceder à recolha de dados e da avaliação do projeto através da observação direta, de anotações escritas, do registo de gravações de voz e/ou de imagens, fotografias e/ou vídeos das atividades implementadas, assim como da realização de questionários e/ou entrevistas semiestruturadas, as quais deverão, preferencialmente, ser gravadas para assegurar a fidelidade da informação a analisar. Assim sendo, solicita-se, amavelmente, a sua colaboração e participação nas atividades, oficinas do projeto, entrevistas e questionários.

Todas as informações obtidas através dos diversos métodos de recolha de dados são confidenciais e todos os registos áudio e vídeo serão destruídos após o fim do projeto.

Muito obrigada pela sua disponibilidade, colaboração e participação

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, abaixo assinado, declaro que tomei conhecimento dos objetivos e procedimentos do projeto Empoder'ARTE Com Igualdade, a ser realizado, em contexto de estágio, no âmbito do curso de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres: Género, Cidadania e Desenvolvimento, da Universidade Aberta de Lisboa, por Marina Silva sob a supervisão científica da professora Doutora Maria do Rosário Tomás Rosa e que compreendi as explicações (verbais e escritas) que me foram fornecidas acerca do mesmo, sendo este (projeto) orientado por princípios éticos e deontológicos essenciais inerentes a uma investigação académica. Foi-me dada oportunidade de colocar as questões que considere necessárias e obtive respostas satisfatórias para as mesmas.

Foi-me assegurado que os registos em suporte digital – sonoro e de imagem (fotografias, imagens ou vídeos e áudios das atividades do projeto) serão confidenciais e utilizados exclusivamente para efeitos de monitorização e avaliação do projeto em causa.

As informações recolhidas serão anónimas e confidenciais e serão tratadas de acordo com as regras de investigação científica e usadas apenas para os fins académicos anteriormente descritos. Importa ainda referir que, em qualquer altura, sou livre de esclarecer as dúvidas que, eventualmente, me surjam relativamente ao projeto.

No fim do projeto, todos os participantes poderão ter acesso ao relatório desenvolvido âmbito do referido estágio curricular.

Compreendo que a minha participação é inteiramente voluntária e que poderei desistir de colaborar a qualquer momento, sem qualquer consequência para mim. Deste modo, declaro que aceito livremente participar neste projeto. _____, __/__/____

Nome _____

Assinatura _____

Anexo II - Grelha de notas e observações das atividades do Projeto Empoder'Arte Com Igualdade

Atividade	Data/ Duração	Objetivos	Número de participantes	Pontos positivos	Pontos a melhorar
O Autorretrato					
Colagens sobre o tema “Ser homem” e “Ser mulher”					
Partilha de músicas e canções significativas para os participantes					
Carta a si mesmo - escrita criativa					
Mosaico de azulejo com mensagem de empoderamento					
O meu lugar seguro - escrita criativa, desenho e colagem					
Oficina de olaria					
A caixa da masculinidade: análise de fotografias e visionamento da curta-metragem “(Des)guia para um macho real”					
Análise de casos e visionamento da curta-metragem <i>Tea consent</i>					
Caminhada e reflexão sobre o futuro					

Anexo III – Questionário de avaliações das atividades do projeto Empoder’Arte com Igualdade

O presente questionário serve para avaliar de que forma as atividades de expressão artística realizadas no âmbito do projeto “Empoder’Arte com Igualdade”, integrado no curso de Mestrado sobre as Mulheres: Género, Cidadania e Desenvolvimento da Universidade Aberta de Lisboa, contribuem para o empoderamento dos participantes.

O questionário é anónimo, não devendo por isso identificar-se ou assinar o documento. É importante destacar que não existem respostas certas ou erradas. Por essa razão, solicita-se que responda de forma espontânea e sincera às questões que se seguem. Na maior parte dessas mesmas questões terá apenas de assinalar com uma cruz a sua opção de resposta. Obrigada pela sua colaboração.

Oficina de arte na qual participei: _____

Data: / /

Idade: ____ anos.

Nacionalidade: _____

Naturalidade: _____

Atividade profissional: _____

Habilitações literárias:

Ensino Básico

Ensino Secundário

Ensino Superior

Outro: _____

Tempo de permanência na casa abrigo até ao momento: _____

Durante a atividade senti-me...

Valorizado

Confiante

Motivado

Eficaz

Inspirado

Empoderado

Satisfeito comigo mesmo

Seguro de mim mesmo

Insatisfeito comigo mesmo

7.10. Inseguro de mim mesmo

7.11. Ineficaz

7.12. Frustrado

7.13. Aborrecido

7.14. Desiludido

7.15. Incapaz

7.16. Inibido

Outro: _____

A atividade de expressão artística em que participei ajudou-me a tomar consciência de alguns aspetos que por vezes condicionam a vida das mulheres e dos homens.

Concordo

Discordo

Não concordo nem discordo

A atividade em que participei poderá ser-me útil, tanto no presente como no futuro, para estabelecer relações mais saudáveis com outros homens e com mulheres.

Concordo

Discordo

Não concordo nem discordo

A atividade em que participei poderá contribuir para que, tanto no presente como no futuro, eu seja capaz de aceitar melhor as minhas emoções.

Concordo

Discordo

Não concordo nem discordo

A atividade em que participei poderá contribuir para que, tanto no presente como no futuro, eu seja capaz de expressar as minhas emoções mais livremente.

Concordo

Discordo

Não concordo nem discordo

A atividade em que participei levou-me a refletir sobre os meus desejos, sonhos e projetos para o futuro.

Concordo

Discordo

Não concordo nem discordo

Os assuntos abordados e as reflexões que foram feitas, tanto por mim como por outros, poderão contribuir para a mudança nalguns aspetos da minha vida, tanto no presente como no futuro.

Concordo

Discordo

Não concordo nem discordo

Se concorda, em que aspetos da sua vida pensa que a mudança é possível? _____

Sugestões ou comentários para as próximas sessões:

Obrigada pela sua colaboração

Marina Jesus Silva, mestranda do curso de Mestrado sobre as Mulheres: Género, Cidadania e Desenvolvimento sob a supervisão e orientação da professora Doutora Maria do Rosário Tomás Rosa.

Anexo IV – Guião de entrevista destinada aos utentes da casa-abrigo para homens vítimas de violência doméstica que participaram no Projeto Empoder'Arte Com Igualdade (PEACI)

Objetivo geral: Aceder às perceções dos utentes da Casa-Abrigo relativamente às atividades implementadas no âmbito do PEACI

Antes de iniciar a entrevista:

- Indicar aos entrevistados os objetivos da entrevista
- Relembrar os objetivos do PEACI
- Garantir a confidencialidade das informações recolhidas
- Solicitar autorização para gravar a entrevista
- Agradecer a disponibilidade e a colaboração

Durante a entrevista:

- Perguntar aos utentes a idade, a naturalidade, a profissão e data de admissão na resposta para efeitos de caracterização dos mesmos.
- Colocar questões relacionadas com as atividades do PEACI para:
- Determinar a sua satisfação relativamente às mesmas
- Identificar as emoções e dificuldades que sentiram durante as mesmas
- Determinar se as mesmas contribuíram para o seu empoderamento
- Precisar as aprendizagens que fizeram no âmbito do PEACI
- Determinar a utilidade e a importância das atividades realizadas para os participantes
- Perceber o que poderá, numa próxima oportunidade, ser melhorado

Questões a colocar durante a entrevista:

- Gostaria de começar por lhe perguntar quantos anos tem, de onde vem, o que faz (profissão ou formação) e a data em que entrou aqui na casa de abrigo.
- Falando agora do projeto “Empoder'Arte com Igualdade”, gostaria de lhe perguntar de qual atividade gostou mais e porquê?

- E de qual atividade gostou menos e porquê?
- De uma maneira geral, como se sentiu durante as atividades do projeto?
- O que aprendeu de novo ao longo do projeto?
- Na sua opinião, os assuntos que abordámos e as oficinas artísticas em que participámos foram ou serão úteis para si? E porquê?
- Já alguma vez tinha participado num projeto semelhante ao Empoder'Arte com igualdade? Se sim, como correu?
- Pensa que seria importante implementar mais projetos como este nestas instituições com pessoas que viveram situações idênticas às que viveu? Porquê?
- Tem alguma recomendação a dar para projetos futuros?

Após a entrevista:

- Agradecer a colaboração
- Anotar as observações relativamente ao comportamento verbal e não verbal dos participantes
- Transcrever as entrevistas
- Proceder à análise dos comentários e partilhas dos utentes
- Selecionar a informação mais relevante tendo em conta os objetivos do PEACI

Anexo V – Guião de entrevista destinada à diretora técnica da casa-abrigo para homens vítimas de violência doméstica

Objetivo geral: Aceder às perceções da Dr. ^a Catarina Neves relativamente ao projeto “Empoder’Arte com Igualdade”.

Antes de iniciar a entrevista:

- Indicar à entrevistada os objetivos da entrevista
- Relembrar os objetivos do PEACI
- Garantir a confidencialidade das informações recolhidas
- Solicitar autorização para gravar a entrevista
- Agradecer a disponibilidade e a colaboração

Durante a entrevista:

- Perguntar à diretora técnica da CA o nome, formação académica e funções que desempenha na resposta e há quanto tempo;
- Adquirir informações concretas sobre o funcionamento da resposta, dificuldades que enfrenta no desempenho das suas funções, características gerais dos utentes da CA e dos agressores/as, formas de violência mais prevalentes

Colocar questões relacionadas com as atividades do PEACI no sentido de:

- Determinar as suas perceções relativamente às mesmas em termos de utilidade e relevância para os utentes da resposta
- Determinar se, na sua perspetiva, as atividades do PEACI contribuíram para o empoderamento dos utentes
- Perceber o que poderá ser melhorado, numa próxima oportunidade
- Perceber se existe vontade institucional em implementar mais projetos desta índole no futuro

Questões a colocar durante a entrevista:

- Gostaria então de começar por lhe perguntar o seu nome, a sua profissão, as funções que tem aqui na casa de abrigo para homens vítimas de violência doméstica e há quanto tempo exerce funções nesta resposta social?
- Relativamente a esta resposta social, poderia por favor, falar-me um pouco mais sobre ela, em termos de funcionamento (condições de admissão, acompanhamento de uma forma breve e geral, quanto tempo os senhores podem aqui ficar, que tipo de atividades são aqui desenvolvidas, etc.)? E relativamente aos utentes, quais as características gerais dos senhores aqui acolhidos, quais são os tipos de violência com maior prevalência, quem são os agressores de uma forma geral, quais as dificuldades que sente na sua intervenção com este público?
- Já alguma vez se realizou, nesta resposta social, algum projeto semelhante ao “Empoder’Arte com igualdade”, isto é, que tivesse como objetivo trabalhar o empoderamento dos utentes através de ferramentas artísticas e da sensibilização para a igualdade de género?. Se sim, como correu?
- Na sua opinião, como é que o projeto “Empoder’Arte com igualdade” tem sido recebido pelos utentes?
- Considera importantes e benéficas as atividades que se têm vindo a implementar no âmbito do projeto “Empoder’Arte com igualdade”? Porquê?
- Para si, qual foi a atividade do projeto “Empoder’Arte com igualdade” que teve mais impacto entre os utentes da casa abrigo? Porquê?
- Na sua opinião, considera que é relevante trabalhar o empoderamento com esta população e abordar questões como a masculinidade tóxica, as desigualdades entre homens e mulheres ou os estereótipos de género? Porquê?
- Na sua perspetiva, pensa que seria importante e necessário implementar mais projetos como este no futuro, junto desta população? Existe interesse por parte da instituição?

Após a entrevista:

- Agradecer a colaboração
- Transcrever a entrevista
- Proceder à análise dos comentários da diretora técnica da CA
- Selecionar a informação mais relevante tendo em conta os objetivos do PEACI